

Universidade de Lisboa

Faculdade de Letras



**Fronteiras culturais no contexto da europeização  
Relatório de estágio realizado no Instituto Cultural Romeno em Lisboa**

**Alina Elena Paraschiv**

Relatório de Estágio

Mestrado em Cultura e Comunicação

2014

Universidade de Lisboa

Faculdade de Letras



**Fronteiras culturais no contexto da europeização**  
**Relatório de estágio realizado no Instituto Cultural Romeno em Lisboa**

**Alina Elena Paraschiv**

Relatório de estágio orientado pelo Professor Doutor Manuel Frias Martins

Mestrado em Cultura e Comunicação

2014

## Índice

<b>Agradecimentos .....</b>	<b>2</b>
<b>Resumo .....</b>	<b>3</b>
<b>Abstract .....</b>	<b>4</b>
<b>Siglas .....</b>	<b>5</b>
<b>Introdução .....</b>	<b>6</b>
<b>Capítulo I – Contextos.....</b>	<b>9</b>
<b>1. Cultura e estudos culturais.....</b>	<b>10</b>
<b>2. Europeização.....</b>	<b>13</b>
2.1. A europeização: definições, modelos e perspectivas .....	13
<b>3. Europa cultural: valores e interesses comuns .....</b>	<b>21</b>
3.1. Políticas culturais europeias vs. políticas culturais nacionais .....	25
3.2. Fronteiras culturais.....	35
3.3. Redes culturais.....	38
<b>Capítulo II – O Instituto Cultural Romeno .....</b>	<b>43</b>
<b>1. Histórico.....</b>	<b>44</b>
<b>2. Estrutura e objetivos.....</b>	<b>50</b>
2.1. A Rede dos Institutos Culturais Romenos .....	52
<b>3. ICR na EUNIC.....</b>	<b>55</b>
<b>4. O Instituto Cultural Romeno em Lisboa.....</b>	<b>58</b>
4.1. Estágio no ICRL .....	58
4.2. Missão .....	59
4.3. Público-alvo .....	61
4.4. Agenda cultural.....	62
<b>Conclusão.....</b>	<b>76</b>
<b>Bibliografia .....</b>	<b>79</b>
<b>Outras Referências .....</b>	<b>84</b>
<b>Anexo 1 .....</b>	<b>88</b>
<b>Anexo 2 .....</b>	<b>92</b>

## **Agradecimentos**

A realização deste relatório tornou-se possível graças à colaboração e aos contributos, de forma direta ou indireta, de várias pessoas e instituições. Gostaria de agradecer:

Ao Professor Doutor Manuel Frias Martins pela sua disponibilidade para a orientação deste trabalho, pela ajuda na definição do objeto de estudo, pelas opiniões e sugestões, mas também por todo o conhecimento transmitido ao longo das aulas, pelo apoio e pelos conselhos que foram de grande ajuda em todo o meu percurso académico na Faculdade de Letras.

À minha supervisora e orientadora de estágio, Marinela Banioti, pela receptividade, compreensão e pela total colaboração no solucionar de dúvidas e problemas, pela confiança que me concedeu e pelo contínuo incentivo. De igual maneira gostaria de exprimir o meu reconhecimento e agradecimento à Roxana Rîpeanu, que acompanhou o meu estágio como uma segunda orientadora, e ao resto da equipa do ICRL, nomeadamente ao diretor Daniel Nicolescu e vice-diretor Gelu Savonea.

À professora Ana Paula Laborinho que me despertou o interesse pelas políticas culturais.

Ao João Gonçalves, pelo empenho e disponibilidade na correção de todo o trabalho, pela paciência e pela habilidade de decifrar palavras e frases de uma língua desconhecida.

À Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa e à Biblioteca da FLUL por todas as condições proporcionadas para a realização deste mestrado.

Ao Instituto Cultural Romeno em Lisboa e ao Ministério dos Negócios Estrangeiros da Roménia por aceitarem o meu estágio.

Por último, mas não menos importante, gostaria de agradecer aos meus pais, pelo apoio incondicional, pela compreensão e contínuo encorajamento.

Gostaria de dedicar este trabalho a todas as pessoas mencionadas acima, sem as quais a realização deste relatório não teria sido possível.

## **Resumo**

A percepção da cultura romena no estrangeiro foi influenciada pelos estereótipos criados por um dos mais duros regimes comunistas do Leste da Europa. A experiência do isolamento cultural dos anos de ditadura, alimentou a necessidade da Roménia de configurar a imagem externa do país. No início dos anos '90 as políticas culturais não eram uma prioridade para o Estado, mas posteriormente, sobretudo com a pressão da adesão à União Europeia, desenvolveram-se estratégias diplomáticas e culturais. Neste contexto, o papel das filiais do Instituto Cultural Romeno (ICR) tornou-se cada vez mais importante, tendo a missão de mudar esses estereótipos criados ao longo do tempo.

Atualmente, as atividades do ICR abrangem uma grande variedade de temas e domínios e têm como objetivo principal o aumento da visibilidade da cultura e civilização romena no mundo. Através dos seus programas, o ICR facilita por um lado a integração das comunidades romenas residentes no estrangeiro, e por outro lado tem o papel de apresentar aos estrangeiros a cultura romena viva e autêntica, esbatendo, em ambos os casos, as fronteiras culturais.

O presente trabalho constitui o Relatório de estágio realizado no Instituto Cultural Romeno em Lisboa (ICRL), no âmbito do mestrado em Cultura e Comunicação da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa. Este Relatório segue em grande parte os aspetos mencionados acima e os fenómenos e mecanismos que influenciaram as mudanças das políticas culturais nacionais, nomeadamente a democratização, a europeização, a cooperação intercultural e as redes culturais. É analisado o funcionamento do Instituto Cultural Romeno em Lisboa e as suas relações com outros atores culturais, bem como a importância que o instituto dá aos valores culturais europeus.

**Palavras-chave:** Europeização, Cultura, Políticas culturais, Redes culturais, Fronteiras culturais.

## **Abstract**

The perception of the Romanian culture abroad was influenced by the stereotypes created by one of the harshest Communist regimes of the Eastern Europe. The experience of the cultural isolation during the years of dictatorship has nurtured the need for Romania to shape the external image of the country. At the beginning of the '90's the cultural policies were not a priority, but at a later stage, especially with the pressure following the adherence to the European Union, various diplomatic and cultural strategies have emerged. In this context, the role of the Romanian Cultural Institute (RCI) branches abroad became more important, having the mission of changing the stereotypes created over time.

Currently, RCI's activities cover a wide variety of themes and areas and aim at increasing the visibility of Romanian culture and civilization in the world. Through its programs, the RCI facilitates on the one hand, the integration of the Romanian communities living abroad, and on the other hand has the role of presenting to the foreigners, a vivid and authentic Romanian culture, weakening, in both cases, the cultural frontiers.

We hereby submit to appreciation the Report of the curricular internship that took place in the Romanian Cultural Institute in Lisbon (ICRL), in the framework of the Master's Program in Culture and Communication of the Faculty of Letters of the University of Lisbon. In a broad outline, the Report follows the outlook mentioned above and the phenomena and mechanisms that influenced the changes of the national cultural policies, namely the democratization, the Europeanization, the intercultural cooperation and the cultural networks. It scrutinizes the functioning of the Romanian Cultural Institute in Lisbon and its relations with other cultural actors as well as the importance that the institute gives to European cultural values.

**Key-words:** Europeanization, Culture, Cultural Policies, Cultural Networks, Cultural Frontiers

## **Siglas**

ICR – Instituto Cultural Romeno

ICRL – Instituto Cultural Romeno em Lisboa

OSCE – Organization for Security and Co-operation in Europe

EFTA – European Free Trade Association

OAC – Observatório das Atividades Culturais

WCCD – World Commission on Culture and Development

FCR – Fundação Cultural Romena

MNE – Ministério dos Negócios Estrangeiros

EFC – European Foundation Center

EUNIC – European Union National Institutes for Culture

TIFF – Transilvania International Film Festival

EGEAC – Empresa de Gestão de Equipamentos e Animação Cultural



## **Introdução**

No contexto da atual crise económica e social, a União Europeia tenta intensificar a sua autoridade, construindo uma Europa mais unida do ponto de vista político, económico, social e cultural. Em tempos de crise a cultura é um dos primeiros setores a perder apoio financeiro da parte do Estado, o que pode gerar por sua vez uma série de problemas que podem ter consequências negativas para os artistas e para os produtores culturais assim como também a nível social. Estes aspetos parecem ter uma importância crescente a nível das políticas culturais europeias que reconheceram a importância da cultura para as relações internacionais. Nos últimos anos, como resultado das maiores mudanças da sociedade, que está em contínuo desenvolvimento, as preocupações com a cultura, concretizadas sobre políticas e estratégias diversas, ganharam importância significativa. Os elementos históricos no que diz respeito às evoluções recentes e às tendências culturais das últimas décadas, tanto a nível internacional como a nível nacional, tiveram também grande impacto para o desenvolvimento cultural da Roménia. A cultura ganhou um novo papel que consiste no “apoio ao encaminhar de respostas nas circunstâncias específicas do mundo” (Namur, 2011:63). No âmbito da cooperação e do diálogo intercultural, a União Europeia tenta implementar políticas culturais comuns. Para esse efeito, as instituições culturais organizam-se em redes que lhes permitem uma melhor comunicação, colaboração e, consequentemente, uma melhor compreensão das sociedades.

Este contexto fomentou as questões principais da presente investigação, designadamente as seguintes: Qual é o papel da UE na criação de políticas culturais nacionais? Podemos falar de europeização da cultura? Existe uma cultura europeia comum? Qual é o lugar do nacional, do tradicional e do específico nas políticas culturais da UE? Como é que nos estamos a relacionar com nós próprios e com os outros através da cultura? Para responder a estas perguntas considerou-se necessário analisar a relação entre as diretivas da União Europeia e as políticas culturais nacionais, tendo como foco as relações culturais internacionais e tomando como modelo de análise o Instituto Cultural Romeno em Lisboa (ICRL).

O presente trabalho constitui o relatório de estágio curricular desenvolvido no Instituto Cultural Romeno em Lisboa, no âmbito do mestrado de Cultura e Comunicação da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa. O estágio foi realizado durante um período de dois meses e estimulou o desenvolvimento da presente abordagem que se pretende, no

essencial, uma reflexão sobre a promoção da cultura nacional fora das fronteiras do país, no contexto da evolução e implementação do processo de europeização. Este relatório situa-se no cruzamento da sociologia com os estudos culturais e as políticas culturais e baseia-se na experiência prática adquirida durante o estágio curricular realizado no Instituto Cultural Romeno em Lisboa. O objetivo principal do estágio e do presente relatório foi o de compreender as várias formas de promoção e mediação cultural ao nível internacional e a forma como estes aspetos são influenciados pelas mudanças atuais, nomeadamente pelo processo de europeização.

A organização do relatório seguiu os objetivos mencionados acima, estando dividido em dois grandes capítulos. O primeiro capítulo consiste numa apresentação dos conceitos essenciais que acompanharão a segunda parte do trabalho: cultura e estudos culturais, europeização, políticas culturais, fronteiras culturais e redes culturais. No mesmo capítulo foi feita uma análise aplicada ao caso da Roménia, encarando os conceitos mencionados no contexto nacional, destacando-se a evolução do processo de europeização cultural na Roménia, bem como a implementação das políticas culturais da União Europeia a nível nacional. Na Roménia, as políticas culturais começaram a desenvolver-se sobretudo no contexto da preparação para a integração na União Europeia, e a promoção da cultura nacional fora das fronteiras passou por fases distintas, alinhando-se hoje em dia com as tendências europeias no sentido do diálogo e da cooperação intercultural.

O capítulo seguinte representa a parte dedicada ao estágio realizado no Instituto Cultural Romeno em Lisboa. Considerou-se essencial apresentar um breve resumo da história do ICR uma vez que, de certa forma, o seu percurso faz parte do processo de europeização da Roménia. Apresentaram-se também os quadros legais de funcionamento, as estruturas e os objetivos principais da instituição. A última parte deste capítulo foi reservada à apresentação das atividades desenvolvidas durante o estágio curricular, bem como uma análise da agenda cultural do ano 2013 e uma análise SWOT da instituição. Analisou-se também a maneira como o ICRL apresenta os seus projetos, identificando tanto a sua orientação cultural como também o modo como os seus objetivos legais são cumpridos.

O Instituto Cultural Romeno (ICR) representa o maior instrumento de exportação da cultura nacional fora de fronteiras, sendo a instituição que faz o contacto não só entre vários mercados culturais, mas também entre sociedades distintas. Desta maneira, o instituto supera os seus próprios objetivos, transformando-se num elemento agregador que melhora o diálogo, a compreensão e o respeito pelo outro.

## **Capítulo I – Contextos**

## 1. Cultura e estudos culturais

Cada época tem o seu conjunto de valores. Os valores predominantes dos nossos dias são, provavelmente, o progresso científico e tecnológico. Reduzindo a escala de medida ao nacional ou ao regional, os valores podem mudar, mas de um modo geral, a sociedade contemporânea é associada cada vez mais à centralidade do conhecimento:

“O conhecimento; a produção de bens simbólicos, do intangível e do imaterial; a desmaterialização através da miniatura e da nanotecnologia; enfim, todo um conjunto múltiplo e diversificado de novos processos conforma e, por conseguinte, fornece a marca do novo momento que atualiza a sociedade” (Rubim, 2010: 257).

Outros valores muito presentes na sociedade atual são a liberdade de expressão, a importância dos direitos humanos e da diversidade cultural. De facto todos estes valores fazem parte de uma cultura comum, quase global. A importância da cultura nota-se cada vez mais em vários domínios de investigação, tornando-se onnipresente e onnipotente: “Contemporary culture can rediscover the global all-human problems of the contemporary world” (Grunberg, 2000:59).

Para conseguir fazer uma análise coerente e concreta em qualquer área, a maioria dos investigadores estruturam as suas pesquisas começando com as definições dos termos. No caso da cultura, encontrar uma definição exata foi um trabalho difícil e controverso para os investigadores da área. Ao longo do tempo a cultura ganhou várias dimensões, hoje em dia tendo um alto grau de diversificação e ocupando um lugar importante nas agendas de vários domínios de atividades como sociologia, etnologia, psicologia, antropologia, estudos políticos e mesmo economia. Este aspeto denota a pluralidade de valências que a cultura pode ter e ao mesmo tempo a dificuldade de definir o termo.

Marin Aiftincă, filósofo romeno, menciona que o conceito da cultura evoluiu sob a pressão das mudanças na sociedade, sobretudo produzidas pela evolução das ciências e da tecnologia (Aiftincă, 2001:7). O termo cultura, de origem latina, era associado na antiguidade à cultura da terra, “sendo portanto, um termo que, inicialmente expressava um processo de cultivo de um elemento natural com o objetivo de obter um resultado valioso” (Morató, 2010:39). Cícero falava sobre a *cultura animi* como a elevação da alma, a cultivação do espírito, o termo sendo associado a educação. A analogia à *cultura animi* e à *cultura*

*agrorum*, ou seja, a cultura humana, da alma e a cultura da terra, faz referência à educação como o instrumento da cultivação da espiritualidade, assim como Ludwig Grunberg explica:

“What human beings plant in the ground of natural abilities, in other words, the way human beings benefit from education, learning, using intellectual and moral powers to reach beyond the natural state, assimilating the values belonging to their time and creating new ones” (Grunberg, 2000: 58).

A cultura guardou o sentido inicial de desenvolvimento da espiritualidade mas, a partir do século XVI, passou a ser associada também às artes, à criação artística e intelectual fazendo parte de um processo de aperfeiçoamento humano. Depois do século XVIII, o sentido do termo alargou-se, designando uma série de valores e virtudes que o indivíduo pode acumular graças à educação e ao seu esforço próprio. Segundo Arturo Rodriguez Morató, os valores da cultura são “a espiritualidade, a profundidade, a autenticidade, face ao artifício, ao superficial ou ao material.” (Morató, 2010: 39)

Hoje em dia o termo cultura é frequentemente usado na linguagem quotidiana nos mais diversos contextos. As dificuldades de definir concretamente a cultura resultam da grande dispersão de perspectivas, o que torna o termo muito abrangente. Num sentido geral, a cultura implica a totalidade dos costumes, hábitos e aptidões do homem que são adquiridas através da educação ou experiências. (Eliot, 1983; Williams, 1985; Grunberg, 2000) Em contextos mais específicos, a cultura é frequentemente associada a outra palavra que tem um papel de complemento que delimita o sentido, por exemplo cultura da terra, cultura antiga, cultura gastronómica, cultura de uma instituição ou produto cultural, ou ainda quando o termo é utilizado para designar uma pessoa como sendo culta, o termo é associado a uma pessoa que tem vastos conhecimentos. Portanto, a cultura tem vários usos e significados em função de fatores diversos.

Em 1948, T. S. Eliot propõe três sentidos para a cultura: a cultura como processo de desenvolvimento do indivíduo, de uma classe ou da toda a sociedade, onde todos os níveis são interligados e interdependentes:

“The culture of the individual is dependent upon the culture of a group or class, and the culture of the group or class is dependent upon the culture of the whole society to which that group or class belongs. Therefore it is the culture of the society that is fundamental, and it is the meaning of the term ‘culture’ in relation to the whole society that should be examined first” (Eliot; 1983:21).

A tentativa de Eliot não é a de dar uma definição ao termo, assim como o próprio título do livro sugere – *Notes towards the definition of culture* –, mas de observar, analisar e

relacionar vários sentidos que a palavra pode ter e priorizar as direções de investigação. Segundo o autor, a cultura tem manifestações diferentes dentro dos grupos sociais, sendo considerada como um complexo de vários aspetos como as manifestações artísticas, a educação, a totalidade das obras intelectuais ou como “a way of life”. (Eliot; 1983:31)

Mesmo se não concorda totalmente com a abordagem de Eliot, Raymond Williams também reconhece a importância do livro em dois aspetos: “its adoption of the meaning as a ‘whole way of life’ and the subsequent consideration of what we mean by ‘levels’ of culture within it” (Williams; 1961:229). Segundo o autor esta é a primeira tendência de definir a cultura: “to associate it with religion, art, the family and personal life” (Williams; 1961:14). A dificuldade de se lhe atribuir uma definição exata é reconhecida pelo próprio autor, que depois de publicar o livro, recolheu durante vinte anos termos e conceitos relacionados à cultura com a intenção de criar um apêndice, mas que no final se tornou num livro independente de trezentas páginas – *Keywords: a Vocabulary of Culture and Society*.

Segundo Marin Aiftincă, a cultura deve ser analisada em três direções: nas esferas das humanidades, antropologia e sociologia. Na esfera das humanidades a cultura é percebida num sentido intelectual, humanístico. A cultura molda o espírito e a personalidade do homem e é frequentemente associada com a educação. De ponto de vista antropológico a cultura pode significar o conjunto de tradições de uma certa sociedade, tem uma relação próxima com o termo civilização e implica todas as manifestações de um grupo de pessoas. A terceira direção é sociológica, o que demonstra mais uma vez a diversidade e o pluralismo do termo, que inclui todas as formas de manifestação social e que constitui a identidade de uma certa comunidade social.

Na *Convenção Sobre a Proteção e a Promoção da Diversidade das Expressões Culturais* a cultura é definida como um conceito que “assume diversas formas no tempo e no espaço e que essa diversidade se consubstancia na originalidade e na pluralidade das identidades, bem como nas expressões culturais dos povos e das sociedades que constituem a Humanidade.”<sup>1</sup> Portanto, perceber a cultura pressupõe a articulação de vários conceitos e domínios de investigação, como sociologia, antropologia, história, linguística, todos esses sendo interligados e explorados em paralelo ou em conjunto pelos estudos culturais. A cultura é um interesse comum dos investigadores de vários domínios, que reuniram métodos diferentes de abordagem do mesmo conceito, conduzindo a formação dos estudos culturais, assim como está mencionado no estudo *Introducing Cultural Studies*: “It is this configuration

---

<sup>1</sup> UNESCO. 2005. *Convenção Sobre a Proteção e a Promoção da Diversidade das Expressões Culturais*. Disponível online: <http://unesdoc.unesco.org/images/0015/001502/150224por.pdf>, acessado em Março de 2014

of collaborating disciplines around the topic of culture that we see constituting both the substance and the methods of cultural studies.” (Longhurst et al.; 2008:22)

Os estudos culturais foram consolidados pela Universidade de Birmingham, através do *Center for Contemporary Cultural Studies*, fundado em 1964, começando por estudos interdisciplinares sobre cultura, humanidades, artes, classes sociais e costumes populares. (Hall; 2003:140) Nas últimas décadas os estudos culturais fizeram do seu foco de investigação os assuntos atuais da cultura, como globalização ou europeização, a arte popular e a arte erudita, a diversidade cultural ou a hibridização da cultura. Segundo Homi K. Bhabha, os estudos culturais contemporâneos “attempts to institutionalize a range of transgressive discourses whose strategies are elaborated around non-equivalent sites of representation where a history of discrimination and misrepresentation is common among, say women, blacks, homosexuals and Third World migrants” (Bhabha;1999:104). Segundo Gayatri Chakravorty Spivak os estudos culturais devem concentrar-se na linguagem, história, mas também na educação e direitos legais, devem também mudar a sua perspectiva eurocentrista para se tornarem transnacionais e históricos por forma a ajudar a educação da sociedade (Spivak; 1999:186).

A cultura representa um processo de aprendizagem diferente para cada sociedade, os valores culturais adquiridos criando visões diferentes sobre o mundo. Esses valores culturais passam de uma geração para a outra formando a identidade de um grupo que partilham os mesmos valores e as mesmas práticas. Neste sentido, o presente trabalho tem como foco questões e problemas atuais com os quais a nossa sociedade se confronta: o impacto da europeização sobre a esfera cultural nacional, a diversidade cultural e o papel das políticas culturais. Estas questões serão abordadas nos capítulos seguintes com o objetivo de analisar de que forma a cultura influencia as sociedades.

## **2. Europeização**

### **2.1. A europeização: definições, modelos e perspectivas**

Existe um grande número de interpretações e classificações para o conceito de europeização. Segundo vários investigadores, o aumento dos estudos sobre este conceito foi o resultado do alargamento da União Europeia e da evolução do processo de integração



européia (Ladrech, 1994; Featherstone, 2003; Borzel e Radaelli, 2003; Cowels et al., 2001). A integração revelou um grande número de questões, sujeitas a investigação. O conjunto destas investigações conduziu à concetualização do termo europeização. Apesar da frequência cada vez maior dos estudos sobre a europeização, as opiniões sobre o conceito estão divididas. J. Olsen foi um dos autores que repararam na falta de clareza na concetualização do termo, mas argumenta que apesar de ser um conceito novo pode ajudar a perceber a evolução e o dinamismo das organizações europeias (Olsen, 2002:922).

A mais citada definição foi a de Ladrech, segundo qual a europeização representa “an incremental process reorienting the direction and shape of politics to the degree that European Commission political and economic dynamics become part of the organizational logic of the national politics and policy-making” (Ladrech, 1994:69). Radaelli argumenta que a europeização é um processo de construção, difusão e institucionalização de regras, ideias, políticas e ‘ways of doing things’ que são consolidadas pela União Europeia e depois incorporadas na esfera doméstica dos Estados (Radaelli, 2003:30). Featherstone propõe uma definição similar: “domestic adaptation to the pressures emanating directly or indirectly from EU membership” (Featherstone, 2003:7). Cowels et al. definem a europeização como “emergence and development at the European level of different structures of governance” (Cowels et al., 2001:3)

Associar a europeização com a União Europeia é a mais frequente das interpretações. A maioria dos investigadores coloca a atenção na relação entre a esfera nacional e a esfera europeia e no impacto que as diretivas das organizações da União Europeia têm sobre os Estados membros (Cowels et al., 2001; Featherstone e Radaelli 2003; Ladrech 1994; Borzel; 2003). Featherstone proporciona dois níveis de interpretação da europeização:

“In a maximalist sense, the structural change that it entails must fundamentally be of a phenomenon exhibiting similar attributes to those that predominate in, or are closely identified with ‘Europe’. Minimally, Europeanization involves a response to the policies of the European Union” (Featherstone, 2003: 3).

Muitas definições sobre europeização posicionam a União Europeia no centro do debate. Neste sentido, tomando em consideração que a União Europeia atribuiu a este conceito um sentido mais estruturado, a europeização é por vezes entendida como “EU-ization” ou “EU-fication”, concentrando o seu foco nas pressões emanadas pela UE sobre os Estados membros (Wallace, 2000; Radaelli, 2003). Ultimamente o conceito de europeização tem cada vez mais a tendência de se reduzir à União Europeia. (Olsen, 2002: 922) Mesmo assim, as interpretações não se limitam a associar a europeização diretamente à influência da

União Europeia. Maarten Peter Vink menciona que existem outras organizações, como OSCE (Organization for Security and Co-operation in Europe), EFTA (European Free Trade Association) ou o Conselho da Europa, que participam ativamente na configuração política Europeia (Vink, 2007:12). J. Olsen complementa esta ideia, mencionando que para analisar as transformações em curso, é necessário tomar em consideração as outras instituições europeias, bem como os estados não-membros da UE. Ao mesmo tempo, o autor reconhece que a UE tem uma importância maior no processo de europeização: “Still, the European Union has been most successful in terms of institutionalizing a system of governance that includes a large, and increasing, part of the continent (Olsen, 2002:927).

Radaelli qualifica a europeização como um *two-way process*: por um lado, as mudanças nas estruturas sociais e institucionais acontecem através das pressões das instituições da comunidade europeia nas políticas e decisões internas dos países envolvidos, e por outro, a europeização desenrola-se em paralelo com o aumento das interdependências entre os estados europeus. De certa forma, a europeização é descrita como um processo bilateral, onde a direção das políticas europeias é influenciada tanto pela União Europeia como pelos Estados membros: “Member states upload their preferences to Brussels via complex negotiations and download them from various EU policy menus” (Radaelli, 2003:34).

É importante distinguir entre europeização e integração europeia. Tanto Ladrech como Featherstone e Radaelli mencionam que mesmo se os dois processos fossem interdependentes, não são sinónimos e é relevante fazer uma diferenciação entre eles. Segundo Radaelli, interpretar a europeização só como integração europeia é uma perspetiva errada, sendo o processo muito complexo e com implicações profundas para todo o sistema de leis, regras, tradições e culturas de cada uma das partes implicadas (Radaelli; 2003:29-31). Segundo a explicação de Ladrech, a integração é o processo através do qual se aumenta a influência e o poder de decisão da União Europeia e a europeização refere-se às mudanças produzidas nas políticas e nas instituições nacionais. Estas mudanças são o resultado da adoção de regras, modelos e políticas europeias, sendo a europeização um efeito do processo de integração e do aumento das interdependências entre os Estados europeus. Não obstante, as condições para a integração europeia são estabelecidas diretamente pela União Europeia, enquanto a europeização é uma decisão interna de cada país, que pode ser ou não membro da União Europeia (Ladrech, 1994:72).

Alguns investigadores observaram direções diferentes da europeização, classificando o conceito segundo várias perspetivas. Featherstone analisa a europeização através de quatro

pontos de vista: a europeização como difusão cultural transnacional; a adaptação ao nível institucional; a transição para a democracia (sobretudo no caso dos países da Europa Central e de Leste); e a adaptação das políticas (Featherstone, 2003:6-12). As suas perspetivas cruzam-se parcialmente com as direções propostas por Olsen, que menciona cinco possíveis direções do processo da europeização: o processo de transformação das fronteiras externas; formação das instituições ao nível europeu; influência central sobre os sistemas nacionais governamentais; exportação de formas de organização política; e o projeto político para a realização de uma Europa unificada mais forte (Olsen, 2002:923-924).

Um outro modelo fundamental para os estudos sobre a europeização é o *goodness of fit*, abordado por Borzel (1999), Radaelli (2003), Cowels et al. (2001). Este modelo refere-se à compatibilidade ou incompatibilidade das estruturas internas com as estruturas europeias. Quanto menos compatíveis forem, maior se torna a pressão de adaptação às normas europeias para as estruturas domésticas (Börzel, Risse, 2003:69). Por outro lado, quando a pressão de adaptação é menor significa que “there is a good ‘fit’ between national policy and the European Union” (Radaelli, 2003:45). Uma consequência que Radaelli reparou é que a europeização vai provocar mais diversidade do que convergência, uma vez que as instituições nacionais são diferentes (Radaelli, 2003:45). Desta forma se explica o aumento dos estudos sobre a europeização depois do alargamento da União Europeia para os países da Europa Central e de Leste, países com estruturas e culturas diferentes. (Olsen, 2002:922) Este aspeto denota que as preocupações relacionadas com a integração europeia e a europeização começaram com o ‘misfit’ entre as estruturas nacionais e as entidades europeias.

Além da dimensão política, para estudar a europeização tem que se ter em conta também, a dimensão social e cultural. Deste ponto de vista, a europeização reflete a troca de práticas e políticas culturais e o “way of life” entre os Estados europeus, mas também para além das fronteiras da Europa (Featherstone, 2003:7). A perspetiva cultural, refere-se também ao conceito antropológico segundo qual a identidade nacional é transformada pela Europa comum (Harmsen e Wilson, 2000: 17). Esta perspetiva reflete também uma uniformização das práticas culturais e um aumento nas relações interculturais transnacionais (Featherstone, 2003; Harmsen e Wilson, 2000). Este aspeto trouxe em discussão a questão da hibridização cultural, questão que contradiz as políticas da UE: “The Commission has not, more generally, proved to be a cultural melting pot. Rather it functions by way of ongoing processes of cultural compromise which point to the persisting salience of national defined identities” (Harmsen e Wilson, 2000: 22).

Gerard Delanty, fala sobre a relação entre a cultura, sociedade e a europeização institucional, argumentando que a europeização da sociedade se refere à adaptação institucional e pluralização cultural e não à coesão ou assimilação da cultura. Segundo o autor “ideology and culture, in general, in modern society is very fragmentary and does not have the character of a totalizing system of thought” (Delanty, 2000:229). Numa era de pluralidade cultural, o específico da União Europeia e do espaço europeu, em geral, não pode ser outro do que a diversidade cultural: “Given the diversity and contestability of cultural identities, Europeanization is likely to succeed only if it creates an ethos of pluralization rather than cohesion” (Delanty, 2000:235).

Analisando as definições e perspectivas apresentadas, podemos concluir que o significado *mainstream* atribuído pela maioria dos investigadores, gira em torno da União Europeia. O conceito, que já se tornou um “fashionable term” (Featherstone, 2003: 3), significa mais do que simplesmente integração, uma vez que é ao mesmo tempo, um processo, uma causa e um efeito. A variedade de perspectivas que estabelecem as direções da europeização faz deste conceito um domínio de investigação muito complexo: “different conceptions of Europeanization complement, rather than exclude, each other. They refer to different, but related phenomena” (Olsen, 2002:923).

Para traçar as considerações do presente trabalho, exploram-se as mudanças produzidas na área cultural europeia, analisando o impacto destas mudanças na esfera nacional. Para o efeito, é necessário ter em consideração o conjunto das perspectivas anteriormente apresentadas, considerando como pontos essenciais as políticas culturais, as mudanças institucionais, a diversidade cultural e a difusão cultural transnacional.

## **2.2. A europeização na Roménia: uma tendência ou uma necessidade?**

No início, a Comunidade Europeia era composta por economias fortes e democracias consolidadas e a cultura não existia na sua esfera de competências. Embora o objetivo inicial da União Europeia fosse económico, associado à união do mercado, com cada tratado adotado o seu alcance expandiu significativamente. O Ato Único Europeu (1986), os Tratados de Maastricht (1992), Amsterdão (1997), Nice (2001) e Lisboa (2007) tiveram como resultado não só a consolidação da autoridade da União Europeia, mas também o alargamento da sua esfera de interesse. No presente, além de assuntos económicos, a UE ocupa-se também

de problemas relacionadas a educação, cultura, meio ambiente, assistência e direitos sociais, imigração, segurança e políticas externas.

Cada membro da União Europeia foi influenciado pela europeização, mas pode-se falar sobre europeização mesmo antes da sua adesão. Não há dúvida que para os novos estados membros a adesão significa uma grande mudança nas estruturas das instituições e nas práticas e políticas nacionais. É uma pressão maior sobretudo para os países com estruturas e culturas diferentes. Mas cada Estado membro da UE tem uma forma diferente de se relacionar com a União Europeia, consoante o seu próprio sistema político e administrativo. A relação Estado-UE também é influenciada pela herança histórica ou pela cultura do respetivo país. A europeização pode ser experimentada de uma maneira diferente em função das expectativas e da importância que um certo Estado dá à UE e à integração europeia (Ioakimidis, 2001:73). Por isso as políticas desenvolvidas pela UE têm que ser apropriadas para um conjunto de países, tendo cada país candidato um nível diferente de adaptação e integração conforme o modelo *goodness of fit*, descrito acima.

Depois da queda do comunismo, os países da Europa Central e de Leste tornaram-se potenciais membros da União. A UE tinha que ter em consideração que a história e as culturas destes países tinham grandes diferenças em comparação com os países já membros. Através do alargamento, entraram na União Europeia países com níveis diferentes de desenvolvimento económico e social e a Comunidade Europeia assumiu os problemas resultantes destas divergências. O alargamento geográfico foi de grande importância, uma vez que aumentou a diversidade política e cultural da União. Como efeito, no tratado de Maastricht adotou-se oficialmente a integração cultural como condição de adesão à União Europeia, assumindo-se medidas para respeitar a diversidade cultural de uma maneira aberta e transparente, sem prejudicar os aspetos específicos das culturas nacionais. Tal como o diplomata romeno, Mircea Geoana mencionou: “The European Union has the potential of becoming a complex model of duality between integration and the preserving of identities, in another conception then the principle of the “melting pot” that laid at the foundation of the United States” (Geoana: 2002: 78).

No caso da Roménia, um momento decisivo para o início da europeização foi a assinatura de adesão à União Europeia, em 1995. A declaração estabelece uma estratégia nacional para a preparação do país para a integração na EU, na qual era mencionado:

“The strategic national objective of Romania’s adherence to the European Union is constituted by a nodal point of solidarity and convergence of the country’s political and social strengths,

representing a historical chance of promoting the fundamental ideals and interests of the Romanian people, its identity and traditions, in a wide international opening, the possibility that, through own efforts sustained by an extensive cooperation, the discrepancies towards the advanced countries to be attenuated and eliminated in time and the modernization in Romania to be accomplished, according to the exigency of the transition to the informatics society and the creation on this basis of the prerequisites for the increase of the living standards and life quality of all Romanian citizens” (Schifirneț; 2011: 216).

Depois dos mais de 40 anos de isolamento do resto do mundo, na Roménia sentia-se a necessidade de um alinhamento com as tendências europeias e de “fazer parte da Europa”. Esta vontade pode ser explicada pela necessidade da sociedade de sair do isolamento, de conhecer o que lhe foi proibido, mas também pela necessidade de sair do anonimato e divulgar a própria cultura. Por isso a Roménia teve desde o início uma posição a favor da integração Europeia, depois de 1989, sendo o principal objetivo da política externa: “Ever since December 1989, right after the fall of the communist regime, Romania has turned towards the European values and the European integration have started directly and unconditionally” (Schifirneț; 2011:212).

No caso da Roménia e da maioria dos países da Europa de Leste a europeização aconteceu simultaneamente com a democratização, a transição de uma governação totalitária à uma governação democrática, seguindo modelos Ocidentais. A União Europeia foi um fator muito influente na democratização dos países do Leste europeu (Ladrech, 2010:38). A europeização da Roménia passou por várias fases de adaptação aos critérios da União Europeia. Foi um processo complexo e difícil: em 1995 foi apresentado o pedido oficial de adesão e só em 2007 o país se tornou membro oficial da UE. Durante todo este tempo o Estado implementou um modelo uniforme e coerente de administração para se harmonizar com a regulamentação Europeia. O processo de europeização na Roménia começou com a satisfação de certas necessidades que o país tinha para chegar assim a um nível europeu de desenvolvimento. Tratava-se de necessidades indispensáveis, que foram privadas durante o sistema totalitário, tais como a urbanização, instrução, informação e meios de comunicação, democracia, estabilidade, a remoção das discrepâncias internas e as discrepâncias entre a Roménia e os outros países europeus (Schifirneț, 2011: 217).

Na área cultural, a europeização desenvolveu-se na mesma direção, seguindo naturalmente os modelos Ocidentais. Em grande parte, a cooperação cultural internacional foi orientada pelo Ministério da Cultura, Ministério dos Negócios Externos e pelo Instituto

Cultural Romeno. Seguindo as diretivas da União Europeia, estas instituições começaram a configurar uma agenda cultural, adaptando as políticas culturais romenas aos valores europeus:

“The perennial issues that have shaped Romania’s transnational cultural cooperation during the past years, and which continue to do so, have been European integration (specifically, integrating Romanian culture into the circuit of European values), on the one hand, and strengthening the relationship with Romanians living abroad, on the other hand”.<sup>2</sup>

Oana Radu menciona num estudo de 2005 que depois de 1989, na Roménia existiam duas direções no setor cultural: “identity questioning” e “need of integration in the world”. No primeiro caso, sentia-se a necessidade de redescobrir a identidade nacional, procurando “old roots of common identity with western Europe or other regions outside the Balkans”(Radu; 2005:16). Por outro lado, era precisa uma atualização da esfera cultural romena. Neste sentido, depois de 1989, o número de livros traduzidos de inglês aumentou consideravelmente. Oana Radu explica este fenómeno como uma necessidade, uma vez que a sociedade romena esteve isolada por muito tempo. Portanto, a cultura romena voltou-se para o Ocidente, começando a cooperação cultural com vários institutos e organizações internacionais como: Aliance Francaise, Goethe Institut, British Council ou outros institutos de vários países. (Radu, 2005:16).

Tendo em consideração os aspetos apresentados acima, deve ser mencionado que sem o processo de europeização e sem a integração na UE, a Roménia e os outros Estados da Europa Central e de Leste, teriam sido incapazes de se desenvolver e harmonizar com o nível europeu. Sem o alargamento da UE para o centro e Leste da Europa, o processo de europeização provavelmente não tinha sido tão debatido e as políticas europeias tinham sido mais limitadas.

Ao nível nacional, a europeização desenvolveu-se diferentemente de país para país. Este aspeto denota que, mesmo com princípios idênticos, a europeização funciona como um processo onde cada Estado adapta as suas estruturas existentes a novas normas, regras e práticas emanadas pela UE, adotando estas mudanças como uma reforma doméstica. Por vezes, as mudanças produzidas podem ser difíceis de implementar, por isso com uma visão de curto prazo o impacto da europeização pode causar confusão e complicar o sistema

---

<sup>2</sup> The State of Cultural Report in Europe. 2003. Realizado pela Fundação Interarts e EFAH. Bruxelas: Comissão Europeia, disponível em <http://www.labforculture.org/en/resources-for-research/contents/research-in-focus/european-cultural-cooperation/report-on-the-state-of-cultural-co-operation-in-europe>, acedido em Maio de 2014

administrativo. Por outro lado, a longo prazo, a europeização significa desenvolvimento, modernização, estabilidade e segurança.

### **3. Europa cultural: valores e interesses comuns**

O lema da União Europeia, “unidade na diversidade”, simboliza a unificação dos europeus, juntando os elementos comuns com os elementos específicos de cada povo europeu. O acesso à cultura é um direito fundamental do homem, mas ao longo do tempo as culturas modificaram-se através de um processo natural de evolução, perdendo ou ganhando novas características. Neste contexto, a estratégia da União Europeia evoluiu também ao longo do tempo para conseguir atingir certos objetivos. O processo de construção europeia ganhou mais consistência através de uma política de integração fundada no ideal da paz e da prosperidade. O processo de integração continuou a consolidar-se e alargar-se através de etapas sucessivas. Este aspeto conduziu à passagem da Comunidade Económica Europeia à Comunidade Europeia e finalmente à União Europeia. Além dos fatores económicos, como a estabilidade, o potencial de desenvolvimento, um bom mercado ou a presença de força de trabalho qualificada, juntaram-se na agenda da UE fatores geopolíticos também, como por exemplo as diferenças culturais (Shore, 2003:3).

As tendências da cultura atual são agrupadas ao redor de duas perspetivas: homogeneização ou diversidade cultural. A primeira perspetiva, relacionada muitas vezes com a globalização, refere-se à uniformização dos valores, das imagens e das ideias, transmitidas através dos média ou das indústrias culturais, onde a especificidade nacional e regional são minimizadas enquanto se priorizam as preponderâncias culturais emanadas sobretudo pelos modelos ocidentais ou americanos. Este fenómeno é associado muitas vezes com a globalização ou com a “americanização” da cultura mundial (Horga e Brie, 2010:155).

A segunda perspetiva, a diversidade cultural designa a pluralidade de ideias, valores e expressões, todas estas sendo possíveis através de uma grande liberdade de expressão e através da presença de culturas paralelas, nacionais, étnicas, regionais ou locais (Idem). A diversidade cultural e o multiculturalismo são elementos específicos do espaço europeu e das políticas da União Europeia, considerando como essenciais o respeito dos direitos humanos e dos valores democráticos, o respeito pela diversidade, a proteção e a tolerância das minorias e a cooperação cultural internacional. Estes aspetos despertaram o interesse pela UE nos países



em desenvolvimento. Maia K. David Cross define a União Europeia como um “diplomata supranacional” (Cross, 2011:23), argumentando que a diplomacia cultural é um fator essencial para uma boa cooperação política entre os Estados: “elas [as relações culturais] são como a cola que mantêm as alianças fortemente unidas; elas dão a credibilidade necessária ao direito internacional e transparência às nações emergentes” (Cross, 2011:25).

Ao longo dos tempos a cultura Europeia foi influenciada pelas ondas migratórias e geralmente a Europa foi caracterizada pela diversidade dos seus povos, hábitos, costumes e culturas. Mesmo assim existem também aspetos comuns. Através dos acontecimentos históricos, dos movimentos artísticos, dos valores religiosos, das diversidades étnicas e linguísticas, das ideias políticas e filosóficas, da evolução da ciência e da técnica, ocorreram fenómenos que encaram a unidade dos povos europeus. No estudo *The Cultural Frontiers of Europe: Our Common Values*, fala-se sobre os valores comuns do espaço cultural europeu em nove componentes que dão especificidade e unidade: a civilização greco-romana, como suporte que construiu a cultura e o espírito europeu; os valores cristãos (ter um Deus único, o conceito da salvação e da dignidade humana, o amor, a justiça e a solidariedade humana); a Idade Média e a civilização medieval; o renascimento e as reformas; o iluminismo; a revolução política e industrial; o capitalismo e o socialismo; o desenvolvimento, o progresso e o bem-estar; a família como valor central da nossa sociedade (Rezsöhazi apud Horga e Brie, 2010:164). Estas memórias coletivas traçam as características gerais de um espaço geográfico com valores comuns. A herança cultural comum do espaço europeu tem vindo a guiar a evolução das gerações, mais ou menos no mesmo sentido. Apesar dos aspetos que os povos europeus têm em comum, existem também muitas descontinuidades. Mircea Brie e Ioan Horga fizeram uma analogia muito interessante, afirmando que o espaço cultural europeu é igual a um arquipélago de ilhas. Este espaço é constituído por componentes característicos comuns, mas com descontinuidades, delimitadas pelas fronteiras físicas, mas também pelas fronteiras simbólicas. Portanto, apesar das descontinuidades, os autores veem a Europa como um conjunto cultural unitário (Horga, Brie 2010: 163). Mas tanto as fronteiras físicas como as fronteiras culturais estão sempre a mudar. Hoje em dia relembramos os conflitos interétnicos que modificaram as fronteiras, criando ou fortalecendo as barreiras culturais. As políticas da União Europeia apontam na abertura dessas fronteiras, no âmbito de uma melhor cooperação entre os Estados e da sua tolerância.

Além dos objetivos económicos iniciais, a União Europeia tenta criar um espaço unido, definido por alguns aspetos comuns, mas que se podem cruzar com os aspetos diferenciadores. Vasco Graça Moura mencionava que um dos elementos mais importantes

que caracteriza a Europa é “a tendência da Europa para refletir sobre si mesma e para se por em questão” (Moura, 2013:88). Este aspeto foi constantemente exprimido através das artes e do pensamento filosófico e circulou ao longo do tempo através dos livros, das indústrias culturais ou da comunicação social. Ao longo do tempo, muitos dos artistas e intelectuais de vários países da Europa tentaram identificar e mostrar as características dos próprios povos e encara-las num quadro europeu comum. Estas características comuns devem ser analisadas e valorizadas na elaboração das políticas culturais comuns, ou seja da União Europeia. Atualmente a União Europeia vê a cultura como um fator importante de desenvolvimento sustentável e de coesão social, “em permanente reajustamento, entre unidade e diversidade” (Ibidem:61).

Neste sentido a variedade de elementos que definem de uma forma geral uma nação: a língua, os costumes, as tradições, as estruturas tradicionais, as instituições, a religião e as artes, constituem o elemento específico que assegura a coesão nacional e a continuidade das gerações. Mas a identidade é plural porque cada indivíduo se define de uma maneira diferente, identificando-se seja com o seu grupo de pessoas mais próximas, com a família, com a sua etnia ou religião (In from the margins, 1997:52). Muitos indivíduos ou grupos de indivíduos não se identificam com as mesmas características, facto que gera a busca de novos pontos de referência e novos sistemas de valores. Deste modo, a cultura europeia é construída por um complexo sistema de valores que podem ser comuns para as nações europeias, mas ao nível regional ou individual estes valores podem variar.

Os países da Europa Central e de Leste, libertos dos regimes autoritários comunistas, confrontaram-se por muito tempo com a repressão das próprias culturas e identidades. Estes países experimentaram no período depois de 1990, a passagem para um modelo democrático, e o modelo mais conveniente era o dos Estados Ocidentais, membros da UE. Neste contexto alguns autores falam sobre o retorno da identidade histórica, nacional e cultural, sobretudo na Europa Central e de Leste. Por isso, em muitos Estados europeus um dos objetivos das políticas culturais é “to foster the (re)discovery or (re)assertion of identities (In from the margins, 1997:53). Este aspeto foi por vezes criticado por alguns autores, considerando que a defesa da identidade nacional é o oposto da diversidade cultural (Martel, 2011:29). Segundo Chris Shore, os elementos que dão unidade às identidades nacionais “tend to divide rather than unite fellow Europeans” (Shore, 2000:5). Pode por vezes acontecer que a busca da identidade conduza ao nacionalismo. Na história europeia temos vários exemplos em que o nacionalismo potenciou grandes conflitos e guerras. As políticas da UE querem evitar esses conflitos, por isso incentivam o redescobrimento das identidades nacionais, mas num espírito

de tolerância e de cooperação entre os povos, mantendo vivas as especificidades nacionais e fazendo da diversidade cultural a característica determinante do espaço europeu.

Através do diálogo intercultural tenta-se prevenir outras tragédias e catástrofes que já aconteceram no espaço Europeu. No contexto da integração e da afirmação europeia, as nações tentam promover as suas especificidades nacionais e as particularidades locais ultrapassando as suas fronteiras nacionais e desta forma tornando-as universais. Uma vez estabelecida uma conexão entre os membros de várias comunidades, a partilha de ideias e pontos de vista semelhantes ou diferentes sobre os mais diversos temas, abre o diálogo intercultural, este processo reforçando o conceito de “unidade na diversidade”. Neste sentido não importam as diferenças que existem entre as pessoas, mas antes o diálogo, a compreensão do outro, a tolerância. A especificidade e a diversidade são mesmo os atributos resultantes do diálogo intercultural entre os povos europeus.

Neste contexto, o nacional tem que se redefinir através das novas configurações geopolíticas e culturais. Esta direção é dirigida mesmo pela conjuntura histórica e política atual (David e Florea, 2007:645-646). Em função das suas tradições e do específico das suas instituições, cada sociedade europeia tem que encontrar as suas próprias soluções de integração. Por exemplo, o modelo de integração, que funciona na Alemanha, não pode funcionar na França ou entre o modelo das políticas de assimilação na França e a tolerância de Portugal existem grandes diferenças. Se na discussão entram os países do espaço do Leste da Europa, as diferenças são ainda mais visíveis. Mas atualmente no contexto da UE, cada um pode aprender da experiência das outras sociedades, sociedades para quais, assim como já mencionado, o conhecimento é um dos valores fundamentais.

A unidade do espaço europeu é determinada também pela direção política das últimas décadas, e pela cooperação dos Estados com interesses comuns, numa constante preocupação de assegurar a paz e “de conceber formas políticas de uma unidade para o conjunto dos povos” (Moura, 2013:46). Depois da queda do Muro de Berlim, a Europa de Leste e a Europa Ocidental conheceram um processo de integração no domínio político, económico, militar, ambiental e cultural, tudo para facilitar a colaboração no sentido da paz e da prosperidade. Divergências entre os povos europeus existem ainda hoje em dia em muitos países, mas além destas divergências, o contexto político atual torna mais evidente que a Europa está a avançar cada vez mais para a construção e consolidação de um espaço unitário através de práticas e políticas comuns. A tendência de unir a Europa existiu há muito tempo, cada tentativa tendo as suas razões políticas ou simplesmente de poder. Desde o Império Romano à extensão do Cristianismo, das tentativas de Napoleão de conquistar a Europa à megalomania de Hitler.

Assim como Vasco Graça Moura mencionava “Na verdade, só há cerca de cinquenta anos é que parece ter sido encontrada uma solução de paz e prosperidade que se propõe afastar definitivamente os povos europeus do flagelo da guerra e dos horrores.” (Idem). O próprio autor reconhece que as soluções propostas pela UE ainda têm falhas. Este aspeto é bastante visível na situação económica atual de muitos países da Europa e nos conflitos que essa crise gera, mas também fora da União Europeia. Ainda existe um conflito latente entre a Rússia de um lado e os estados da UE, os seus potenciais membros e os EUA. Nos últimos anos a Europa encontra-se num período de declínio económico e os presentes conflitos conduzem ainda mais à instabilidade. Neste sentido a União Europeia tem que se preocupar com a consolidação de todo o sistema político.

Nestes tempos de crise, a cultura pode ter o papel de ajudar a estabilizar a ordem e a cooperação entre os Estados através de políticas culturais e sociais viáveis para resolver as questões com quais o nosso mundo em crise se confronta: a instabilidade social criada pelo desemprego, conflitos interétnicos ou exclusão. Estas políticas têm que encontrar os meios para nos permitir continuar a viver juntos em harmonia. Neste sentido as políticas culturais são muito importantes porque não representam só a construção e a reabilitação dos edifícios culturais, elas representam todo um sistema de medidas na área cultural (Bennett, 2001:55-62).

A promoção da identidade cultural, da diversidade cultural, a incentivação da criatividade e da participação ativa no domínio da cultura são alguns dos objetivos fundamentais das políticas culturais europeias. A importância destas políticas é fundamental uma vez que constitui a base da construção de uma Europa unida, mais forte: “The steady element making up Europe is mainly culture and the cultural infrastructure of the continent” (Contogeorgis, 2010:11). A realização de uma Europa unida é uma questão delicada, sobretudo em tempos de crise, mas muitos autores falam sobre a cultura como a principal aliança dos povos europeus. Vasco Graça Moura também menciona este facto, metendo a diversidade cultural no plano principal da construção da unidade europeia: “a unidade europeia só poderá ter êxito se conseguirmos realizá-la no quadro da diversidade cultural e linguística, valorizando devidamente o que é próprio da dimensão cultural europeia” (Moura, 2013:83).

### **3.1. Políticas culturais europeias vs. políticas culturais nacionais**

As políticas culturais representam um assunto recente na agenda dos investigadores em estudos culturais assim como Jim McGuigan o menciona. O mesmo autor explica o

significado das políticas culturais como a administração das artes, mas num sentido mais abrangente e mais exato, as políticas culturais são “a clash of ideas, institutional struggles and power relations in the production and circulation of symbolic meanings” (McGuigan; 1996:1). Tony Bennett também menciona a importância das políticas culturais para os estudos culturais. No seu ensaio *Putting policy into cultural studies*, Bennett argumentava que os estudos culturais não têm que omitir a investigação das políticas culturais que na atualidade têm um papel maior na representação e divulgação da cultura. (Bennett; 1999: 482)

No início do trabalho foram mencionados os vários domínios que a cultura abrange, incluindo entre eles o setor económico. A relação entre a cultura e a economia é provavelmente mais evidente na área das políticas culturais. Segundo David Thorsby os objetivos das políticas culturais incluem objetivos económicos. O autor menciona que na criação das políticas culturais têm que se ter em conta os valores culturais como também os valores económicos. As dimensões económicas, que são de interesse público e atualmente uma prioridade para as políticas públicas, são evidentes em áreas como as artes, o cinema e todo o património cultural. (Thorsby; 2001: 139)

A posição de Bennett sobre a economia da cultura reconhece a sua necessidade e a das políticas culturais, mencionando que a economia da cultura e a sua industrialização é apenas uma parte de um processo natural e inerente da evolução da sociedade:

“(...) we can now, without regret, treat culture as an industry and, in doing so, recognize that the esthetic disposition forms merely a particular market segment within that industry, that it is a particular form of life like any other, that it is possible for questions of cultural policy to be posed, and pursued, in ways which allow competing patterns of expenditure, forms of administration and support to be debated and assessed in terms of their consequences for different publics, their relations to competing political values and their implications for particular policy objectives – and all without lacerating ourselves as lonely subjects caught in the grip of the contradictory pincers of culture and administration.” (Bennett; 1999:488-489)

Nos tempos atuais, em contínua mudança e no contexto da crise económica, é pertinente que as políticas culturais não sejam excluídas da esfera económica nem da área de interesse dos governos, mas a dimensão económica não deve substituir completamente os outros objetivos das políticas culturais. Num estudo recente do Observatório das Atividades culturais (OAC), Maria Lourdes Lima dos Santos identifica nas políticas culturais quatro temáticas principais: o papel da cultura como catalisador de desenvolvimento, a promoção do

emprego no sector cultural, a influência da cultura nos outros sectores não-culturais como estímulo à criatividade e inovação e a cultura como elemento de coesão, através do diálogo intercultural, promovendo a diversidade cultural. (Santos; 2010:35)

As políticas culturais representam um tema relativamente recente, tanto ao nível nacional como também ao nível internacional. Ao nível internacional, as políticas culturais emergiram depois da Segunda Guerra Mundial quando se sentiu a necessidade de manter a paz e a segurança das pessoas, mas também com o alvo de criar uma sociedade ideal, observando-se na cultura um instrumento propício para reconstruir o mundo. (Throsby; 2001:142) Com este objetivo apareceram organizações internacionais como UN e UNESCO que tiveram um papel importante na emergência das políticas culturais. A Declaração Universal dos Direitos Humanos elaborada em 1948 foi um dos primeiros documentos oficiais que tomava em conta a cultura e, mais do que isso, reconhecia a cultura como um dos direitos fundamentais dos homens. Seguiram-se desde então várias iniciativas para promover a cultura e enfatizar a sua importância, como por exemplo “World Decade for Culture” (1988-97) que tinha como propósito divulgar o papel da cultura na vida do homem, sobretudo numa sociedade em desenvolvimento. As iniciativas da UN na área da cultura continuaram com World Commission on Culture and Development (WCCD) que entre outros, organizou uma conferência sobre políticas culturais em Estocolmo em 1998. A conferência recomendou aos Estados participantes adotar cinco objetivos para a elaboração das políticas culturais:

“to make cultural policy one of the key components of development strategy; to promote creativity and participation in cultural life; to reinforce policy and practice to promote the cultural industries and to safeguard and enhance the cultural heritage; to promote cultural and linguistic diversity in and for the information society; to make more human and financial resources available for cultural development.” (Ibidem; 144)

Podemos observar que este conjunto de objetivos está relacionado em grande parte com aspetos económicos, mas também com a diversidade linguística e cultural, objetivos estes que continuam ainda hoje a existir na lista de prioridades das políticas culturais. As tentativas de implementar políticas comuns em contextos sociais diferentes não foram uma tarefa fácil, uma vez que cada país tem histórias, prioridades e valores diferentes, assim como Augusto Santos Silva também afirmou: “As orientações das políticas públicas em matéria cultural dependem fortemente das tradições históricas e nacionais dos Estados” (Silva, 2003:11). Na esfera cultural é difícil determinar e priorizar os valores devido às diferentes perceções sobre o mundo, o que dificulta assim a criação de políticas culturais comuns. Neste

sentido, para conseguir adaptar as políticas em função das características de vários países, em 1998 foi iniciado pela UNESCO o World Culture Report que tinha os seguintes objetivos:

“to inform the debate about culture and to assist those engaged in cultural policy-making through the publication of internationally comparable statistical data on culture and independent analysis of cultural development.” (Throsby; 2001: 144)

Como consequência dos estudos especializados e relatórios realizados, foram tomadas medidas para melhorar as políticas culturais e a vida sociocultural. Com a aprovação da *Convenção sobre a Proteção e Promoção da Diversidade das Expressões Culturais* em 2005, a UNESCO reforçou a necessidade de políticas com o fim de proteger as várias expressões culturais, afirmando que “a diversidade cultural é uma característica essencial da Humanidade.”<sup>3</sup>

No plano internacional, as iniciativas da UNESCO na área cultural constituíram a base dos princípios das políticas culturais assim como António Albino Canelas Rubim mencionava no seu estudo *Políticas culturais e novos desafios*. As atividades da UNESCO tiveram uma incidência importante no plano político e cultural, sendo a sua influência evidente nas políticas culturais de vários países. A UNESCO fundamentou a relação entre a cultura e a nação, com o objetivo de “assinalar e desenvolver o papel estratégico da cultura na construção e/ou consolidação do nacional” (Rubim; 2010:255).

Para as organizações da União Europeia as políticas culturais tornam-se uma prioridade apenas depois do Tratado de Maastricht de 1992, quando a integração cultural começou a ser uma condição para a integração dos países na União Europeia. Aliás, como a situação política, social e económica dependem em grande medida dos valores culturais, o novo interesse para a cultura tinha como objetivo trazer mais oportunidades, no que diz respeito ao desenvolvimento de uma unidade europeia, assim como está mencionado no segundo artigo do Tratado de Maastricht:

“No âmbito de um desenvolvimento harmonioso e equilibrado das atividades económicas, um crescimento sustentável e não inflacionista que respeite o ambiente, um alto grau de convergência das economias, um elevado nível de emprego e de proteção social, o aumento do nível

---

<sup>3</sup> UNESCO. 2005. *Convenção Sobre a Proteção e a Promoção da Diversidade das Expressões Culturais*. Disponível online: <http://unesdoc.unesco.org/images/0015/001502/150224por.pdf>, acedido em Março de 2014

e da qualidade de vida, a coesão económica e social e a solidariedade entre os Estados-membros”<sup>4</sup>

Pela primeira vez na agenda da União Europeia é tomado em consideração o tema da cultura como prioridade e interesse comum, incentivando a cooperação entre os Estados-membros e oferecendo apoio nos seguintes domínios:

“melhoria do conhecimento e da divulgação da cultura e da história dos povos europeus; conservação e salvaguarda do património cultural de importância europeia; intercâmbios culturais não comerciais; criação artística e literária, incluindo o sector audiovisual”<sup>5</sup>

Uma das conclusões dos debates do Tratado de Maastricht foi que a cultura já não deve ser uma preocupação marginal das políticas da União Europeia, mas um elemento catalisador das esferas de atividade cultural. Para a Comissão Europeia, a consolidação da capacidade institucional e administrativa dos países candidatos é uma condição essencial da adesão. A União Europeia mostrou a sua capacidade de não só integrar economias, mas também de construir e gerir um espaço cultural comum, um meio de coexistência e interação de várias entidades culturais, tendo em conta que cada uma das respetivas entidades tem um fundamento histórico diferente. Mais do que isso, cada Estado-membro tem a intenção de guardar e promover a própria identidade em contexto europeu, criando mais um tema de debate na agenda das políticas da União Europeia.

Mesmo se as línguas, a literatura, o teatro, as artes visuais, a arquitetura, o cinema ou o audiovisual pertencem a um certo país ou região específica, eles fazem parte de uma herança cultural comum da Europa, desenvolvendo-se assim a diversidade cultural. A União Europeia quer desenvolver e apoiar esta diversidade e promove-la para ser conhecida pelos outros. A cooperação cultural representa uma parte importante do processo de transformação, de transição, processo seguido por todos os países que aderem à União Europeia sob a divisa genérica de *unidade na diversidade*.

O novo programa da União Europeia, “Europa Criativa” para os sectores culturais e criativos, para o período 2014-2020 reúne os programas ‘Cultura’, ‘Media’, ‘Media Mundus’ num quadro comum, criando um mecanismo financeiro novo para o desenvolvimento dos programas culturais. Para o financiamento 2014-2020, a Comissão propõe um aumento significativo do orçamento para os sectores culturais e criativos, 37% mais em comparação

---

<sup>4</sup> *Tratado da União Europeia*, Art. 2, Jornal Oficial no C191 de 29 de Julho 1992, disponível em <http://eur-lex.europa.eu/pt/treaties/dat/11992M/htm/11992M.html>, acedido em Março de 2014

<sup>5</sup> *Ibidem*, Art. 128



com os anos anteriores. Em 2008, os sectores culturais e criativos contribuíram com aproximadamente 4.5% ao PIB da UE e 3.8% do emprego da UE. Além desta contribuição direta na área do emprego e do crescimento económico, estes sectores tiveram efeitos positivos noutros domínios como o turismo, a educação, a inclusão e a inovação social. O aumento do orçamento está em conformidade com o objetivo principal e as prioridades da estratégia da Europa 2020. O objetivo fundamental das propostas da “Europa Criativa” é de valorizar o potencial dos setores criativos, abordando uma estratégia coerente para assegurar o bom desenvolvimento destes setores, um desenvolvimento inteligente, sustentável e favorável à integração: “smart, sustainable, inclusive growth”.<sup>6</sup> Na perspetiva do desenvolvimento inteligente, a cultura tem um grande potencial do ponto de vista do apoio da criatividade dos artistas, da inovação e da educação e formação. Na perspetiva do desenvolvimento sustentável, a cultura pode contribuir para a economia do país através das indústrias culturais e criativas. Pensando na perspetiva do desenvolvimento da inclusão, a cultura pode promover o diálogo intercultural e o respeito pela diversidade cultural, fortalecendo a solidariedade social. Para a elaboração desta proposta, a Comissão desenvolveu um amplo estudo nos países interessados, avaliando também os programas atuais, chamado o *Livro verde sobre as potencialidades das indústrias culturais e criativas*.<sup>7</sup>

As políticas culturais na Roménia representam um assunto muito recente. Até 1989, falava-se sobre a cultura socialista e sobre o Conselho para a Educação e Cultura Socialista, sendo a cultura uma propaganda ideológica submissa a uma censura muito rigorosa. O período imediato depois da queda do comunismo foi caracterizado por “a mix of timidly emergent cultural manifestations and heavily institutional legacy that was more and more challenged by the growing media, the emerging cultural industries and competition from show business” (Radu;2005: 9).

O Ministério da Cultura foi um dos primeiros ministérios criados depois do fim do regime ditatorial e desde 1990 até 1996 existiram sete ministérios diferentes da cultura. Nesta situação incoerente, só depois de dez anos foi finalizada uma estratégia para os anos 2000-2009, estabelecida pelo Ministério da Cultura, com financiamento da Comissão Europeia, através do programa Phare. Esta foi a primeira estratégia coerente para o desenvolvimento da

---

<sup>6</sup> Council Conclusions on the Contribution of Culture to the Implementation of the Europe 2020 Strategy. 2011. Official Journal of the European Union. Disponível em: <http://eur-lex.europa.eu/LexUriServ/LexUriServ.do?uri=OJ:C:2011:175:0001:0004:EN:PDF> , acedido em Março de 2014

<sup>7</sup> Proposta de Regulamento do Parlamento Europeu e do Conselho para o Programa Europa Criativa. 2011. Bruxelles. Disponível em: [http://www.stirionq.ro/library/files/propunerea\\_de\\_regulament\\_ce\\_europa\\_creativa.pdf](http://www.stirionq.ro/library/files/propunerea_de_regulament_ce_europa_creativa.pdf), acedido em Março de 2014

cultura romena e foi neste período que foram também emitidas as primeiras leis para cultura. Tudo isto no contexto da adesão à União Europeia. (Marino; 2005:27)

A cultura e as políticas culturais na Roménia passaram por períodos distintos nas últimas décadas. Passaram da censura comunista ao período de confusão depois da revolução de 1989, para um período de pré-adesão e posteriormente à pós-adesão à União Europeia, quando a direção das políticas culturais se virou para o modelo Ocidental. A elaboração das políticas culturais na Roménia começou com o processo de adesão a União Europeia, antes não existindo uma tradição nesta área. Daqui resulta que o processo de formação das políticas culturais nacionais tem como referência principal o modelo europeu-ocidental, e mais precisamente os modelos da União Europeia. As principais direções das políticas culturais romenas eram de seguir os diretivos das organizações europeias como o Conselho da Europa, a União Europeia e a UNESCO, com o objetivo de “reshaping of the cooperation logic according mainly to the EU reshaping priorities and the enlargement process” (Radu; 2005:9-15).

Até 2007, as atividades dos vários Ministérios da Cultura estavam centralizadas no desenvolvimento de políticas culturais para assegurar a integração do Estado na União Europeia. Depois da integração da Roménia na UE em 2007, as políticas seguiram as recomendações da União Europeia e tentaram resolver os problemas e desafios com os quais o setor cultural se confrontou ao longo do tempo: o setor cultural independente, que emergiu com dificuldade, devido aos problemas económicos e também devido à mentalidade dos artistas, que ainda relacionavam principalmente as suas atividades com as instituições do Estado; a incerteza do Estado na contribuição para o desenvolvimento do setor cultural (centralizar ou descentralizar); a mistura das artes tradicionais com o lazer, das indústrias culturais, management e marketing cultural com a administração cultural tradicional etc. (Radu; 2005: 11).

A seguinte estratégia cultural para os anos 2009-2013 tinha como direções principais o património, o apoio da criação e da diversidade cultural, desenvolvimento das indústrias culturais, direções que representam em grande parte as recomendações da UE. Este aspeto foi visível na estratégia cultural elaborada pelo Ministério da Cultura e do Património Nacional cujos objetivos são: a preservação e promoção do património nacional, descentralização da administração das políticas culturais, apoiar as indústrias culturais e criativas como também o terceiro sector, melhorar a infraestrutura e a administração das instituições culturais e dos equipamentos, incentivar a participação a vida cultural como um fator importante para a inclusão social. Da estratégia fazem parte programas para a promoção da indústria editorial,

multimédia, cinema e serviços audiovisuais, reconhece-se também a falta de uma política concreta neste domínio, assunto que será tomado em consideração e desenvolvido nas políticas futuras.<sup>8</sup>

Presentemente, na estratégia do Ministério para os anos 2014-2020 visa-se continuar, melhorar e completar os aspetos das estratégias anteriores. Para uma melhor transparência, a *Estratégia setorial no domínio da cultura e do património nacional para o período 2014-2020* foi baseada em análises e investigações socioeconómicas e foi elaborada pelo *Centro de Investigação e Consultadoria para a Cultura*, que é uma instituição subordinada ao Ministério da Cultura e do Património Nacional. Deve mencionar-se que na presente estratégia existe uma melhor estruturação dos objetivos. A estratégia contém argumentos, análises e estatísticas para cada um dos objetivos: a promoção da cultura como instrumento para cumprir objetivos de interesse público, o desenvolvimento do setor cultural e criativo, a proteção do património cultural material e imaterial, o apoio e a promoção da criação artística contemporânea, a educação e a formação profissional na área da cultura, a estabilização da capacidade institucional, o desenvolvimento da infraestrutura cultural e a digitalização dos recursos culturais. Verifica-se também o aumento da preocupação para um contexto internacional e sobretudo para as políticas da União Europeia, visto que esta estratégia inclui um capítulo que se chama *Roménia criativa* e que vem analisar as possibilidades de aplicação das diretivas da União Europeia.<sup>9</sup> Nesta estratégia podem ser identificadas as orientações gerais das políticas culturais europeias: as políticas de património, as políticas de formação educativa de públicos, as políticas de sustentação da oferta cultural, as políticas de uso económico, social e político da cultura.

As atividades do *Centro de Investigação e Consultadoria para a Cultura* contribuíram para o melhoramento do funcionamento do setor cultural através de estudos complexos no domínio da cultura, desenvolvidos por investigadores especialistas. O estudo sobre as indústrias culturais e criativas, concluído em 2011, *The Contribution of Copyright-based Industries to the Romanian Economy*, revelou a grande contribuição das indústrias culturais e criativas para a economia: uma evolução significativa de 3.75% em 2002 até 5.95% em 2009. Em 2008, o sector criativo representava 7.24% da economia da Roménia,

---

<sup>8</sup> *Estratégia das prioridades para o ano 2011 e perspetivas para 2012-2014*. 2011. Ministério da Cultura e do Património Nacional, disponível em [http://www.cdep.ro/proiecte/2010/800/30/7/axIII\\_27.pdf](http://www.cdep.ro/proiecte/2010/800/30/7/axIII_27.pdf), acedido em Fevereiro de 2014

<sup>9</sup> *Estratégia setorial no domínio da cultura e do património nacional para o período 2014-2020*. 2013. Centro de Investigação e Consultadoria para a Cultura, disponível em [http://www.cultura.ro/uploads/files/STRATEGIA\\_%20SECTORIALA\\_IN\\_DOMENIUL\\_CULTURII\\_2014-2020.pdf](http://www.cultura.ro/uploads/files/STRATEGIA_%20SECTORIALA_IN_DOMENIUL_CULTURII_2014-2020.pdf), acedido em Março de 2014

em comparação com as imobiliárias que só tiveram 7.04%, também mais do que a indústria do turismo 1.34%. Em 2009, no contexto da crise global, as percentagens diminuíram devido ao decréscimo de fundos, o aumento das despesas mas também a diminuição da participação cultural.<sup>10</sup> Uma vez que as indústrias culturais e criativas tiveram um papel importante na contribuição da economia nacional, a parte dedicada a este sector aparenta ser insuficiente.

O interesse nacional em seguir as diretivas da UE pode ser observado nas estratégias culturais apresentadas, mas os valores culturais não são comuns e universais, observando-se a dificuldade de criar políticas unitárias e a dificuldade dos Estados de aplicar as diretivas da UE nas políticas culturais nacionais. A UE incentiva a implementação destas diretivas, mas para o governo romeno este aspeto ainda representa um desafio. Depois de 1989, a Roménia teve um progresso notável no que diz respeito às políticas culturais, mas o Estado não conseguiu definir um caminho certo para políticas culturais por falta de especialistas no domínio da cultura e necessitou por isso de ajuda externa. Os fatores externos mais importantes foram o Conselho da Europa e a UNESCO. Ambas as organizações internacionais tiveram um papel importante para a passagem de uma tradição comunista, onde a cultura tinha principalmente objetivos propagandísticos, a uma cultura democrática de nível Europeu. Com as análises e recomendações das organizações, as políticas culturais da Roménia chegaram a conectar-se com os valores democráticos e as tendências Europeias.

Para desenvolver uma política cultural viável e propícia, é necessário um conhecimento significativo do passado como também um aumento de respeito pela diversidade. Neste sentido, as preocupações mais recentes da UE neste domínio denota a intenção de introduzir a cultura nos seus conceitos de desenvolvimento, sobretudo para a sua qualidade de apoio a um desenvolvimento duradouro. Em 2008, o estudo *Draft for a politics for the stimulation of creativity* tentou identificar os problemas dos sectores culturais e criativos com o objetivo de desenvolver novas políticas e soluções. Os problemas identificados na Roménia foram, de modo geral, os seguintes:

“Whether they regard a lack of technology, of qualified personnel and proper spaces, or simply some administrative shortcomings, these problems have an impact on creativity as well as on the public's access

---

<sup>10</sup> *The Contribution of Copyright-based Industries to the Romanian Economy*. 2011. Estudo do Centro de Investigação e Consultadoria para a Cultura, disponível em [http://www.culturadata.ro/en/?option=com\\_content&view=article&id=215%3Acontributioncopyrighten&catid=59%3Acompendiumeng&Itemid=165](http://www.culturadata.ro/en/?option=com_content&view=article&id=215%3Acontributioncopyrighten&catid=59%3Acompendiumeng&Itemid=165), acedido em Março de 2014

to culture. Another series of issues pertain to the judicial system and lie in legislative ambiguities and copyright uncertainties.”<sup>11</sup>

No contexto de uma sociedade democrática, as políticas culturais são o resultado de um processo de estruturação das opções e dos objetivos coletivos referentes à dimensão cultural da sociedade. Assim como McGuigan afirmava, os Estados-nações têm uma forte ligação com o passado, com a construção da respetiva nação e têm uma nostalgia para com os acontecimentos históricos marcantes (McGuigan; 1996:3). Marin Aiftincă também explica que a evolução cultural implica a liberdade individual e a democracia que são condições da sua existência: “The long historical evolution of culture has been stimulated by freedom and democracy. These were and remain the factors that enable cultural progress and urge man creatively to surpass himself” (Aiftincă; 2001: 7). O processo de criação de políticas culturais na Roménia foi influenciado pela herança histórica e a falta de tradição das instituições, mas também pelo contexto externo (a influência da globalização e da União Europeia), com os seus desafios, vantagens e desvantagens. As tendências extremas – sejam de ligação ao passado, sejam de assumir os modelos Ocidentais - são barreiras no processo de desenvolvimento. (Şuteu; 2005:42)

O Estado romeno de hoje é um Estado que foi consolidado em 40 anos de mentalidade comunista, profundamente marcado pela cultura como instrumento da propaganda ideológica. É também um Estado cujas políticas culturais se desenvolveram depois do comunismo na ausência de modelos ou de estudos baseados na avaliação do consumo cultural, na investigação na área da cultura ou em estatísticas. Após o período de transição que marcou não só a economia, mas também a vida política e cultural, o Estado aumentou o interesse e as responsabilidades na cultura, mas foi uma evolução rápida e aleatória, guiada em grande parte pelo Conselho da Europa e pelos estudos dos especialistas estrangeiros. Mas para criar políticas culturais coerentes, para as implementar e construir instrumentos administrativos e legislativos adaptados a estas mesmas políticas, é necessário muito tempo e processos complexos, que acompanham as políticas culturais, no domínio da educação, dos direitos dos homens, do desenvolvimento geral da sociedade e neste capítulo a legislação ainda tem muitas faltas.

---

<sup>11</sup> Cultural Policies and Trends in Europe. A Compendium of Basic Facts and Trends. Country profile-Romania. ERICarts e o Conselho da Europa, disponível online <http://www.culturalpolicies.net/web/romania.php>, acedido em Março de 2014

### 3.2.Fronteiras culturais

O termo “fronteira” é frequentemente associado à delimitação de um território, ao limite, ao encerramento de um espaço. Mas o seu sentido tradicional tem a tendência de perder o significado de limitação, sendo completado por um outro sentido com valores simbólicos. Uma fronteira é definida por *A Dictionary of Basic Geography* como “zone of territorial expansion of a nation characterized by one or a combination of the following: sparse population, rudimentary communication with the core area, conflicts of interest and political ideologies with original inhabitants and with adjacent states” (Schmieder, 1970:83). Se por um lado a fronteira se refere às divisões políticas entre os Estados, do outro lado a fronteira delimita as discontinuidades culturais, religiosas ou ideológicas. As fronteiras culturais podem-se sobrepor ou não às fronteiras de um Estado, mas, assim como Romanita Constantinescu bem observou, uma fronteira já não é uma simples delimitação política e administrativa. Uma fronteira é o produto de certas práticas sociais, um *marker* simbólico da identidade étnica, política e, ao mesmo tempo, um lugar crítico para essa identidade presumida (Constantinescu, 2008:9).

As diferenças culturais, associadas às divisões linguísticas, étnicas, religiosas ou à migração, contribuíram ao crescimento significativo da xenofobia e da intolerância em muitas regiões europeias. Neste contexto, o conceito de fronteira desenvolveu-se ao longo do tempo como uma “intolerance axis”, do nacionalismo e do racismo, e da rejeição dos vizinhos (Wackermann apud Horga e Brie, 2010:157). Existem barreiras de comunicação que muitas vezes conduzem ao isolamento individual ou de um grupo, a reações discriminatórias e situações conflituosas, criando-se assim as fronteiras simbólicas ou as fronteiras culturais. Existem em diversos locais dificuldades evidentes de integração entre os grupos de étnias ou culturas diferentes, fazendo da Europa um conjunto de áreas culturais que são delimitadas pelas fronteiras culturais. No interior das comunidades minoritárias dos Estados europeus podemos identificar fronteiras simbólicas que muitas vezes separam as comunidades humanas em função de critérios étnicos ou culturais. Por exemplo, no caso dos imigrantes, é possível que criem à sua volta uma certa fronteira cultural. Mesmo que estes vivam num país do interior da União Europeia, outro que não o seu país natal, guardam a sua própria identidade e os seus costumes ou tradições. Recusando a assimilação do país-anfitrião, eles fortalecem a barreira cultural, sendo muitas vezes vistos pelos locais como intrusos, fugitivos ou estrangeiros oportunistas.

Na maioria das vezes, a razão do aparecimento das fronteiras culturais é a diferença, assim como Pesavento também explica: “o conceito de fronteira já avança para os domínios daquela construção simbólica de pertencimento a que chamamos identidade e que corresponde a um marco de referência imaginária que se define pela diferença”(Pesavento, 2006:10). Portanto, são mesmo as diferenças culturais que delimitam as fronteiras simbólicas. Neste contexto as fronteiras culturais ganham mais visibilidade no caso dos imigrantes, das minorias étnicas ou mesmo entre regiões do mesmo país.

Comparando este aspeto das fronteiras culturais com os princípios europeus, conforme quais a unidade do espaço europeu é dada pela diversidade cultural, parece que a União Europeia gira à volta de um paradoxo. Mas as fronteiras culturais são vistas pela União Europeia como pontos de ligação entre as culturas. A fronteira cultural marca várias áreas com especificidades culturais diferentes, construindo-se assim o espaço europeu das culturas, ou uma “cultura das culturas”. O conceito de “cultura das culturas” reconhece a unidade e ao mesmo tempo coloca o acento na especificidade das culturas (Horga, Brie, 2010:13). Deste ponto de vista, as fronteiras culturais são de facto áreas de contato que asseguram a comunicação e a cooperação, sem constituir barreiras entre os povos ou as culturas europeias. Assim como Pesavento afirmou, temos que pensar na fronteira “como margem em permanente contato, como passagem a proporcionar mescla, interpenetração, troca e diálogo, que se traduzem em produtos culturais” (Pesavento, 2006:11). Mesmo se ao longo do tempo as diferenças culturais criaram conflitos, hoje em dia a cultura e as diferenças culturais são vistas como pontos de ligação entre os povos. É também esta a perspectiva da União Europeia: criar um espaço harmonioso onde cada cultura se pode manifestar junto à outras, sem representar motivos de tensões e conflitos. Mesmo assim, o caminho para atingir esse objetivo não é fácil. As fronteiras culturais, por um lado ainda são espaços de inclusão e por outro, espaços de conflitos e exclusão. As fronteiras culturais podem-se abrir ou fechar, permitindo ou não o contato com outras culturas, mas a União Europeia tenta cultivar a tolerância, tirando as diferenças culturais da sua esfera de conflito, respeitando a diversidade cultural dos povos europeus, mas também dos imigrantes de outros continentes. Não obstante, a fronteira é vista de uma maneira positiva, assim como Pesavento também mencionava, tem que se “tomar a fronteira como conceito possibilitador para se encontrar novos sujeitos, novas construções, novas percepções do mundo” (Pesavento, 2002: 37).

As políticas da União Europeia têm um grande impacto sobre a situação das minorias nacionais nos estados europeus. Um dos objetivos atuais da União Europeia é a construção de um espaço neutro constituído pela cooperação de várias culturas, das quais este espaço

resultou. Um elemento essencial dos acordos de adesão da União Europeia é relacionado com o tratamento para com as minorias nacionais, inclusivamente a gestão da “fronteira” entre as minorias e a maioria (In from the margins, 1998: 69).

No dicionário *The Dictionary of Human Geography*, menciona-se que as fronteiras têm a tendência de desaparecer: “most have now disappeared under the global tide of human settlement and economic development” (Johnston, 2000:282). O tratamento discriminatório através dos imigrantes de alguns países, o aumento das tensões entre grupos sociais, os conflitos determinados pela discriminação racial, sexual ou religiosa, fizeram a União Europeia juntar todos estes problemas na sua agenda e desenvolver políticas comuns para resolver estes assuntos. No presente, as políticas europeias estão centralizadas na direção da cooperação transnacional e da valorização do específico local, diminuindo-se a importância das fronteiras físicas. As antigas fronteiras tornaram-se apenas símbolos da independência nacional (Horga, Brie, 2010:158).

Assim como as fronteiras físicas, as fronteiras culturais também mudaram ao longo do tempo. As fronteiras podem fragmentar-se ou alargar até ao desaparecimento. A tendência atual direciona-se para o alargamento, sobretudo no espaço da União Europeia, facilitando o transporte de mercadorias e a deslocação das pessoas para outros países, mas também facilitando a partilha de informação. Abrindo as fronteiras entre os Estados, cria-se uma sensação mais forte de liberdade.

A fronteira cultural não é vista exclusivamente em comparação com a ideia do Estado. Os organismos intergovernamentais criados depois da Segunda Guerra Mundial, afirmaram varias vezes o interesse para a democratização cultural, para os direitos culturais e para a promoção de políticas coerentes na área da cultura. (In from the margins, 1998: 37). Além disso, os Estados nacionais implicaram-se diretamente na promoção de políticas culturais próprias para a promoção da própria cultura dentro e fora das fronteiras administrativas, tentando diminuir as barreiras culturais.

Considerando o contexto político atual, as mudanças nas políticas culturais a favor da diversidade são elementos de ligação entre os Estados, contribuindo para uma melhor cooperação no espírito de paz e da segurança. Neste processo de mudanças, a europeização cultural tem um duplo sentido de desenvolvimento: as mudanças nas políticas culturais europeias influenciam as culturas nacionais, mas principalmente são as especificidades de cada Estado que determinam os projetos e as iniciativas europeias: “it is important to stress that within the European Union, such a reality is expressed through the principle of subsidiarity according to which competences in point of culture are stressed by national



policies. Consequently, there is no genuine supranational cultural policy” (Ribeiro, 2010:24). Portanto trata-se mais de um câmbio cultural transnacional, que é essencial, assim como Homi K. Bhabha também afirmou: “culture as a strategy of survival is both transnational and translational” (Bhabha, 1999:191). Não obstante, o processo de europeização cultural é definido pela pluralidade cultural, sendo a cultura europeia uma cultura das culturas.

No âmbito de uma melhor compreensão e cooperação entre os povos, a União Europeia tenta facilitar a divulgação das especificidades culturais de cada um dos seus Estados. Assim como Yang Lian observava “a falta de compreensão perante uma outra cultura advém da falta de conhecimento, mas a razão deste conhecimento reduzido está provavelmente no facto de o pensamento se manter demasiado encapsulado” (Lian, 2011: 11). Através das indústrias culturais tenta-se divulgar, mas também educar as pessoas no sentido do respeito e da tolerância.

Segundo Chiappini, o multiculturalismo é visto como “uma ideologia, a do politicamente correto, ou como aspiração, desejo coletivo de uma sociedade mais justa e igualitária no respeito às diferenças” (Chiappini, 2002:43). Mesmo assim, a União Europeia, não tem que deixar de desenvolver as suas políticas na direção da diversidade cultural. O resultado que se espera é um espaço harmonioso, onde se cruzam ideias e perspectivas diferentes, onde as pessoas têm a possibilidade de partilhar conhecimento e criar relações. Para materializar este objetivo é preciso a consolidação das políticas educacionais e culturais e considerar as fronteiras como possibilidade e não como limitação (Martins, 2002:16). A questão de abrir ou fechar as fronteiras culturais depende muito das pessoas implicadas, mas o dever da União Europeia, e particularmente dos seus Estados, é de criar políticas coerentes de modo a educar as pessoas, possibilitar o acesso à informação e incentivar o respeito pela alteridade, ou melhor dizendo, “desencapsular” o pensamento, abrir as fronteiras e eliminar as barreiras culturais.

### **3.3. Redes culturais**

Numa área tão abrangente como a cultura, a comunicação é fundamental. As novas tecnologias forneceram maneiras mais fáceis de comunicar e partilhar a informação. Através dos vários dispositivos e aplicações, pode-se realizar a comunicação entre pessoas situadas em qualquer parte do planeta, em tempo real e de uma forma gratuita. As novas tecnologias transformaram toda a nossa vida, inclusivamente a produção e o consumo cultural. Uma

grande variedade de produtos culturais está disponível para todos os utilizadores de internet. Hoje em dia podem-se “visitar” museus virtuais, ler *e-books*, ouvir música ou visualizar obras de arte *online*. A relação entre as tecnologias, a comunicação e a cultura tornou-se fundamental. Esta relação conduz à formação de uma rede no interior da qual a produção e o consumo cultural se torna mais fácil, mas a presença do fator humano ainda tem um papel muito importante: “However sophisticated the electronic tools and information dissemination, people must actually meet in order to lay the foundations of trust required to develop collaborative projects” (Staines, 1996:11).

No mundo atual e em permanente mudança estar-se ligado com o resto do mundo pode ser a chave do progresso em qualquer área. No contexto da europeização os instrumentos de cooperação intercultural também mudaram. Nas últimas décadas, as redes culturais ganharam mais popularidade e mais importância, no âmbito de uma melhor cooperação intercultural. Assim como Gudrun Pehn menciona: “The field of cultural cooperation has become multi-dimensional to such an extent that the old structures no longer reflect the needs of the new players. The networks have begun to overturn the old structures by bringing greater identity, communication, links and information” (Pehn, 1999:8). Com o aparecimento das redes culturais, o campo da cooperação cultural ganhou mais consistência. Através das redes culturais, as instituições nacionais ganharam um papel muito importante e tornaram-se internacionais. Os projetos culturais, as ideias, os métodos ou as estruturas nacionais, tornaram-se não só mais visíveis, mas também mais específicos (Idem).

Uma rede define-se através de um conjunto de intercâmbios entre indivíduos, grupos ou organizações que partilham informações, ideias e várias perspetivas sobre a mesma área de interesse. Uma analogia para este conceito vem de Gudrun Pehn que comparava as redes com os neurónios: “A network basically functions like the neurons in the brain. Neurons are extremely numerous logical structures which communicate with each other, immediately, wherever they are located in the brain” (Ibidem: 25). Na era das tecnologias e do conhecimento, as redes funcionam no âmbito da inovação, partilhando métodos técnicos, informações e expertises, crescendo com cada novo membro, com cada colaboração com o exterior, com cada projeto, estando tudo em permanente interconexão. É evidente que as redes culturais têm vantagens sobre as instituições culturais hierárquicas tradicionais, este aspeto sendo reforçado pelo simples facto que, assim como Horia Roman Patapievici mencionava, “na nossa sociedade de hoje, a multipolaridade ganha na maioria das vezes vantagens sobre a bipolaridade” (Patapievici, 2011a:162).

As redes criam uma ligação entre os seus membros, que melhoram o funcionamento de cada uma das partes, tornando-os mais fortes do que se funcionassem cada um por conta própria. Funcionam de uma maneira circular, e incluem reciprocidade e comunicação mutual, o que torna possível o melhoramento contínuo: “Each piece of knowledge is itself the creator of many other pieces of knowledge; it is the source of an intellectual process which opens the way to new knowledge, like a chain reaction” (Pehn, 1999:27).

Na área cultural, as redes representam várias vantagens: as informações e as expertises podem-se partilhar com mais facilidade, podem-se estabelecer parceiros confiáveis para projetos de colaboração, desenvolver projetos, estratégias e programas comuns, atraindo também o apoio financeiro de outras organizações culturais. As redes culturais são muito importantes para manter a interação entre instituições e grupos de indivíduos (Lujanski, Neamu, 2005:4-10). Outros benefícios das redes culturais são mencionados no *Manifesto of the European Cultural Networks*, adotado em 1997 pelo *Forum of the European Cultural Networks*:

“European cultural Networks contribute to European cohesion; the mobility of cultural workers and cultural products; facilitate cross-cultural communication – combating xenophobia, racism, and providing practice in cross-cultural understanding; reinforce the civil society in giving a democratic voice to the individual; reinforce those cultural dimensions of development which are not produced by purely economic factors; and help build partnerships with so-called 'third countries’”<sup>12</sup>

Através das redes culturais, programas culturais específicos podem ser divulgados num espaço menos limitado. No caso das comunidades que pertencem à mesma área cultural, mas que se encontram situadas a uma grande distância, como no caso das comunidades da diáspora, a comunicação é facilitada e ajuda ao desenvolvimento de um espaço cultural sem fronteiras. Assim, as comunidades da diáspora podem guardar o contato com o espaço cultural de onde provêm, conseguindo conservar a própria identidade. Além disso, as redes culturais podem tornar essas comunidades mais particulares, diminuindo as fronteiras

---

<sup>12</sup> *Manifesto of the European Cultural Networks*. Adotado pelo Forum of European Cultural Networks Bruxelas, 21 de Setembro de 1997, Disponível em: <http://www.culturelink.org/review/26/cl26ce.html#manifest>, acessado em Maio de 2014

culturais. Desta maneira, o sentimento de isolamento diminuiu-se consideravelmente em comparação com alguns anos atrás (Horga, Brie, 2010:166). Sempre que as pessoas trocam ideias sobre música, literatura, cinema ou tradições, abrem-se as portas da compreensão do outro e criam-se pontes entre as pessoas. Neste sentido, as redes culturais vêm fortalecer a relação entre pessoas de culturas diferentes, fortalecendo a confiança e incentivando o diálogo intercultural. Este diálogo é essencial para as sociedades da diáspora, uma vez que os valores de uma sociedade são revelados também nos produtos culturais daquela sociedade, mostrando ao mesmo tempo que ser diferente não é necessariamente mau. As diferenças culturais revelam simplesmente outras maneiras de pensar sobre o mundo.

O continente Europeu tem uma grande diversidade no que diz respeito à criatividade, ao património, à música, cinema e artes visuais. Para valorizar este potencial são necessárias políticas viáveis e canais eficientes de circulação. As redes culturais representam não só um instrumento para a divulgação e promoção da cultura, mas também contribuem à estimulação da criatividade e multiplicam as possibilidades de formação e investigação da área cultural. Algumas redes temáticas têm como alvo a criação de ações de investigação, desenvolvimento e conhecimento de assuntos de interesse comum, identificados ao nível regional, inter-regional e transnacional (In from the margins, 1998: 321).

Não obstante, as redes culturais têm um papel importante para o processo de europeização, constituindo uma mudança tanto ao nível institucional como também uma forma diferente de cooperação cultural, tendo o papel de favorizar, simplificar e incentivar a realização de projetos culturais comuns. A União Europeia incentiva a cooperação intercultural a longo prazo através das redes culturais. Desta maneira as instituições culturais ficam interligadas, partilhando práticas e projetos, aumentando o interesse para a cultura e para a diversidade cultural através da comunicação permanente com o público (Lujanski, Neamu, 2005:4). A cultura europeia, o espaço cultural europeu e sobretudo a diversidade cultural ganham desta forma mais visibilidade, estando os seus componentes em permanente conexão. Existe uma multidão de modelos e práticas que se podem experimentar e partilhar que resultam num espaço comum multicultural.

Horga e Brie explicam que as redes culturais são usadas pelas instituições europeias no processo de implementação das políticas culturais da União Europeia. Este aspeto não tem a ver só com o apoio financeiro que muitas destas redes recebem da União Europeia, mas sim com um novo modo de funcionamento ao nível institucional. As redes ganharam um papel muito importante e tornaram-se interlocutores entre as instituições regionais, nacionais e

européias, interligando as atividades culturais, e promovendo os valores comuns (Horga, Brie, 2010:167).

A emergência das redes culturais na Europa tinha como alvo o desenvolvimento do diálogo intercultural no âmbito da paz. Nas últimas décadas instituíram-se várias redes culturais europeias, algumas com atividades mais específicas e outras mais abrangentes: *European Festivals Association* (1952), *European Network of Cultural Centers and Historic Monuments* (1972), *European Cultural Networks* (1988), *Culturelink* (1989), *Network of European Museum Organization* (1992), etc. (Pehn, 1999:38). Uma rede muito importante, com um papel fundamental na promoção dos valores europeus é a EUNIC – *European Union National Institutes for Culture*, fundada em 2006. A EUNIC é uma rede cultural que reuniu institutos nacionais de cultura de vários países, com o objetivo de iniciar uma parceria estratégica para a promoção da cultura europeia ao nível europeu e global e para fortalecer as relações com os países membros e não membros.<sup>13</sup> A EUNIC é uma rede de redes, porque, na maioria dos casos, os institutos nacionais têm várias filiais espalhadas em outros países. Desta forma a sua importância aumenta com o crescimento dos seus membros. A EUNIC tem um papel muito importante no desenvolvimento e implementação das políticas culturais da União Europeia, por vezes complementando as suas iniciativas. A EUNIC contribui para o desenvolvimento da diversidade cultural, promove a inovação e o desenvolvimento das indústrias criativas e tem o papel de embaixador cultural da UE, construindo relações culturais entre povos de todo o mundo (Patapievic, 2011a:164).

Indiferentes do seu papel em relação às instituições da União Europeia, as redes culturais europeias são importantes fatores transnacionais que estimulam a cooperação e o diálogo intercultural. Ao mesmo tempo, além de qualquer rede oficial, existem também colaborações culturais entre museus, teatros ou festivais de vários países, mas também entre cidades, regiões, universidades ou associações, sendo esta cooperação muito importante para o desenvolvimento de cada uma das partes implicadas.

---

<sup>13</sup>Site oficial da EUNIC <http://www.eunic-online.eu/?q=content/who-we-are>, acedido em Maio de 2014

## **Capítulo II – O Instituto Cultural Romeno**

## 1. Histórico

Na Europa, os institutos culturais emergiram já no fim do século XIX e consolidaram-se no início do século XX, quando as grandes potências europeias como França, Alemanha, Grã-Bretanha ou Itália começaram a exportar a sua língua, cultura e costumes com o objetivo de ganhar influência e manter-se no topo dos Estados europeus. Especialmente no período entre guerras, mas também depois da segunda Guerra Mundial, os institutos de cultura nacionais eram usados na maioria dos casos como instrumentos de propaganda cultural (Paschalidis, 2009:277). Na Roménia, a propaganda cultural continuou até ao fim do comunismo em 1989, quando a cultura era utilizada meramente com objetivos políticos:

“The goal of the regime was to promote Romanian cultural products in order to show the creativity of the people, its artistic potential, which in turn would demonstrate that Romania is a strong economic and political partner for the other members of the Warsaw Treaty and especially for Western nations” (Drăgulescu, 2013:2).

Com esse objetivo foi fundado em 1962 o Instituto Romeno para Relações Culturais com Países Estrangeiros. O papel do Instituto era de intensificar as relações cultural-diplomáticas com países da Europa, mas também com o resto do mundo, participando em várias feiras internacionais de livro, de teatro ou de cinema, exposições de arte e outros eventos culturais. Os projetos desenvolvidos eram coordenados exclusivamente pelo Estado, e o conteúdo dos produtos culturais submetido à uma estrita censura, toda a atividade do Instituto transformando-se numa campanha de propaganda nacional (Idem).

Depois da queda do comunismo em 1989, era necessário reconstruir não só o regime político e económico, mas também reestabelecer a direção cultural do país. Neste contexto, em 1990 foram fundadas a Fundação Cultural Romena (FCR) e a Edição da Fundação Cultural Romena (EFCR). A FCR foi instituída depois da reestruturação de outras duas instituições culturais: o Instituto Romeno para Relações Culturais Externas e a Associação Roménia (criada em 1972). A FCR era uma entidade autónoma, não subordinada a nenhuma autoridade central. Mesmo assim, a autonomia da FCR era discutível uma vez que era o Ministério dos Negócios Estrangeiros (MNE) que geria todo o seu orçamento, incluindo o orçamento proveniente da venda das publicações da EFCR, enquanto em termos de políticas

culturais, a FCR recebia assistência do Ministério dos Negócios Externos e do Ministério da Cultura (Patapievici, 2008: 8).

A Fundação desenvolveu projetos culturais ao nível local, mas também ao nível internacional, com o apoio da *European Foundation Center* (EFC), uma organização pan-europeia com a sede em Bruxelas que reúne várias fundações da Europa. Através das colaborações com o EFC e com várias universidades e instituições culturais do estrangeiro, a Fundação Cultural Romena conseguiu abrir o caminho de alguns escritores, artistas e intelectuais romenos para o estrangeiro. O objetivo principal da fundação era começar o diálogo cultural com o resto do mundo, através de programas culturais para a divulgação da cultura romena no estrangeiro e, em paralelo, a promoção de outras culturas no território da Roménia. Como representante de uma nova sociedade democrática, a Fundação assumiu esse papel, de iniciar o diálogo intercultural que, assim como o diretor da FCR, Augustin Buzura mencionava, era uma troca livre de ideias com outras culturas, no âmbito da partilha de conhecimento entre o Leste e o Oeste.<sup>14</sup> A partilha de conhecimento, o diálogo livre entre a Roménia e os países ocidentais, significou por um lado o início da democratização do país e por outro lado a sua preparação para a integração na União Europeia.

Outro objetivo da FCR era manter a relação com as comunidades de romenos de outros países. Apesar dos problemas financeiros, a Fundação conseguiu implementar alguns projetos culturais que visavam a promoção dos valores culturais romenos, dos produtos artísticos, da língua e das tradições. Com o objetivo de tirar a cultura romena do anonimato, a Fundação apoiou a participação dos artistas romenos em seminários, conferências, feiras de música, de cinema ou de livros e em festivais internacionais. Ao mesmo tempo organizaram-se exposições de arte, apoiou-se a tradução de livros de autores romenos, publicaram-se álbuns artísticos, arquiteturais e etnográficos e organizaram-se cursos de romeno para os estrangeiros. Mesmo assim, as iniciativas não eram suficientes. Era necessária uma melhor representação da cultura romena no estrangeiro e a instituição tinha uma falta muito grande neste aspeto. Mesmo a FCR tendo o direito de colaborar com instituições culturais do estrangeiro, o seu estatuto não lhe permitia instituir outros institutos culturais fora do país. Para resolver este assunto e melhorar o seu funcionamento, em 2003 a Fundação sofreu uma reestruturação, que resultou na criação do Instituto Cultural Romeno que conforme a lei nº356/2003, tinha a permissão de abrir institutos culturais romenos em vários países da Europa e nos EUA (Drăgulescu, 2013:4). Esta decisão representou não só uma mudança

---

<sup>14</sup> Entrevista com o diretor da FCR, Augustin Buzura <http://www.formula-as.ro/2000/411/spectator-38/spectator-1397>, acedido em Maio de 2014



institucional, mas também uma mudança de estatuto da cultura romena. Além disso, com as novas regulamentações, o Instituto passou da autoridade do Senado para a autoridade simbólica do Presidente do Estado, com o argumento de que as atividades do instituto serão mais transparentes e menos influenciadas pelos partidos políticos do governo. Além disso, em 2004 o orçamento para a programação cultural passou a ser da autoridade do instituto. (Patapievici, 2008:9). Com esta mudança, o ICR ganha finalmente mais autoridade e autonomia no que diz respeito à realização dos programas. Mesmo assim, o orçamento tinha (e continua a ter) subordinação dual: o orçamento da administração é gerido pelo MNE e o orçamento dos programas culturais pelo ICR.

Com a instituição do ICR e das suas filiais no estrangeiro, a cultura romena estava pronta para entrar oficialmente no grande esquema da cultura europeia, ganhando mais visibilidade e credibilidade. Tendo como modelos os mais antigos e prestigiosos Institutos Culturais da Europa (Institut Française, British Council, Goethe Institut), o ICR começou com pequenos passos a definir estratégias para a divulgação da cultura romena fora das fronteiras administrativas do país.

Entre 2003 e 2005, o ICR continuou a ser conduzido pelo Augustin Buzura, antigo presidente da FCR. Inicialmente o instituto começou com problemas burocráticos, de administração e de orçamento. Até 2005, instituíram-se 7 institutos culturais no estrangeiro, mas que ainda não funcionavam plenamente. Por exemplo em Praga e Nova Iorque os institutos tinham falta de funcionários e em Viena, Telavive e Londres os institutos existiam só no papel, funcionando apenas como anexos das embaixadas, com uma única pessoa a gerir os programas culturais. O único que funcionava propriamente era o Instituto Cultural Romeno em Berlim. (Idem)

Em 2005, Horia Roman Patapievici foi nomeado como presidente do ICR. Quando tomou o cargo de presidente do ICR, H.R. Patapievici constatou que não existia uma estratégia cultural coerente, os projetos desenvolviam-se em colaboração com as embaixadas, mais no sentido da diplomacia cultural do que da mediação cultural. Em 2004, Jonthan Scheele, o chefe da delegação da Comissão Europeia em Bucareste, criticou duramente o funcionamento do ICR, afirmando que a cultura romena era desconhecida para os cidadãos europeus.<sup>15</sup> Para mudar a imagem do ICR e da cultura romena no estrangeiro, o novo presidente começou o seu mandato com duas reformas: uma institucional e uma de políticas

---

<sup>15</sup> Entrevista com o ex-diretor do ICR, Horia Roman Patapievici [http://www.observatorcultural.ro/Institutul-Cultural-Roman-este-fie-debil-fie-neputincios.-Interviu-cu-Horia-Roman-PATAPIEVICI\\*articleID\\_12920-articles\\_details.html](http://www.observatorcultural.ro/Institutul-Cultural-Roman-este-fie-debil-fie-neputincios.-Interviu-cu-Horia-Roman-PATAPIEVICI*articleID_12920-articles_details.html), acedido em Maio de 2014

culturais. A reforma institucional começou com a reestruturação completa do funcionamento dos institutos no estrangeiro. Conforme as declarações do H. R. Patapievici, tanto o procedimento de funcionamento como também a estratégia cultural tiveram que ser criadas a partir do zero. Foram tomadas medidas para melhorar a transparência da instituição, regulamentando o processo de seleção e avaliação ao nível dos recursos humanos, tendo como critério eliminatório o conhecimento da língua e do contexto cultural do país em causa. Os diretores foram responsabilizados através das avaliações e os assessores foram motivados pelos critérios objetivos de seleção e pela maior independência com qual podiam desenvolver os projetos. Criou-se também uma estratégia coerente para o desenvolvimento dos projetos e ao mesmo tempo, as filiais do estrangeiro ganharam mais importância, desenvolvendo cada uma o seu plano próprio de projetos anuais seguindo algumas diretivas da sede central em Bucareste. Cada plano era analisado e aprovado pela unidade central do ICR de Bucareste e recebia o orçamento necessário para a realização dos projetos (Patapievici, 2008:9). A relação entre projetos e orçamento é essencial. Sem orçamento, os projetos não se podem concretizar e sem projetos realistas, o orçamento pode ser desperdiçado. Portanto, a equipa que avalia os projetos (formada por membros especializados no domínio cultural) tem o papel de manter o equilíbrio entre os programas culturais e o orçamento atribuído, analisando cada projeto em função de vários fatores tais como o valor da obra artística, o impacto esperado do projeto, o orçamento necessário etc.

No seu primeiro mandato (2005-2008), H. R. Patapievici conseguiu negociar com o governo o aumento do orçamento anual do ICR. Depois de apresentar argumentos e planos válidos, o orçamento atribuído ao ICR aumentou significativamente e contribuiu para o cumprimento das necessidades que o Instituto tinha ao nível de projetos culturais. O orçamento aumentou em 2006 de 2.25 milhões de EUR para 5.3 milhões de EUR, em 2007 para 10.3 milhões de EUR e em 2008 para 10.55 milhões de EUR. Parece um aumento significativo, mas comparando este orçamento com o PIB, as percentagens são mínimas: 0.07‰ do PIB em 2004 e 0.31‰ do PIB em 2007. No mesmo período foram estabelecidos objetivos claros para o Instituto, tomando em consideração as possibilidades orçamentais e as competências institucionais (Idem).

Analisando os relatórios de atividade, pode-se concluir que o período 2005-2008 foi um período prolífico para o Instituto Cultural Romeno e para todas as suas filiais no estrangeiro. Foram continuados alguns dos projetos relevantes dos anos anteriores e foram iniciados projetos novos que trouxeram pouco a pouco o reconhecimento do Instituto como

uma instituição de confiança e que atraíram parceiros e colaboradores importantes. Como resultado, H.R Patapievici continuou a presidir ao ICR por mais um mandato.

No final de 2011 existiam já 18 filiais funcionais do ICR no estrangeiro: Berlim, Bruxelas, Budapeste, Szeged, Estocolmo, Istambul, Lisboa, Londres, Madrid, Nova Iorque, Paris, Praga, Roma, Telavive, Veneza, Varsóvia, Viena e Quichinau. Além disso, em 2007, ICR entrou também na rede dos Institutos Culturais Europeus EUNIC e em 2010-2011 ICR foi o presidente da EUNIC. Fazendo parte da EUNIC, o ICR tornou-se um ator cultural com reconhecimento internacional.

É fácil observar que o período 2008-2011 foi ainda mais produtivo do que o período anterior. Mesmo assim, nesses anos não faltaram situações controversas e escândalos mediáticos produzidos por alguns programas alternativos do ICR. Por exemplo, em 2008, uma exibição de *street art* (intitulada “Freedom for lazy people”, organizada pelo ICR Nova Iorque) conduziu a um escândalo político e mediático, sendo os organizadores do projeto acusados de antissemitismo e de gastar o orçamento público para promover uma arte depravada, decadente e sem valor. Tudo isso porque uma peça da exposição era um pônei cor-de-rosa com uma suástica desenhada numa das pernas. Enquanto na Roménia a imprensa só falava sobre o pônei e os seus significados, em Nova Iorque a exposição era muito apreciada e os seus autores foram contratados para decorar uma sala do teatro *37 Arts* para o musical “Fela!” na direção de Bill T. Jones.<sup>16</sup>

Em 2012 ICR sofreu duas mudanças significativas: uma mudança no quadro legal de funcionamento e uma mudança de direção. Depois de quase dez anos de funcionamento sob a autoridade simbólica do presidente do Estado, o ICR passou para a autoridade do Senado da Roménia, depois da emissão do decreto de emergência 27/2012, adotado pelo Governo em junho de 2012. Como protesto contra o novo decreto, o presidente do ICR, H. R. Patapievici e os vice-presidentes, Tania Radu e Mircea Mihăieș, apresentaram as suas demissões. Eles demitiram-se por não concordar com a decisão governamental e porque recusaram conduzir um instituto que, segundo eles, se iria tornar num instrumento político. Este episódio foi marcante para o ICR e para a cultura romena. Um grande grupo de escritores, artistas e intelectuais romenos iniciou “o movimento das gravatas-borboletas”, um protesto contra a decisão governamental simbolizando a solidariedade e o respeito pelos valores culturais, o

---

<sup>16</sup> Notícia sobre o evento “Freedom for lazy people” <http://www.9am.ro/stiri-revista-presei/Social/100024/Scandalul-poneiului-cu-zvastica-pe-crupa-sau-cum-sa-ii-explici-unui-iepure-mort-pictura.html>, acedido em Maio de 2014

profissionalismo e a intelectualidade.<sup>17</sup> Apesar dos protestos e das cartas assinadas por vários homens de cultura da Roménia, o decreto foi aprovado com o argumento de que em anos passados foram desviados fundos públicos e iniciados projetos culturais irrelevantes para a cultura nacional:

In justifying the emergency nature of this piece of legislation, the government bill notes that it responds to the need to "preserve and perpetuate national identity" and takes into account that maintaining the current functioning of RCI will lead to "the extension of the highly negative effects of some state of affairs that tend to affect, permanently, the sense of belonging to the Romanian nation of those who are already settled, temporarily, in other states".<sup>18</sup>

Seguiram-se uma série de medidas que prejudicaram o bom funcionamento do instituto. Uma das primeiras foi o corte do orçamento em 30%, que deixou as redes do ICR sem fundos para o resto do ano e prejudicou também os projetos já em curso. Por causa do corte orçamental uma série de parcerias e projetos foram suspensos. Depois da retificação de outubro de 2012, o orçamento foi aumentado em mais 150 000 euros, resultando num orçamento anual de aproximadamente 6 650 000 euros. Alguns dos projetos foram continuados sem financiamento ou foram anulados (Relatório de atividade, 2012:8-9)

Em setembro de 2012, o cargo de presidente do ICR foi tomado por Andrei Marga, professor e reitor na Universidade Babeş Bolyai de Cluj, ex-ministro da educação e ex-ministro dos negócios externos. Durante o seu mandato foram rejeitados os financiamentos para alguns dos mais importantes festivais culturais da Roménia (*Transilvania International Film Festival TIFF* de Cluj, O festival de Jazz de Sibiu, O Festival de filme independente “Anonimul”, o Festival Nacional de Teatro, O Festival de Filme Documentário “One World Romania”), como também a produção de DVDs para o filme “Beyond the Hills” do cineasta romeno Cristian Mungiu, que foi nomeado ao Óscar e recebeu prémios em Cannes e outros festivais de cinema de renome internacional. Estas medidas foram justificadas com a falta de orçamento, mas mesmo assim, nasceram conflitos com vários artistas romenos, alguns deles recusando qualquer colaboração com o ICR. No início de 2013, nomes importantes da literatura romena contemporânea (com livros traduzidos em várias línguas) como Andrei Pleşu, Gabriel Liiceanu ou Mircea Cărtărescu, recusaram a participação no Salão do Livro de

---

<sup>17</sup>Notícia sobre “o movimento das gravatas-borboletas” <http://www.arcen.info/miscarea-papioanelor/>, acessido em Maio de 2014

<sup>18</sup>Compendium - Cultural policies and trend in Europe. Romania <http://www.culturalpolicies.net/web/romania.php?aid=342>, acessido em Junho de 2014

Paris, onde a Roménia foi convidada de honra. Os escritores mencionados fizeram essa escolha por não concordarem com as mudanças recentes dentro do instituto.<sup>19</sup>

Em Junho de 2013, o primeiro-ministro da Roménia convocou uma reunião do Senado para exprimir a sua insatisfação com o funcionamento do ICR. Andrei Marga demitiu-se antes de uma decisão oficial do Senado e foi precedido a curto tempo pelo diplomata romeno Lilian Zamfiroiu, ex-ministro plenipotenciário na Delegação permanente da Roménia na UNESCO e adjunto do embaixador da Roménia na UNESCO.

Desde a sua criação até hoje, o ICR passou por períodos críticos, mas também por períodos produtivos. Atualmente, com o orçamento drasticamente reduzido, parece difícil cumprir os planos de atividade e de manter o estatuto que ganhou ao longo do tempo. Devido à falta de fundos o instituto pode perder parceiros importantes e para além disso pode ainda perder a confiança dos artistas e do seu público. É um risco em que se encontram várias instituições culturais da Europa já há alguns anos devido à crise económica global. Neste sentido, o diálogo intercultural, políticas culturais coerentes e a cooperação mútua entre várias instituições podem ajudar a ultrapassar os impedimentos financeiros que ameaçam a cultura nos nossos dias.

## **2. Estrutura e objetivos**

O Instituto Cultural Romeno funciona atualmente sob a lei 356/2003 com as devidas alterações da OUG 27/2012, sendo uma entidade administrativa autónoma, com personalidade jurídica, sob controlo parlamentar, desenvolvendo a sua atividade externa através das 18 filiais no estrangeiro. As filiais do ICR no estrangeiro continuam a ser subordinadas do ponto de vista administrativo ao MNE e desenvolvem a sua atividade em colaboração com os escritórios diplomáticos e consulares dos países respetivos. O conselho de direção do ICR é representado por um presidente e dois vice-presidentes nomeados pelo Senado, um membro designado pelo presidente do Estado, um membro designado pelo primeiro-ministro, um membro designado pelo Ministério dos Negócios Estrangeiros, um membro designado pelo Ministério da Cultura, um designado pelo Ministério da Educação, um pela Academia Romena e outros 14 membros designados pelo Senado. O conselho de

---

<sup>19</sup> Reportagem sobre o ICR <http://www.revista22.ro/icr-de-la-augustin-buzura-la-lilian-zamfiroiu-28398.html>, acedido em Junho de 2014

direção é o órgão deliberativo da instituição tem o papel de aprovar as estratégias, os orçamentos e os relatórios anuais de atividade e também aprova a colaboração com organizações internas e internacionais. Além deste conselho existe também um conselho de consultoria que tem como membros especialistas no domínio da cultura, artes e ciências e tem o papel de analisar os projetos anuais propostos pelos institutos do estrangeiro.<sup>20</sup>

Além dos objetivos definidos pela lei, o ICR tem que ter uma estratégia cultural profissional e em conformidade com as tendências europeias. Desta forma, a reforma de políticas culturais, iniciada em 2005 pelo H. R. Patapievici, tinha como objetivo principal a cooperação cultural direta, substituindo a promoção exclusiva da cultura oficial nacional. Fazendo um balanço dessa reforma, H. R. Patapievici afirmava que as culturas só se podem afirmar através da integração, no sentido de por em contacto os mercados culturais. Segundo o autor, a cooperação cultural é a melhor modalidade para manter uma cultura viva, uma vez que “as culturas oficiais já não existem” (Patapievici, 2011b:9).

As mudanças produzidas na altura chamaram à atenção personalidades internacionais. O consultor político e analista britânico, Rod Ficher destacou o Instituto Cultural Romeno “como aqueles que, no passado recente, teriam levado a cabo uma verdadeira mudança de paradigma” (Ficher apud Patapievici, 2011a: 160). Esta mudança institucional conduziu à libertação dos artistas dos padrões tradicionais:

“Através desta reforma institucional, o Instituto Cultural Romeno evoluiu de uma instituição de propaganda cultural e (no melhor dos casos) de diplomacia cultural, para uma instituição que se mantém fiel à sua reputação cultural, fazendo soar a sua própria voz em sintonia com as vozes dos outros” (Patapievici, 2011a:161).

Acabar com a cultura dos valores nacionalistas, promovidos pelas instituições do Estado, era necessário uma vez que no período do comunismo e ainda alguns anos depois, todos os projetos culturais tinham o papel de representar exclusivamente os valores nacionais, de ser patrióticos e em consonância com os valores do partido (Idem).

Mesmo assim, as políticas culturais implementadas por H. R. Patapievici e os projetos desenvolvidos foram criticados por não representarem o interesse nacional e não revelarem os verdadeiros valores nacionais. Foi uma das razões pelas quais o ICR passou da subordinação simbólica do presidente para a subordinação do Senado. Em 2011, H. R. Patapievici reconheceu que a sua reforma cultural podia ser contestada pelos nacionalistas e mencionou

---

<sup>20</sup>Regulamento de organização e funcionamento do ICR 2014  
[http://www.icr.ro/files/items/15149\\_1\\_Regulament%20de%20organizare%20si%20functionare%202014.pdf](http://www.icr.ro/files/items/15149_1_Regulament%20de%20organizare%20si%20functionare%202014.pdf),  
Acedido em Junho de 2014

que “a cooperação cultural conduz, no fundo, a uma “desnacionalização” dos dinheiros que, nas respetivas instituições nacionais, estão previstos para a representação do país no exterior” (Patapievi, 2011a:161). O mesmo autor afirmava ainda que a divulgação da cultura deveria assumir novas formas, tais como a colaboração e o diálogo intercultural, considerando-os essenciais para os institutos nacionais de cultura (Idem).

Na página oficial do ICR, na seção *About us*, o papel e os objetivos da instituição são explicados e exemplificados. O papel principal do ICR é “raising the profile of Romanian culture around the world”, sendo a cultura definida nesta mesma página como “a complex whole which includes knowledge, convictions, arts, morality, laws, customs and techniques acquired by a community, all these organizing its life and aspirations”<sup>21</sup> A cultura romena é divulgada através de vários projetos culturais que implicam artistas e personalidades dos seguintes domínios: literatura, música, artes visuais, ciências, arquitetura, filosofia e teologia. As principais atividades do Instituto são destinadas às minorias romenas, às comunidades romenas no estrangeiro e ao público estrangeiro.<sup>22</sup>

No presente regulamento de funcionamento do ICR, aprovado em 2014, são incluídos, entre outros, objetivos em conformidade com as políticas propostas pela UE: abrir a cultura romena para os mercados culturais internacionais e receber as outras culturas no espaço romeno; facilitar o diálogo e a colaboração de personalidades e de comunidades culturais e científicas romenas com parceiros internacionais, no espírito da cooperação europeia; apoiar a realização de estudos, análises e investigações sobre o acesso à cultura e educação. Alinhando os seus projetos com as iniciativas europeias, o ICR participa no aumento da diversidade cultural e da interculturalidade. Hoje em dia, manter o contacto com as outras culturas, é essencial. Neste contexto, em que todas as culturas comunicam entre si de modo semelhante, a projeção da cultura nacional de uma forma nacionalista e propagandística levaria ao isolamento daquela cultura.

## **2.1. A Rede dos Institutos Culturais Romenos**

No presente, o ICR tem filiais em 16 países, entre os quais 2 na Hungria (Budapeste e Szeghed), 2 em Itália (Veneza e Roma) e os outros em Lisboa, Londres, Berlim, Estocolmo, Bruxelas, Madrid, Varsóvia, Paris, Viena, Quichinau, Praga, Istambul, Tel Aviv e Nova

---

<sup>21</sup> Site oficial ICR <http://www.icr.ro/bucharest/objectives-mission/programs-of-the-romanian-cultural-institute-2012-2013.html>, acedido em Junho de 2014

<sup>22</sup> Site oficial ICR <http://www.icr.ro/bucharest/objectives-mission/>, acedido em Junho de 2014

Iorque. Todas estas filiais formam uma rede com centro em Bucareste, mas que são também coordenadas pelo Ministério dos Negócios Estrangeiros e, no caso dos institutos de Itália, pela Academia Romena e o Ministério da Cultura. Cada instituto tem um diretor e um vice diretor (que não podem ter nenhuma afiliação política), três assessores (em alguns casos, tais como em Lisboa, apenas dois assessores) e um contabilista. As suas atividades principais são organizar eventos culturais (exposições de pintura escultura ou fotografia, espetáculos de música, dança ou teatro, sessões cinematográficas, recitais de poesia etc.), conferências e debates com temas culturais, cursos de língua romena etc.

Os papéis principais das filiais do ICR são especificados na decisão governamental 492/2004<sup>23</sup> e visam os seguintes encargos principais:

- Promover no plano internacional produtos culturais romenos valiosos e personalidades romenas da área cultural, artística, científica e educacional;
- Promover no país de residência atividades e estudos de investigação sobre a história, a cultura e a civilização romena;
- Fornecer documentos e informações sobre a vida académica, sociocultural, económica e política da Roménia;
- Promover manifestações culturais, exposições, eventos mediáticos, como também implementar os programas anuais aprovados pelo centro ICR;
- Apoiar iniciativas para o desenvolvimento cultural das comunidades romenas no estrangeiro, por forma a favorecer a sua integração, como também para manter a sua ligação com a Roménia;
- Facilitar a cooperação entre instituições e personalidades romenas (da esfera da cultura, da ciência, tecnologia, educação e desporto e também do turismo) e as instituições correspondentes do país de residência;
- Realizar programas de promoção da língua romena no estrangeiro.

Para assegurar um maior impacto e reconhecimento da parte do público do país-anfitrião, os institutos podem colaborar com outras instituições do respetivo país. Podem assim criar-se ligações importantes, obter espaços para desenvolver os projetos e criar contactos com o mundo cultural local. Não obstante, as filiais do ICR têm a missão de criar ligações entre os artistas romenos e o público do país de residência, estimulando os intercâmbios culturais e fomentando o diálogo com instituições culturais, com o fim de introduzir os produtos culturais romenos nos mercados estrangeiros. Com objetivos

---

<sup>23</sup>Decreto Governamental 492/2004 [http://www.clr.ro/rep\\_dil\\_2002/..%5Crep\\_hm%5CHG492\\_2004.htm](http://www.clr.ro/rep_dil_2002/..%5Crep_hm%5CHG492_2004.htm),  
acedido em Maio de 2014



semelhantes, os institutos do estrangeiro desenvolvem projetos de mobilidade para jornalistas ou homens de cultura dos países de residência, que vão à Roménia para participar em projetos culturais e conhecer a cultura romena de uma forma direta. Além disso, os institutos podem participar noutras redes culturais, fazendo parcerias com organizações europeias e internacionais.

Em 2012, depois da retificação orçamental, as filiais do estrangeiro receberam várias recomendações da sede do ICR em Bucareste, com o fim de facilitar a continuação dos projetos de acordo com as novas diretivas. Desta forma, as filiais necessitaram de se concentrar na organização de projetos complexos, relevantes e com impacto mediático e cultural, ao mesmo tempo que organizavam projetos de menor envergadura, para manter um balanço financeiro e para que a presença do ICR no esquema cultural do país de residência se mantenha em equilíbrio. Foi aconselhado também manter e fortalecer as relações com os parceiros já estabelecidos e criar novas oportunidades de colaboração com atores culturais locais. Isto realizando-se através de associações nas manifestações culturais locais de maior interesse e aumentando os contactos mediáticos. Foi transmitida também a necessidade de criar uma “Biblioteca da cultura romena” na sede de cada filial do ICR, com livros e publicações de importância para a cultura romena. De igual maneira foi recomendado às filiais do ICR colaborar com os órgãos diplomáticos na organização de eventos e manifestações para marcar o Dia Nacional da Roménia no 1º de Dezembro. Além das diretivas e recomendações enumeradas acima, foi sublinhado que os programas desenvolvidos pelas filiais no estrangeiro diversificassem os domínios de atividade e também alargassem a sua área geográfica de ação. Ao mesmo tempo os projetos necessitaram um alinhamento com a agenda cultural da UE, “Europa 2020”, apoiando as indústrias culturais e criativas, colaborando com a EUNIC e assegurando aulas de língua romena em conformidade com as práticas de outros países da UE (Relatório de atividade, 2012:21-22)

Para facilitar a divulgação da cultura no estrangeiro, é necessário possibilitar a mobilidade dos artistas e eliminar os obstáculos que têm a ver com os intercâmbios culturais. Esta missão é essencial para os Institutos Culturais Romenos no Estrangeiro, cujos objetivos são de apoiar a mobilidade dos artistas romenos em outros países. Na maioria dos casos esses obstáculos têm a ver com razões financeiras que nos últimos 2-3 anos representam um grande problema para o próprio instituto. Analisando a complexidade dos objetivos que o ICR e as suas filiais têm, verifica-se que o orçamento anual atribuído parece ser insuficiente uma vez que ao longo do tempo o setor cultural se tem confrontado com problemas financeiros. De qualquer forma o ICR encontrou sempre soluções para continuar a desenvolver e apoiar as

atividades culturais. Neste sentido, as recomendações de virar a atenção para as colaborações estratégicas, provaram ser úteis para cumprir os projetos culturais das filiais do ICR (Idem).

### **3. ICR na EUNIC**

Nos últimos anos a preocupação cada vez maior para as culturas conduziu a novas práticas e políticas culturais com a destinação de melhorar a produção e a divulgação cultural no âmbito de uma melhor cooperação entre as sociedades. As redes culturais representam ao mesmo tempo mediadores culturais (apoioando a criatividade artística e a produção cultural) e fatores de decisão e de implementação das políticas culturais, como por exemplo o caso da EUNIC, que é uma das mais importantes redes culturais europeias. A EUNIC tem o papel de criar ligações entre vários institutos culturais europeus e de apoiar a promoção das culturas nacionais e da diversidade cultural:

“EUNIC’s mission is to promote European values and to contribute to cultural diversity inside and outside of the EU through collaboration between European cultural institutes. EUNIC’s aim is to expand the role of culture in Europe and to strengthen cultural dialogue, exchange and sustainable cooperation worldwide”.<sup>24</sup>

Assim como H. R: Patapievicu mencionou, EUNIC representa “a new phase in the life of the national institutes for culture: the transition from cultural diplomacy mediated through state interests to direct cultural co-operation” (Patapievicu, 2010:3).

O ICR juntou-se à rede EUNIC em 2007 e essa colaboração foi materializada em vários projetos culturais, que aumentaram a visibilidade do ICR e da cultura romena na Europa e no mundo. Mais do que isso, o intercâmbio de experiências entre os institutos membros da EUNIC ajudou a sincronização das boas práticas culturais e ao desenvolvimento de projetos comuns, promovendo a diversidade linguística e facilitando ainda mais a mobilidade dos artistas. A cada ano que passa os projetos da EUNIC se tornam cada vez mais diversificados e a participação do ICR nos seus projetos é mais e mais ativa. Os membros da EUNIC são independentes um do outro, mas fazendo parte de uma rede, apresentam-se em conjunto, representando ao mesmo tempo a sua cultura, a cultura dos outros membros, mas também uma cultura comum, europeia. Vários institutos culturais unem-se na organização de

---

<sup>24</sup> Site oficial da EUNIC <http://www.eunic-online.eu/?q=content/who-we-are>, acedido em Maio de 2014

projetos com o mesmo tema, mas cada um apresenta um conteúdo diferente. Estes projetos em conjunto contribuem para a europeização cultural, mostrando os aspetos comuns, mas também as diferenças entre as culturas europeias, sendo ao mesmo tempo uma fonte de conhecimento e de compreensão.

As filiais do ICR participam ativamente nos projetos desenvolvidos nos *clusters* locais da EUNIC, abrangendo uma vasta gama de assuntos, desde literatura, cinema, musica, dança, teatro ou banda desenhada, até conferências, colóquios e *workshops*, com temas culturais e sociais, destinados a uma grande variedade de público. Entre os mais conhecidos programas em que o ICR (com as suas filiais no estrangeiro) participou estão: “European Literature Night”, “European Languages Day”, “Small Languages, Big Literatures”, “Translating Europe”, “European Book Club”, “Cinema total”, “New Waves, New Ways”, “Europemania” – festival de teatro e música, “DanceUnion”, “Night of Theaters”, “European Comics festival”. Algumas das filiais do ICR também participaram em conferências, colóquios e *workshops* de grande importância para o contexto cultural e social atual: “Culture Watch Europe” – conferência sobre políticas culturais, “Intercultural school”, “From cultural diplomacy to cultural cooperation”, “Identity and diversity in the European Union”, “A Europa Lê”, “European Day of Languages”(ICR in EUNIC, 2011). Estes projetos são de grande interesse tanto para ICR como para EUNIC e representam a materialização da estratégia de toda a rede. Ao mesmo tempo, ao participar nos programas da EUNIC a cultura e os artistas romenos ganham uma importância europeia, situando-se ao mesmo nível com reputados institutos europeus tais como o British Council, o Goethe Institut, o Institut Français e o Instituto Camões.

Além da presidência da EUNIC do H. R. Patapievici entre 2010 e 2011, as filiais do ICR foram muito ativas nos *clusters* locais, tomando a liderança das equipas baseadas em Londres (2008-2009, 2012-2013), Bruxelas (2009-2010), Budapeste (2010-2011), Nova Iorque (2010-2011), Praga (2008-2011), Madrid (2011-2012), Paris (2011-2012), Istambul (2013) (Relatório de atividade, 2012:253). Para ICR, a associação com a EUNIC pressupõe um número impressionante de projetos culturais, onde toda a rede de institutos culturais romenos foi implicada. A participação do ICR na rede EUNIC aumentou significativamente ao nível dos projetos iniciados e desenvolvidos e gerou visibilidade internacional. Através dos projetos EUNIC, revela-se a criatividade local que contribui por sua vez à criatividade global, colocada à luz no quadro dos projetos de colaboração entre os seus membros.

A colaboração do ICR com a EUNIC também tem uma grande importância para a divulgação da cultura romena fora da Europa. No período do mandato de presidência da

EUNIC de 2010-2011, o ICR ganhou um estatuto importante dentro da rede e tornou-se membro nos *clusters* EUNIC de vários países do mundo, mesmo onde não tem sede, estando os seus representantes culturais nas embaixadas dos EUA (Washington), do Canada (Ottawa), do Líbano (Beirute), Marrocos (Rabat), Irlanda (Dublin), Arménia (Erevan) (Idem).

A adesão à EUNIC constituiu uma estratégia valiosa para a cultura romena que não ganhou apenas visibilidade, mas também mais reconhecimento e confiança mútua. Fazer parte da EUNIC significa partilhar práticas e ideias no âmbito da cooperação. Além disso, para Roménia, a adesão à EUNIC significou mais um passo na integração europeia. A sua participação ativa nos projetos da rede não surpreende. Assim como Corina Şuteu (ex diretor do ICR e do *cluster* EUNIC de Nova Iorque) mencionou numa entrevista, a Roménia e os países ex-comunistas são membros muito ativos da EUNIC, sobretudo porque reconhecem na rede um instrumento para a integração europeia.<sup>25</sup>

As direções principais da cooperação intercultural europeia são o apoio do multilinguismo e da diversidade cultural, com todos os aspetos que estas implicam. Mas as atividades da EUNIC implicam muito mais do que isso. As atividades da EUNIC projetam-se no plano social, político e económico. Assim como o diplomata austríaco, Emil Brix (presidente da EUNIC entre 2007-2008) mencionou, a ideia da EUNIC é de mostrar que a cultura é importante para a integração Europeia:

“We need to communicate to citizens in all EU-member countries how valuable and fascinating our cultural diversity is and why we benefit from supporting a common cultural space. EUNIC will facilitate cultural exchange by making use of the potential of national cultural institutes as assets and not as barriers for European integration. I am convinced that increased cultural exchange especially between old and new EU-countries and with the Balkan region will substantially reduce still existing mental barriers. By acting together EUNIC will also create better chances for artists and creative people in EU-candidate countries and for partners worldwide” (Brix, 2011:167).

A EUNIC é uma fonte de conhecimento e os seus membros devem aproveitar este aspeto e criar programas culturais de uma forma inteligente. Mais do que isso, a EUNIC não pressupõe apenas partilhar conhecimento e competência, mas também criar relações de amizade. Assim como H. R. Patapievici observou, hoje em dia “os programas culturais podem ser muito mais do que meros mecanismos de apresentação e representação de uma exibição de artes” (Patapievici, 2011a:167). Segundo o mesmo, os programas culturais

---

<sup>25</sup> Entrevista com a ex diretora do ICR Nova Iorque, Corina Şuteu  
<http://www.romaniaculturala.ro/articol.php?cod=14722>, acedido em Junho de 2014

desenvolvidos por um Instituto nacional de cultura devem possibilitar uma dupla visibilidade cultural: desenvolver programas colaborativos que mostrem aos estrangeiros aspetos da cultura nacional, mas também despertar o interesse para as outras culturas aos cidadãos do respetivo país. Como membros da EUNIC, os institutos culturais mantêm os seus objetivos individuais ao mesmo tempo que se orientam na direção de um objetivo comum que é a cultura europeia. Os membros da EUNIC desenvolvem projetos com uma abordagem que “contempla um ‘motivo comum’ e que tem ‘implementação local’”(Patapievici, 2011a:167). Desta maneira, os institutos culturais nacionais que fazem parte da EUNIC tornam-se importantes atores na cooperação cultural, seguindo os mesmos objetivos e colaborando entre eles para conservar e exportar ao mundo os valores culturais europeus e para os integrar num contexto globalizado.

## **4. O Instituto Cultural Romeno em Lisboa**

### **4.1. Estágio no ICRL**

A decisão de optar pelo estágio curricular teve razões no interesse de aprofundar a prática na área cultural, nomeadamente da gestão cultural. A escolha do ICRL foi motivada por esse interesse e pelo intuito de manter a ligação com a cultura romena. Considerou-se interessante e importante enquadrar o funcionamento de uma instituição cultural romena no contexto das mudanças europeias recentes. A colaboração do ICRL com outras instituições culturais portuguesas e também com a EUNIC foi outro ponto essencial na decisão, porque desta maneira se pode observar a relação entre vários atores e vários níveis culturais.

A experiência prática do estágio desenvolvido no ICRL entre 10 de Outubro de 2013 e 10 de Dezembro de 2013 estimulou o desenvolvimento da presente investigação, oferecendo uma visão geral sobre a orientação das políticas de funcionamento de uma instituição cultural pública, facultando também uma melhor perspetiva sobre a representação da cultura romena fora das fronteiras do país e sobre a sua relação com o público estrangeiro.

Sendo apenas uma filial, ICRL tem poucos funcionários (1 diretor, 1 vice-diretor, 2 assessoras, 1 secretária-contabilista, 1 motorista e 1 porteiro), funcionando os departamentos específicos em Bucareste. Na filial ICRL todas as etapas da organização dos eventos culturais são a função das duas assessoras com o apoio dos dois diretores. As ideias dos projetos são

debatidas com toda a equipa e é denominado um responsável para cada projeto, sendo posteriormente divididas outras tarefas por cada um.

Durante o estágio foram executadas várias funções. O estágio ofereceu a oportunidade de participar em todas as etapas de elaboração dos projetos culturais: planeamento, promoção, organização e avaliação, tendo como atividades específicas: a preparação de vários materiais para a organização dos eventos (traduções, redações de textos de apresentação dos artistas e das suas obras, redações de textos para folhetos, etc.), a recolha de contactos do mundo cultural e jornalístico (português e romeno), a promoção dos eventos no *site* da internet e na página de Facebook do ICRL, a avaliação dos eventos, documentada com fotografias, artigos de imprensa e uma breve descrição sobre o desenvolvimento geral do evento. Uma outra tarefa, que foi começada durante o período de voluntariado (antes do estágio curricular, Maio – Junho de 2013) e acabada no período do estágio, foi a reorganização da biblioteca, incluindo o inventário dos livros e a reorganização da sala de cursos que se encontra no mesmo espaço. Além das atividades mencionadas acima, ofereceu-se a oportunidade de participar em todas as outras atividades, tais como reuniões de equipa que visavam as prioridades dos eventos, programação passo a passo de cada evento, visitas a espaços para possíveis projetos e reuniões com os artistas.

A supervisora principal das atividades foi a assessora Marinela Banioti que juntamente com o resto da equipa acompanharam o decorrer do estágio. Os membros do ICRL formam uma equipa dinâmica, criativa e aberta, que impressionou pelo espírito cordial e descontraído, desde o primeiro encontro. Tanto na preparação dos trabalhos bem como no desenvolvimento dos eventos o ambiente foi desprovido de formalidades ao mesmo tempo que se manteve a seriosidade e o profissionalismo.

#### **4.2. Missão**

A filial de Lisboa do Instituto Cultural Romeno funciona desde 2007 e está localizada na Rua Dr. António Cândido, nº 18, 1050-076, Lisboa (nas instalações do Instituto Francês de Portugal). O espaço contém 5 escritórios e uma sala de exposições com um pequeno terraço. Também dispõe de uma biblioteca com mais de 2000 títulos da literatura romena e universal, literatura infantil, dicionários e linguística, álbuns de arte, arquitetura, música, história, geografia, filosofia, estudos culturais e políticos etc. A biblioteca tem uma pequena coleção de DVDs e CDs com filmes e música romena e é frequentemente atualizada com várias

publicações e jornais culturais romenos. No mesmo espaço da biblioteca têm lugar as aulas de língua e cultura romena para os estrangeiros.

Tal como as outras filiais do ICR, o papel principal do ICRL é a divulgação da cultura romena, promovendo o diálogo e as relações culturais com o objetivo de integrar os valores culturais romenos no espaço lusitano. Além do papel de gestor cultural, o ICRL tem os seguintes objetivos específicos: apoiar a mobilidade dos artistas romeno apresentando as suas criações em contextos visíveis em Portugal, estabelecer contatos e parcerias entre homens de cultura e instituições culturais romenas e portuguesas, divulgar informações relevantes sobre a Roménia e sobre a cultura romena ao público português, estimular a cooperação académica entre a Roménia e Portugal, apoiar a tradução de autores romenos em português, organizar cursos de língua e cultura romena e ajudar a conservação da identidade cultural dos romenos de Portugal. O ICRL é ainda um mediador para os artistas, jornalistas, editores e profissionais do mundo cultural português que estão interessados em conhecer e desenvolver projetos sobre a cultura romena. Neste sentido, o instituto financia e organiza projetos de mobilidade onde promotores e atores culturais portugueses podem viajar à Roménia para participar em eventos culturais ou para desenvolver trabalhos de investigação. Conforme o *site* oficial da instituição, a atividade do ICRL está a diversificar-se e a ganhar mais importância:

“As suas atividades diversificaram-se com o passar do tempo, ganhando visibilidade e impacto público, através de parcerias com várias instituições portuguesas conceituadas, bem como pela expansão dos seus eventos em todo o território português, saindo da área de Lisboa. Por outro lado, ICRL propõe-se trazer uma Roménia cultural a Portugal mas também levar à Roménia, mediante os seus programas de mobilidade, jornalistas, promotores e atores culturais portugueses, proporcionando-lhes a ocasião de apreciar e avaliar *de visu* a vitalidade da arte romena e o polimorfismo das suas manifestações.”<sup>26</sup>

O instituto tem valências múltiplas: agente de gestão cultural, instrumento de comunicação e colaboração com as instituições europeias e portuguesas, centro de ensino, documentação e informação etc. O ICRL ganhou pouco a pouco o seu lugar nos espaços culturais portugueses, relembrando as relações históricas entre os dois países, mediando contatos e parcerias entre artistas e homens de cultura romenos e instituições culturais portuguesas. Desde a sua inauguração em 2007, ICRL concebeu e meteu em prática programas que facultaram aos atores culturais romenos a possibilidade de entrar no mercado cultural português e fazer as suas criações apreciadas pelo público local. Numa entrevista

---

<sup>26</sup> Site oficial ICRL <http://www.icr.ro/lisboa/sobre-n-s/>, acedido em Junho de 2014

publicada no Diário de Notícias em Março de 2007, H. R. Patapievici, declarava que Portugal representa para a Roménia “o irmão do outro polo da latinidade” e que a presença do ICRL em Portugal representa a união da latinidade oriental com a latinidade ocidental.<sup>27</sup> Neste sentido, os projetos desenvolvidos pelo ICRL exemplificam e valorizam por um lado as semelhanças (dadas pela latinidade) e por outro lado as diferenças culturais (dadas pela posição geográfica e tudo o que isso implica: oriental – ocidental), criando em ambos os casos pontes de ligação que unem as duas culturas. Desta maneira as fronteiras culturais simbólicas são exploradas e valorizadas, abrindo-se desta forma um diálogo cultural aberto entre os dois países, fomentado por aspetos culturais em comum, pequenas curiosidades e também por aspetos inéditos da cultura romena.

A cooperação e o diálogo multicultural constituem uma preocupação constante do ICRL que é um membro ativo no *cluster* EUNIC de Portugal e que colabora constantemente com atores culturais locais, organizando eventos no âmbito da promoção da cultura, da criatividade e da criação contemporânea romena (Relatório de Atividade, 2013:14) Desta maneira o ICRL participa na criação de um cenário oportuno para o diálogo entre os artistas romenos e o público português.

#### **4.3. Público-alvo**

Tomando em consideração a missão e os objetivos do ICRL, o público-alvo é bastante variado: o público geral português, minorias romenas, a comunidade romena residente em Portugal, portugueses interessados em estudar a língua e a cultura romena assim como o público estrangeiro de outras nacionalidades (Drăgulescu, 2013:10). Dependendo do tipo de evento, as categorias de público podem variar. Se nas conferências ou colóquios o público é preponderantemente do mundo académico ou diplomático, sendo assim um público de nicho, os espetáculos de teatro, música, cinema etc., destinam-se a uma categoria de público mais ampla, de várias idades e categorias sociais. O público participante depende em grande medida do local do evento e da modalidade de comunicação. Normalmente a promoção dos eventos faz-se através do *site* oficial, *newsletter* do ICRL, como também *newsletter* da embaixada da Roménia, comunicados de imprensa, na imprensa romena de Portugal e na imprensa portuguesa ou cartazes nos lugares estratégicos. Quando os eventos são organizados

---

<sup>27</sup>Site oficial ICRL – eventos – <http://www.icr.ro/lisboa/eventos/horia-roman-patapievici-presidente-do-instituto-cultural-romeno-em-bucareste.html>, acedido em Junho de 2014



na sede do ICRL, o público é formado especialmente pelas pessoas que já conhecem a atividade do instituto, que recebem a *newsletter* e que consultem a agenda cultural do instituto com regularidade. Quando se trata de um evento de maior envergadura, organizado em colaboração com outras instituições, a divulgação do evento é realizada também por esses colaboradores, o que trás ainda mais público.

O público é o pilar que condiciona a sobrevivência da arte, portanto quanto maior o seu número, maior a abertura para a divulgação no mercado cultural. Desta forma o público potencia não só a sobrevivência da arte e de uma certa cultura, mas também o seu desenvolvimento. Não obstante, é importante também a capacidade do público de compreender o conteúdo de um evento cultural. No caso do ICRL o desafio é ainda maior, uma vez que a compreensão de certos aspetos culturais depende em grande medida da experiência de cada um. Entre duas nações com histórias, experiências e comportamentos diferentes, a probabilidade de transmitir a mensagem certa torna-se menor. Numa entrevista para um jornal romeno, o diretor do ICRL relatava em que consta o princípio da sua atividade: “Estou a procura de projetos que sejam atrativos do ponto de vista dos portugueses, e que, simultaneamente, chamem a atenção sobre a excelência cultural romena.”<sup>28</sup> Desta forma, a missão do ICRL de trazer a cultura romena mais perto do público português, torna-se uma atividade muito complexa. Os eventos devem ser cuidadosamente escolhidos para facilitar a sua leitura pelo público português e para lhe suscitar a curiosidade.

#### **4.4. Agenda cultural**

A escolha dos eventos culturais é feita em função dos objetivos legislativos e em função dos programas estratégicos propostos pelo ICR Bucureste. Além disso, um aspeto importante que influencia essa escolha tem a ver com a possibilidade de ligação entre a cultura romena e a cultura portuguesa e com a exploração do específico do mercado cultural e do perfil do público local. Os projetos desenvolvidos ao longo do tempo demonstraram que entre a cultura romena e a cultura portuguesa existem muitas semelhanças e pontos de contacto que se podem explorar. A atividade do ICRL começou em 2007 com dois projetos simbólicos para a relação entre a cultura romena e a cultura portuguesa: o concerto “Da

---

<sup>28</sup> Entrevista com o diretor do ICRL, Daniel Nicolescu <http://www.zf.ro/ziarul-de-duminica/daniel-nicolescu-publicul-portughez-e-difical-hachitos-stie-prea-vrea-stie-sta-treaba-cultura-altor-spatii-ispitit-proiecte-rezoneaza-sufletul-bucuros-fado-stelian-turlea-galerie-foto-12557708> (tradução própria), acedido em Junho de 2014

Doina ao Fado”<sup>29</sup> e o colóquio luso-romeno sobre o escritor romeno Mircea Eliade.<sup>30</sup> Os dois eventos tiveram como objetivo começar o diálogo cultural entre dois países, tão afastados de ponto de vista geográfico, mas semelhantes de ponto de vista cultural. O primeiro evento apresentou a relação espiritual entre as duas culturas traduzida na música popular:

“Tal como o conceito português saudade não encontra equivalente senão na palavra romena *dor*, também o fado pode ser considerado um correspondente mais afastado, no tempo e no espaço, da *doina*, a canção ancestral específica dos “latinos do Oriente Europeu”.<sup>31</sup>

O segundo evento, veio relembrar as relações diplomáticas entre os dois países, e o passado histórico de Portugal que influenciou uma parte da obra de um dos maiores escritores romenos, Mircea Eliade.

A atividade do ICRL continuou com projetos diversos com o objetivo de introduzir a cultura romena no espaço português: projeções de filmes documentários sobre a Roménia e artistas romenos, exposições de pintura, uma mostra de cinema Romeno, espetáculos de música e danças populares romenas, exposições de fotografia representando rituais, costumes e manifestações musicais e coreográficas da Roménia, espetáculos de teatro e música clássica, conferências e seminários com temas culturais. Ao longo dos anos a agenda diversificou-se substancialmente e hoje em dia o ICRL e a cultura romena já têm mais visibilidade no espaço português, estando presente nos espaços mais emblemáticos de Lisboa e de outras cidades portuguesas maiores.

O ano de 2013 foi um ano diversificado do ponto de vista da programação cultural. Dado o facto de que o estágio se desenvolveu nos últimos meses desse ano, mas no entanto teve início não oficial, em regime de voluntariado, logo no segundo trimestre, considera-se relevante e oportuna uma análise geral dos projetos desenvolvidos durante esse período. A análise foi possível devido ao facto de se ter assistido a mais de metade dos eventos do instituto, tendo uma outra parte dos eventos sido realizada fora de Lisboa, o que impediu o seu acompanhamento. Mesmo assim, participou-se nas atividades de organização da maioria dos eventos de 2013 e alguns eventos de 2014.

Durante o ano vários artistas romenos de renome internacional chegaram aos palcos e aos espaços culturais bem conhecidos pelos portugueses. Os atributos dos artistas

---

<sup>29</sup> *Doina* é uma espécie da lírica popular e do folclore musical romeno, caracterizada pela profunda emotividade exprimida através de versos sobre amor, solidão e saudade.

<sup>30</sup> Mircea Eliade (1907-1986) foi um romancista, filósofo e diplomata romeno que exerceu funções diplomáticas em Portugal entre 1941 e 1944. Parte da sua obra foi influenciada pela cultura e história portuguesa.

<sup>31</sup> Site oficial do ICRL – eventos – <http://www.icr.ro/lisboa/eventos/da-doina-ao-fado.html>, acedido em Junho de 2014

convidados, as colaborações com instituições portuguesas profissionais e a dedicação da equipa ICRL contribuíram ao bom desenvolvimento das atividades propostas. Dos artistas presentes nos eventos desenvolvidos em 2013 destacaram-se o coreógrafo Gigi Căciuleanu e o seu grupo de dança, o pintor Laurențiu Mădăciuc, o violonista Gabriel Croitoru e o pianista Horia Mihail, o quarteto de violoncelos Cellissimo e o poeta Lucian Vasilescu. Entre as colaborações marcantes incluem-se a colaboração com a EGEAC, com o Teatro Nacional Dona Maria II, CCB, Casa da Música, Fundação Millennium, Casa Fernando Pessoa, Fundação José Saramago e com o Museu da Cidade, que fazem parte dos mais conhecidos e respeitados espaços culturais portugueses. As negociações com estes parceiros portugueses tornaram possível a realização de projetos importantes, uma vez que se recebeu o seu apoio financeiro. Em muitos dos casos o ICRL recebeu os espaços sem qualquer custo, participando também por vezes os parceiros na promoção dos eventos, suportando os custos de cartazes e folhetos. Desta forma, a associação com outras instituições demonstrou ser muito benéfica. Ainda mais porque o instituto tem falta de possibilidades de organizar eventos maiores nas suas instalações. O ICRL dispõe de uma sala de conferências ou exposições que não dispõe de equipamentos técnicos adequados e que se situa num 5º andar, o que a torna pouco visível. Os eventos tiveram participação e impacto maior quando foram incluídos em manifestações culturais maiores ou quando se desenvolveram em espaços culturais portugueses.

A diversificação das áreas de atividade constitui um objetivo mencionado na estratégia do ICR para os próximos anos. Os projetos organizados demonstram a diversidade das áreas atingidas: literatura, música clássica e folclórica, artes plásticas, fotografia, cinema, teatro, dança, *book-design* e até matemática (vd. Anexo 1). Para realizar uma análise objetiva das atividades do ICRL, realizou-se uma comparação entre o plano legal de funcionamento (os objetivos específicos mencionados na decisão governamental sobre o funcionamento dos filiais do estrangeiro do ICR 492/2004 e apontados anteriormente) e os programas desenvolvidos durante o ano 2013. Exemplificando os projetos para cada categoria revela-se de que maneira o ICRL segue as condições legais e as indicações da sua sede.

Analisando a agenda cultural do ano 2013 nota-se que vários projetos cumpriram mais do que um dos objetivos. Todos os projetos realizados foram desenvolvidos no âmbito da celebração da cultura romena, em todas as suas formas, desde teatro, dança, música, literatura, ciência etc., cumprindo-se desta forma o primeiro objetivo legal: “*Promover no plano internacional produtos culturais romenos valiosos e personalidades romenas das áreas cultural, artística, científica e educacional*”.

O segundo objetivo, “*Promover no país de residência atividades e estudos de investigação sobre a história, a cultura e a civilização romena*” cumpriu-se com os seguintes projetos: “Dia da Cultura Romena Online” que consistiu em apresentações de personalidades e aspetos da cultura romena, durante 8 dias na página de Facebook do ICRL e pequenos concursos online que estimularam a tradução de excertos de poemas ou da literatura romena para português; “Dia Europeu das Línguas”, evento desenvolvido em colaboração com o *cluster* EUNIC Portugal e incluído no *Lisbon Week*, que incluiu mini-aulas de língua e civilização romena, um *stand* de folhetos turísticos e materiais promocionais específicos da Roménia.

Com a conferência “Continuidade na Descontinuidade”, organizada para celebrar 70 anos de Língua romena na Universidade de Lisboa, cumpre-se mais um objetivo no âmbito da divulgação de informações sobre a vida académica e da partilha de experiências entre os meios académicos romeno e português.

O seguinte parágrafo do documento legislativo prevê a promoção de manifestações culturais, exposições, eventos mediáticos e implementação de programas anuais dirigidos pelo centro do ICR em Bucareste. Nesta categoria é importante mencionar a reorganização da biblioteca do ICRL, que foi uma atividade desenvolvida durante o estágio e que faz parte do programa-quadro do ICR “Biblioteca da Cultura Romena” que pressupõe a criação de uma biblioteca em cada filial do ICR. As outras recomendações da sede também foram seguidas: alargou-se a lista de contactos e colaborações com a imprensa local e também com instituições culturais, continuaram-se os projetos EUNIC, os domínios explorados diversificaram-se, incluindo assim projetos dedicados à matemática (a conferência “Connections between Number Theory and Operator Algebras”) ou *street art* (a participação do artista romeno Obie Platon no festival Walk & Talk de Açores) e também aumentaram as parcerias fora de Lisboa organizando-se eventos nos Açores, Redondo, Aveiro, Porto, Cartaxo, Vila do Conde, Évora, Estoril, Santarém, Setúbal e Lagos. Além de todos os eventos culturais realizados pelo ICRL no ano 2013, deve notar-se também a organização de aulas de romeno. O projeto não é novo, continua as aulas habituais de dois semestres por ano e faz parte do programa para a promoção da língua romena no estrangeiro. Estruturadas em dois níveis, principiante e intermédio, as aulas destinam-se à um público vasto e procuram estimular também o interesse para a cultura e civilização romena.

“*Apoiar iniciativas para o desenvolvimento cultural das comunidades romenas do estrangeiro, para favorecer a sua integração, como também para manter a ligação com a Roménia*” é um dos outros atributos das filiais no estrangeiro, que o ICRL cumpriu com

vários projetos luso-romenos, favorecendo desta forma o conhecimento e a compreensão da cultura e civilização romena. Destaca-se aqui o projeto “Dia dos romenos em Portugal”, uma festa ao ar livre, organizada no jardim do Museu da Cidade, para celebrar a gastronomia, as tradições e a música popular romena, sendo esta dedicada principalmente aos romenos e moldavos de Portugal, mas onde os portugueses são bem-vindos a participar, a degustar especialidades romenas, ouvir a música e assistir a uma manifestação tradicional romena, sem nenhum cenário pré-estabelecido.

Um dos objetivos chave da instituição foi muito bem-sucedido em 2013. Trata-se da responsabilidade do instituto de *“Facilitar a cooperação entre instituições e personalidades romenas da esfera da cultura, da ciência, tecnologia, educação, desporto, turismo e as instituições correspondentes do país de residência”*. Em 2013 o ICRL continuou a colaboração com instituições culturais importantes (O Instituto Francês, a Casa da Música do Porto, o Festival “Indielisboa”, o Festival de Curtas de Vila do Conde, a Câmara Municipal de Redondo, o *“Panazorean Film Festival”*, a Universidade de Lisboa, a EUNIC Portugal, a Basílica da Estrela e as igrejas de Santarém, Setúbal e Lagos), mas também iniciou novas parcerias que facilitaram o diálogo cultural entre os artistas romenos e o público de Portugal (CCB, Teatro Nacional Dona Maria II, Galeria Millenium, EGEAC, a Fundação José Saramago, Casa Fernando Pessoa, Hotel Palácio do Estoril, Galeria Salgadeiras, Centro Cultural do Cartaxo, Museu da Cidade etc.). Estas novas parcerias não abrangem todos os domínios especificados no respetivo artigo, como por exemplo o desporto, mas tomam em consideração os aspetos essenciais da colaboração luso-romena e dão relevância aos domínios de maior probabilidade de cooperação como o teatro, a música, a literatura, o cinema e a pintura.

Observou-se durante o estágio que o ICRL tem uma estratégia com três direções prioritárias: trazer a cultura romena ao mercado cultural português, através de projetos em parceria com instituições portuguesas e através da participação em festivais de cinema, teatro, música e banda desenhada; a segunda direção refere-se à organização de eventos dedicados a um público mais restrito formado por portugueses ou estrangeiros interessados em estudar ou simplesmente conhecer a cultura romena, através de conferências, congressos, colóquios, exposições ou cursos de língua e cultura romena; a terceira direção é diplomática, concretizada em projetos em colaboração com a Embaixada da Roménia em Lisboa, dedicados ao público romeno residente em Portugal, mas também à celebração e conservação das relações diplomáticas entre os dois países. A variedade de projetos permite que estas três direções se entrecruzem, criando-se eventos para uma grande variedade de público. Ao

mesmo tempo estas direções coincidem com os objetivos oficiais, apresentados nos capítulos anteriores.

Além dos eventos apresentados, tiveram ainda lugar mais dois eventos relevantes para o enquadramento da cultura romena na cultura europeia que é importante de mencionar. Trata-se da participação do ICRL nos eventos organizados pela EUNIC Portugal em dois projetos: “Noite da Literatura Europeia” e “Dia Europeu das Línguas”. Os dois eventos contaram com a participação dos institutos de cultura membros do *cluster* EUNIC Portugal: Instituto Cultural Romeno, Instituto Francês, Instituto Cervantes, Instituto Ibero-Americano da Finlândia, Instituto Goethe, Instituto Italiano de Cultura, *British Council* e Instituto Camões, juntando também a Embaixada da República Checa em Lisboa (para o Dia Europeu das Línguas) e consistiram em eventos comuns com espaços dedicados a cada país. Na Noite de Literatura Europeia a Roménia participou com o poeta Lucian Vasilescu, que apresentou os seus poemas no ambiente descontraído do Orpheu Café, ao lado da atriz Luminița Pereira que os recitou em português. No evento dedicado às línguas europeias, cada país participante ofereceu uma viagem de ida e volta desde o Marquês de Pombal até um dos 9 locais escolhidos por cada um. Durante a viagem decorreram mini-aulas de língua e cultura de cada país. Além das mini-aulas realizaram-se também aulas de língua na maneira clássica, em salas do Instituto Francês.

A intenção destes dois eventos foi de despertar o interesse pelas línguas e literatura europeia contemporânea de uma maneira interativa, criativa e original e que atraiu um público variado. A participação do ICRL nos eventos do *cluster* português da EUNIC é muito importante porque oferece mais uma possibilidade de aumentar a visibilidade da cultura romena e ao mesmo tempo uma oportunidade para os portugueses conhecerem uma cultura diferente.

Desta maneira a cultura romena aproximou-se ainda mais do público português, participando nos projetos da EUNIC, organizados normalmente uma vez por ano. Esses projetos, comuns para todos os membros, contribuíram não só para a solidificação da relação entre a cultura romena e o público português, mas também tornaram visível a variedade cultural europeia. Com os projetos da EUNIC, as culturas estrangeiras entram em contacto direto com o público português. Participando em projetos comuns, as culturas estrangeiras já não apareçam isoladas, mas sim uma ao lado da outra. Este aspeto é muito importante, uma vez que assim se ganha a confiança e o reconhecimento do público local.

Os dois meses de estágio abrangeram um período muito ativo em termos de programação, uma vez que foi estabelecida a agenda cultural para o ano 2014. Além da

programação anual assistiu-se à organização de alguns eventos que comprovaram a variedade cultural do ICRL, destacando-se como mais importantes o espetáculo de teatro coreográfico “Ta Ra Ta Tam”, o duplo concerto do quarteto de violoncelos Cellissimo com a ocasião do dia Nacional da Roménia e o concerto de Natal do coro Theoforos. A importância dos eventos mencionados é comprovada por várias razões uma vez que se desenvolveram em espaços com grande visibilidade e de renome para um público numeroso. Nestes eventos, os artistas convidados são artistas com reconhecimento nacional e internacional e os eventos marcaram aspetos e momentos importantes para a cultura romena de forma inédita.

O espetáculo de teatro coreográfico “Ta Ra Ta Tam” da direção de um dos mais conhecidos coreógrafos romenos de renome internacional, Gigi Căciuleanu foi interpretado pela *Gigi Căciuleanu Romanian Dance Company* na sala Garrett do Teatro Nacional Dona Maria II de Lisboa. O espetáculo “traduziu” na linguagem da dança, as tipologias das personagens do mais conhecido dramaturgo romeno, Ion Luca Caragiale. Combinando o teatro com a dança, o espetáculo teve “a intenção de tirar Caragiale do contexto local para que o espetáculo seja compreendido por um chileno e ao mesmo tempo por um francês ou por qualquer pessoa”<sup>32</sup>. Na opinião do diretor do ICRL, Daniel Nicolescu, o espetáculo não se trata só sobre as personagens de Caragiale, mas também sobre os romenos, sobre as misturas de tipologias da nossa sociedade de ontem e de hoje, sobre a variedade de gostos e de identidades que a sociedade romena reúne.<sup>33</sup> Este aspeto pode ser estendido para várias sociedades e é sugerido também pela banda sonora que combina músicas de Beethoven, Mozart e Verdi com excertos de música da banda Shukar Collective, uma banda que mistura elementos da música cigana tradicional e música eletrónica. Pode ainda ser visto como um espetáculo sobre a diversidade cultural, que, de uma maneira cómica, enquadra as tipologias humanas, que qualquer pessoa pode identificar e assemelhar com aspetos da vida real. Deste ponto de vista, Gigi Căciuleanu conseguiu ultrapassar uma fronteira cultural e apresentou um dos dramaturgos romenos pouco conhecido pelo público português, transmitindo esta ideia através da dança, uma linguagem não-verbal universal, que pode ser compreendida por uma grande variedade de pessoas.

O segundo evento marcante desenvolvido no período do estágio foi no início do mês de Dezembro e foi organizado para celebrar o dia nacional da Roménia com um concerto duplo do quarteto de violoncelos Cellissimo: um em Lisboa no CCB e outro no Porto na Casa

---

<sup>32</sup>Site oficial Teatro Nacional Dona Maria II <http://www.teatro-dmaria.pt/pt/calendario/ta-ra-ta-tam/>, acedido em Junho de 2014

<sup>33</sup> Site oficial do ICRL – eventos – <http://www.icr.ro/lisabona/evenimente-5/caragiale-la-lisabona-in-traducerea-lui-caciuleanu.html>, acedido em Junho de 2014

da Música. Ambos os concertos tiveram um grande sucesso, dado o número de participantes e os aplausos prolongados que seguiram depois do concerto. As duas salas foram quase cheias, reunindo um público de mais de 400 pessoas. Os concertos ofereceram um programa musical com peças atrativas interpretadas de uma maneira inédita pelo quarteto formado exclusivamente de violoncelos. As músicas foram variadas, desde obras de compositores romenos como Constantin Dimitrescu (*Romanian Dance*) até obras de compositores internacionais como Tomaso Albinoni, Claude Debussy, Georg F. Haendel, Friedmann Dressler ou Astor Piazzola. Sendo os dois concertos organizados para celebrar o Dia Nacional da Roménia, mostra-se uma vez mais o caráter aberto do instituto e a sua inclinação para o diálogo multicultural, uma vez que foram concertos de música clássica com um repertório internacional.

O final do estágio coincidiu com o evento de Natal organizado na Basílica da Estrela de Lisboa e em outras três Igrejas de Santarém, Setúbal e Lagos. O evento consistiu numa digressão do coro romeno Theoforos composto por um repertório variado de cânticos de Natal com peças folclóricas, mas também com composições cultas. A série de eventos foi organizada em colaboração com a Embaixada da Roménia, a Paróquia Ortodoxa Romena em Portugal, a EGEAC (Empresa de Gestão de Equipamentos e Animação Cultural) e as igrejas respetivas que beneficiou de um público numeroso de mais de mil pessoas em conjunto. Os concertos, com caráter religioso, mostraram o lado tradicional da cultura romena, a profunda ligação da sociedade romena com a religião e a sua consideração para a sacralidade, que é ainda uma característica válida para uma grande parte da sociedade romena.

Os três eventos mencionados mostram a polivalência da agenda cultural do ICRL. Por um lado, o espetáculo “Ta Ra Ta Tam” foi excêntrico e original, o que mostra o caráter inovador do ICRL, e por outro, o concerto Cellissimo foi um concerto de música clássica, para um público erudito, o que mostra o caráter elevado dos programas do instituto. Por fim, o concerto de cânticos de natal mostra ainda o seu caráter tradicional. Estes três aspetos estão interligados e mostram as várias facetas da cultura romena, sendo uma prova de que o ICRL apresenta a cultura romena assim como ela é, sem impor uma direção ou um género em específico.

#### **4.5. Uma visão geral sobre o funcionamento do ICRL**



A participação nas atividades do ICRL durante o estágio, encorajou o desenvolvimento de uma análise geral sobre o funcionamento da instituição com o intuito de delimitar os pontos positivos e negativos e eventuais aspetos que se podem melhorar. Para efetuar uma análise objetiva e qualitativa, utilizou-se a matriz de análise SWOT (*Strenghts, Weaknesses, Opportunities and Threats*). Esta matriz é uma ferramenta que pode ser utilizada como base para gestão e planeamento estratégico de qualquer empresa. Através desta análise, os pontos fortes (strenghts) e os fracos (weaknesses) podem relacionar-se com as oportunidades (opportunities) e as ameaças (threats), oferecendo desta forma uma visão geral sobre o funcionamento da empresa e o seu progresso. A análise foi feita através de observações próprias e completada por uma entrevista com as duas assessoras do ICRL (vd. Anexo 2).

<b>Forças</b>	<b>Fraquezas</b>
Equipa dinâmica, criativa e experimentada	Recursos audiovisuais e multimédia inadequados
Colaboração com a EUNIC	Recursos financeiros limitados
Colaborações com importantes instituições culturais portuguesas	Demora no processo de aprovação dos projetos pela sede central
Colaboração com a embaixada da Roménia e com várias associações culturais romenas de Portugal	Falta de um espaço próprio para organizar eventos de maior envergadura
Localização estratégica no mesmo edifício com o Instituto Francês	Falta de funcionários (gestão cultural e administração da biblioteca)
Existência de um sistema informático de monitorização de todos os projetos culturais organizados pela rede ICR	Inexistência de um sistema informático para gerir a biblioteca
A oferta cultural diversificada	

<b>Oportunidades</b>	<b>Ameaças</b>
Colaboração com a imprensa portuguesa	A crise financeira atual
Relacionamento com outros parceiros regionais, nacionais e internacionais	Agravamento dos cortes efetuados ao orçamento

Participação em festivais e programas interculturais	
Participação em programas europeus	
Participação em projetos em colaboração com os outros institutos de cultura de Portugal	
Exploração de novos espaços culturais para artes alternativas	

Analisando os aspetos anteriores Pode notar-se que algumas questões estão relacionadas e são por vezes interdependentes. Desta forma, os fatores exteriores, que são as oportunidades e as ameaças, podem-se transformar em pontos fortes e respetivamente pontos fracos. A análise SWOT do ICRL, torna claro o seu grande potencial de desenvolvimento, bem como as ameaças que se têm de controlar e os pontos fracos que se devem melhorar.

Começando com os pontos fortes, notou-se desde o início do estágio a força da equipa ao trabalhar em condições por vezes críticas. Uma equipa dinâmica, criativa e experiente, que conseguiu encontrar soluções para ultrapassar os problemas financeiros e levar ao cabo projetos sofisticados, é claramente um ponto forte do ICRL que está em contínua consolidação e que traz valor à inteira rede de institutos. A equipa conseguiu focar-se em objetivos claros e atrair parceiros e apoios financeiros para o bom desenvolvimento dos eventos. Podem por vezes existir dificuldades no desenrolar da organização de um evento, mas o importante é encontrar soluções e novas oportunidades, transformando as dificuldades em vantagens:

“Por exemplo, o ano passado, foi recusada a exposição “Estudos sobre a cegueira” pela Fundação José Saramago por falta de espaço de exposição dos quadros. No fim de contas, o evento dedicado a José Saramago foi dividido em dois momentos: uma exposição na Galeria Millennium da Rua Augusta, uma conferência e uma exposição de *book-design* na Fundação José Saramago. Desta forma, a fraqueza da incompatibilidade *espaço FJS – dimensão exposição* tornou-se numa vantagem pois, na Rua Augusta a mostra teve maior visibilidade e beneficiou de um público numeroso bem como de compradores de alguns quadros”(Roxana Rîpeanu, vd. Anexo 2).

A colaboração com outras instituições, seja portuguesas, romenas ou internacionais, é um dos aspetos que melhoraram significativamente a atividade do ICRL. Cada colaboração é uma oportunidade para alargar a área de atividade e ganhar a estima dos parceiros. Também a

imprensa tem um lugar bem definido na promoção dos eventos, tendo o papel apreciativo e valorativo do conteúdo cultural. O esforço contínuo da equipa teve como resultado a realização de projetos apreciados e consequentemente uma evolução ascendente do instituto. Mesmo com um orçamento diminuído a equipa do ICRL conseguiu negociar contratos, obter espaços e serviços por preços mínimos ou até sem nenhum custo. Tudo isso deve-se à qualidade dos conteúdos dos seus projetos que aumentou o grau de confiança.

As colaborações com a EUNIC e as colaborações com os institutos culturais europeus conduziram ao aumento da visibilidade do ICRL e da cultura romena, colocando o ICRL num alto patamar no cenário cultural português. Da mesma forma, essas colaborações contribuíram para a diversificação da agenda cultural e implicitamente para a diversificação dos públicos. Segundo a assessora Roxana Rîpeanu, “Um dos melhores eventos organizado até agora pelo *cluster* Portugal foi “A Noite de Literatura Europeia”, que, na sua segunda edição de 2014, alcançou um público de aproximadamente 2800 participantes, número esse que, em relação ao ano anterior, duplicou” (Roxana Rîpeanu, vd. Anexo 2). Além das colaborações com institutos culturais europeus em projetos comuns da EUNIC, o ICRL colabora constantemente com o Instituto Cultural Francês em Lisboa. Os dois institutos funcionam no mesmo edifício, o que os conduziu a uma cooperação natural. De igual maneira, a relação com a Embaixada da Roménia (que não é só uma relação formal) provou a ser um apoio valioso para o bom desenvolvimento das atividades do ICRL: “É importante dizer também que contamos com o extraordinário apoio da Embaixada da Roménia, que, através do seu representante máximo, o embaixador, nos abriu portas que até ao ano passado estavam fechadas: CCB, Gulbenkian” (Marinela Banioti, vd. Anexo 2).

A causa principal das fraquezas que o ICRL tem é a falta de orçamento, o que impede o instituto dotar-se com equipamentos tecnológicos adequados para a organização dos eventos na sede própria. Assim como já foi mencionado, estando situado no mesmo edifício que o Instituto Cultural Francês, o ICRL tem a vantagem de manter uma boa colaboração com a instituição francesa. Mesmo assim, o espaço disponível nem sempre cumpre as condições para organizar os eventos propostos. Atualmente o ICRL dispõe de apenas uma sala de exposições ou conferências de dimensões modestas e de uma biblioteca, com uma sala de leitura e uma sala de aulas. O espaço da biblioteca também precisa de modernização, sendo as prateleiras e os armários de vários modelos e medidas. O realinhamento dos livros por categorias, a decoração com quadros, plantas e vitrinas com objetos de cerâmica ou álbuns de arte, mudou o aspeto que a biblioteca tinha. Mesmo assim, ainda é necessária uma

revitalização do espaço com mobiliário novo, a dotação da biblioteca com um sistema informático de registo dos materiais, sendo também preciso um administrador da biblioteca.

Além das carências de ordem técnica, observou-se uma falta de recursos humanos. A equipa diminuída, só com duas assessoras em vez de três tem que fazer um esforço suplementar para conseguir cumprir todas as tarefas. Por vezes, o processo de aprovação dos projetos pode dificultar ainda mais a organização dos eventos. O plano de cada projeto tem que ser enviado para a equipa responsável do ICR Bucureste para análise. Segundo uma análise complexa o projeto é aprovado ou recusado. A recusa pode ter várias razões desde a falta de financiamento ou custos não justificados em comparação com o impacto esperado até a falta de qualidade da obra artística ou a recorrência do domínio ou dos artistas propostos (Marinela Banioti, vd. Anexo 2). Para facilitar o processo de aprovação, o ICRL tenta evitar propor projetos que não se enquadram nos critérios de elegibilidade e ao mesmo tempo mandar as propostas com antecedência. Segundo uma das assessoras “todos os projetos têm de ser aprovados pelo ICR Bucureste e, às vezes, em função de cada projeto e da sua dificuldade, este processo pode ser demorado. Para colmatar esse problema, o prazo de candidatura dos projetos a financiamento (por parte do ICR Bucureste) tem vindo a ser alongado” (Roxana Rîpeanu, vd. Anexo 2). Desta forma alargou-se o tempo efetivo para a organização dos eventos. Mais do que isso, o sistema informático usado por todas as filiais do ICR facilita também o processo de aprovação, criando ao mesmo tempo mais transparência. Este sistema permite ainda a comunicação e a partilha de ideias e informações entre os seus utilizadores.

A exploração das oportunidades e o melhoramento contínuo representa uma prioridade do ICRL. O mercado cultural português provou a ter muitas oportunidades para a oferta cultural romena. Além das ligações culturais entre as duas culturas que já foram exploradas ao longo dos anos, outros aspetos da cultura romena apresentados no quadro dos vários eventos, foram recebidos muito bem nos espaços lusitanos. A variedade de festivais e manifestações interculturais organizadas em Portugal, oferece ao ICRL uma facilidade maior de integrar a cultura romena no mercado cultural português e de diversificar a sua esfera de atividade. O ICRL já colaborou com os organizadores de alguns festivais importantes como o IndieLisboa, Festim, Festival ao Largo, Saberes e Sabores de outras Gentes, a Festa da Francofonia, Panazorean Film Festival, Walk&Talk, o Festival de Curtas de Vila de Conde e o Queer Lisboa Film Festival. A integração dos projetos do ICRL nesses festivais aumentou mais uma vez a visibilidade da cultura romena, criando constantemente novas oportunidades de colaborações. Os domínios apreciados são variados, o diretor do instituto classificou o

cinema como estando entre os domínios mais procurados pelos produtores e organizadores culturais de Portugal: “Somos sempre convidados para festivais de prestígio, que, ousou confirmar o prestígio. Neste contexto, os coordenadores do IndieLisboa propuseram-nos este ano organizar em conjunto uma Festa do Cinema Romeno, por cinco dias, nas salas de Culturgest”<sup>34</sup>.

Para frutificar todas as oportunidades de desenvolvimento, não se podem ignorar os fatores exteriores que ameaçam o funcionamento do ICRL. Atualmente, a crise económica global representa uma ameaça para empresas de vários domínios, incluindo o setor cultural. Devido à falta de fundos projetos importantes foram comprometidos, como foi o caso do projeto Experimenta Design “que era um projeto com muito potencial, mas que não conseguimos concretizar porque o orçamento para o respetivo ano já estava esgotado” (Marinela Banioti, vd. Anexo 2). Contudo, a equipa do ICRL conseguiu criar ligações e obter apoio financeiro para continuar organizar projetos de qualidade. Atualmente, com as mudanças recentes com respeito à atribuição do orçamento às suas filiais, ICR ofereceu a possibilidade de financiamento em função do valor e do tamanho do projeto. Neste contexto, a assessora Marinela Banioti afirmou que o orçamento atribuído foi suficiente para o desenvolvimento dos projetos propostos:

“Neste último ano tivemos a prova de que, com um orçamento anual que tem um plafond bastante reduzido, é possível obter fundos extra orçamentais (fundos especiais dedicados a projetos de grande envergadura) que permitem triplicar a quota máxima do nosso orçamento para 2014. Este ano obtivemos financiamento para 4 projetos de grande orçamento que sumam o duplo da quota máxima atribuída ao nosso instituto. Mais, com bons contatos, bons projetos e parceiros importantes consegue-se organizar projetos de impacto e sem financiamento. Para concluir, sim, uma equipa bem organizada consegue fazer sempre um ótimo trabalho, independentemente do orçamento disponível” (Marinela Banioti, vd. Anexo 2).

A crise financeira, ultimamente uma ameaça recorrente, tem vindo a abrir novas possibilidades para a cultura romena, assim como a assessora Marinela Banioti notou: “nos últimos anos, em que a crise atingiu a área cultural, as instituições portuguesas apostaram muito mais nas coproduções e desta forma tiveram interesse em abrir a programação para as participações internacionais” (Marinela Banioti, vd. Anexo 2).

---

<sup>34</sup> Entrevista com o Diretor do ICRL Daniel Nicolescu <http://www.zf.ro/ziarul-de-duminica/daniel-nicolescu-publicul-portughez-e-difical-hachitos-stie-prea-vrea-stie-sta-treaba-cultura-altor-spatii-ispitit-proiecte-rezoneaza-sufletul-bucuros-fado-stelian-turlea-galerie-foto-12557708> (tradução própria), acedido em Junho de 2014

Novas ameaças podem surgir em qualquer momento, mas é importante conseguir transformar as ameaças em oportunidades. Desta forma, as dificuldades financeiras podem ser reduzidas através da criação de ligações e parcerias entre organizações e instituições com o mesmo perfil. Comprovou-se através dos exemplos mencionados ao longo deste capítulo que a colaboração intercultural é essencial, criando um contexto prolífico para a realização de projetos de qualidade, assim como para encontrar as melhores soluções para a resolução de problemas comuns e também para a compreensão de outras culturas.

## **Conclusão**

A cultura tem hoje em dia um papel muito importante, tendo um impacto significativo não só na economia, mas também na criação de ligações sociais entre várias nações. É por isso que a cultura não pode ser ignorada na criação de políticas nacionais, e ainda mais na criação de políticas europeias. Assim como foi mostrado no percurso deste trabalho, as políticas culturais da UE são orientadas para a celebração da diversidade cultural e para a cooperação intercultural, tanto entre os Estados-membros da UE como também entre a UE e países do mundo inteiro. Esta orientação das políticas tenta evitar a tão controversa uniformização ou hibridação da cultura, estabelecendo entre os mercados culturais um contacto direto e recíproco. Citando mais uma vez H. R. Patapieviči, chega-se à conclusão de que o diálogo intercultural implica em primeiro lugar a igualdade:

“Através de um programa de cooperação bem concebido, torna-se visível tanto a sociedade de origem como a sociedade de chegada. O que se oferece e o que se recebe torna-se visível no processo de dar. Ambas as sociedades se tornam reciprocamente visíveis através de um programa de cooperação cultural.” (Patapieviči, 2011a: 167).

Depois de duas guerras mundiais e no contexto dos conflitos violentos a acontecer ainda hoje, a igualdade e a reciprocidade são muito importantes para restabelecer e manter a paz mundial. Contudo, pensando nas desigualdades sociais e na contínua instabilidade económica, os objetivos da União Europeia parecem ser uma utopia. Por outro lado, pensando nas histórias e culturas diferentes dos países que formam atualmente a União Europeia, é pertinente pensar que a implementação das políticas pode demorar tempo, sobretudo no caso dos países ex-comunistas, onde a implementação das políticas europeias pode significar mudanças radicais em todo o sistema nacional. Na Roménia, a europeização foi recebida pela maioria dos seus habitantes como uma salvação, como uma lufada de ar fresco depois dos constrangimentos extremos da ditadura comunista. Foi por isso que a sociedade foi muito receptiva às diretivas da União Europeia, mas a implementação das mesmas foi difícil devido às grandes diferenças entre os sistemas administrativos.

No caso específico da cultura foi o mesmo caso. Com o processo de democratização e com a adesão à União Europeia, a cultura ganhou uma série de benefícios, como por exemplo a liberdade de expressão que hoje em dia é um direito humano essencial para uma democracia. Tendo liberdade de expressão e de circulação os artistas desenvolveram a sua criatividade e conseguiram fazer as suas obras conhecidas. Um ator muito importante para a



promoção da cultura romena foi o Instituto Cultural Romeno, que ofereceu apoio tanto para os artistas consagrados, como para os jovens artistas no início da carreira.

O homem pós-moderno está sempre à procura de novas emoções e de novos conhecimentos. É por isso que o público dos institutos culturais no estrangeiro aceita e integra na sua vida uma variedade de aspetos e bens culturais. Em resposta, o ICR tem que ter em conta os gostos e as expectativas do seu público estrangeiro e ao mesmo tempo do seu público romeno. Desta forma facilita-se a integração das comunidades de romenos no país de residência, criando-se ao mesmo tempo uma ligação entre as duas culturas.

Analisando o funcionamento do ICRL, observou-se o carácter aberto da instituição, sendo a sua atividade cada vez mais descentralizada, mantendo ao mesmo tempo uma relação próxima entre a sede e as suas filiais. Como resultado, nota-se a importância que o ICRL dá à cooperação cultural, através de colaborações e parcerias com outras instituições, da promoção de eventos e artistas e da participação em redes culturais. Desta maneira a cultura Romena é vista como fazendo parte da cultura europeia, refletindo-se nos eventos culturais promovidos a dimensão de uma cultura europeia comum, com diferenças e semelhanças.

Atualmente é preciso considerar a cultura como um fator essencial nas relações internacionais. As fronteiras culturais já não são barreiras no entendimento do outro, mas são frutificadas e transformadas em vantagens para fortalecer a cooperação e a compreensão mútua entre as nações. Para relacionarmos com o outro da melhor forma possível é preciso compreender a sua cultura. Desta forma, as nossas maneiras de interagir com outras culturas evoluíram no sentido da compreensão, sendo cada vez menor a exclusão por causa de diferenças étnicas e culturais. A exclusão social ainda se manifesta em certas comunidades, mas este fenómeno está a diminuir. Tanto as políticas culturais da União Europeia como as atividades dos institutos nacionais de cultura como o ICR têm um papel crucial neste aspeto.

É ainda importante mencionar, uma vez mais o papel das redes culturais na cooperação cultural. Redes que ultrapassam as fronteiras físicas e simbólicas e aproveitam o conhecimento de cada um dos seus membros e trazem mudanças que não sendo visíveis à primeira vista, têm efeitos a longo prazo e influenciam as relações culturais. Este aspeto conduz a um progresso notável no conhecimento que, tal como foi mencionado no início do trabalho, é um valor essencial da sociedade contemporânea.

## Bibliografia

- Aiftincă, Marin. 2001. "Culture, Freedom and Democracy", em Aiftincă, Marin (ed.) *Culture and Freedom. Romanian Philosophical studies, III*. Washington D.C.: The Council for Research in Value and Philosophy.
- Bennett, Tony. 2001. *Difering Diversities. Transversal study on the theme of cultural policy and cultural diversity*. Strasbourg: Council of Europe Publishing
- Bennett, Tony. 1999. "Putting Policy into Cultural Studies", em During Simon (ed.) *The Cultural Studies Reader*. Nova Iorque: Routledge
- Bhabha, K. Homi. 1999. "The postcolonial and the postmodern. A question of agency", em em During Simon (ed.) *The Cultural Studies Reader*. Nova Iorque: Routledge
- Borzel, Tania; Risse, Thomas. 2003. "Conceptualizing the Domestic Impact of Europe", em Featherstone, K. e Radaelli, C (ed.) *The Politics of Europeanization*. Oxford: Oxford University Press
- Börzel, Tania. 1999. "Institutional Adaptation to Europeanization in Germany and Spain", em *Journal of Common Market Studies*, Vol. 37/4
- Chiappini, Ligia. "Multiculturalismo e identidade Nacional", em Martins, Maria Helena (ed.) *Fronteiras culturais: Brasil – Uruguai – Argentina*. Cotia: Ateliê Editorial
- Constantinescu, Romanița. 2008. "Border Studies – expansiunea unui câmp interdisciplinar" ("Border Studies – a expansão de um campo interdisciplinário"), em *Identitate de Frontieră în Europa Lărgită (Identidade de Fronteira na Europa Alargada)*. Bucureste: Polirom
- Contogeorgis, George. 2010. Cultural Europe and Geopolitics, em Stoica, Alina; Francfort, Didier; Csoba, Judith Simonne (ed.) *The Cultural Frontiers of Europe*. Journal of the Institute for Euroregional Studies "Jean Monnet" European Centre of Excellence
- Cowels, Maria Green et al. 2001. *Transforming Europe: Europeanization and Domestic Change*. New York: Cornwell University Press
- Cross, Maia K. David. 2011. "Falar muito, fazer pouco" em *As relações culturais da Europa com o exterior. Relatório cultural*. Stuttgart: EUNIC
- David, Doina; Florea, Călin (2007), "Archetipul cultural și conceptul de tradiție" (O arquetipo cultural e o conceito de tradição), em *The Proceedings of the European*

*Integration-Between Tradition and Modernity*. Târgu Mureș: Editora da Universidade „Petru Maior”

Drăgulescu, Emilia. 2013. *The Romanian Cultural Institute. A Need for Consistency*, disponível online <http://www.culturaldiplomacy.org/pdf/case-studies/Emilia-Delia-Dragulescu - The-Romanian-Cultural-Institute- A-Need-for-Consistency.pdf> , acedido em Junho de 2014

Eliot, T.S.. 1983. *Notes towards the definition of culture*. London: Faber and Faber

Featherstone, Kevin, Radaelli Claudio. (ed.). 2003. *The politics of Europeanization*. Oxford: Oxford University Press.

Geoana, Mircea. 2002. “The future European Union: a Romanian vision” em *Europa: Novas Fronteiras*. Nº 11, Junho de 2002:Editorial Caminho

Grunberg, Ludwig. 2000. *The Mistery of Values: Studies in Axiology*. Amsterdam – Atlanta: Rodopi B.V.

Hall, R. John; Mary Jo Neitz e Marshall Battani. 2003. ”Deconstructing the Postmodern” em Hall, R. John; Mary Jo Neitz e Marshall Battani (ed.) *Sociology on Culture*. London:Routledge

Harmse, Robert. 2000. *Europeanization: Institutions, Identities and Citizenship*. Amsterdam-Atlanta: Rodopi B.V.

Harmesen, Robers e Thomas M. Wilson. 2000. “Introduction: Aproaches to Europeanization”, em Yearbook of European Studies 14. Disponível em: [http://www.ceses.cuni.cz/CESES-93-version1-2\\_2\\_2.pdf](http://www.ceses.cuni.cz/CESES-93-version1-2_2_2.pdf), acedido em Março de 2014

Horga, Ioan; Brie, Mircea. 2010. “Europe: A Cultural Border, or a Geo-cultural Archipelago” em Stoica, Alina; Francfort, Didier; Csoba, Judith Simonne (ed.) *The Cultural Frontiers of Europe*. Journal of the Institute for Euroregional Studies “Jean Monnet” European Centre of Excellence

Ioakimidis, P.C. 2001. “The Europeanization of Greece: an Overall Assesment”, em Featherstone K., Kazamias G. (ed.) *Europeanization and the Southern Periphery*. London-Portland: Frank Cass.

Johnston, R.J. et al. (ed.). 2000. *The Dictionary of Human Geography*. Fourth Edition. Oxford: Blackwell Publishing

Johnston, R.J. et al. (ed.). 2000. *The Dictionary of Human Geography*. Fourth Edition. Oxford: Blackwell Publishing

Ladrech, Robert (1994), “Europeanization of Domestic Politics and Institutions: The Case of France” em *Journal of Common Market Studies*, Vol. 32/ 1.

Ladrech, Robert. 2010. *Europeanization and National Politics*. Basingstoke: Palgrave Macmillan.

Lian, Yang. 2011. “Mundo novo – A globalização como pedra de toque da Europa”, em *As relações culturais da Europa com o exterior. Relatório cultural*. Stuttgart: EUNIC

Longhurst, Brian et al. 2008. *Introducing Cultural Studies*. Edimburgh: Prentice Hall Europe

Lujanschi, Mioara; Neamu, Raluca. 2005. *Rețele culturale tematice* (Redes culturais temáticas). Relatório final dos trabalhos desenvolvidos pelo Forum “Redes Culturais temáticas”, organizado pelo Consultancy Center for European Cultural Programmes (CCECP) em Bucareste. Disponível em:

[http://www.cultura2000.ro/rapoarte/retele\\_culturale\\_tematice.pdf](http://www.cultura2000.ro/rapoarte/retele_culturale_tematice.pdf). acessido em Maio de 2014

Marino, Adrian. 2005. *Integrarea Romaniei. Aspecte ideologice si culturale* (A integração da Roménia. Aspectos Ideológicos e culturais), Bucareste: Polirom

Martel, Frédéric. 2011. “Arte no coração do mainstream” em *As relações culturais da Europa com o exterior. Relatório cultural*. Stuttgart: EUNIC

Martins, Maria Helena. 2002. Introdução para *Fronteiras culturais: Brasil – Uruguai – Argentina*, editado por Maria Helena Martins. Cotia: Ateliê Editorial

McGuigan, Jim. 1996. *Culture and the Public Sphere*. Londres e Nova Iorque: Routledge

Mercer, Collin, Nina Obuljen, Primorac Jaka, Uzelac Alexandra. 2012. *The Culture Strand of the Creative Europe Programme 2014-2020*. Bruxelles: European Union. Disponível em: <http://www.europarl.europa.eu/committees/en/studiesdownload.html?file=76331&languageDocument=EN> , acessido em Março de 2014

Morató, Arturo Rodríguez. 2010. “A Metamorfose do Valor Cultural na Sociedade Contemporânea: Desafios e Paradoxos” em Santos, Maria de Lourdes Lima e Pais, José Machado (ed.) *Novos Trilhos Culturais: Práticas e Políticas*. Lisboa: ICS. Imprensa de Ciências Sociais.

Moura, Vasco Graça. 2013. *A Identidade Cultural Europeia*. Lisboa: Fundação Francisco Manuel dos Santos

- Namur, Mahir. 2011. “A União de moral dupla” em *As relações culturais da Europa com o exterior. Relatório cultural*. Stuttgart: EUNIC
- Olsen, Johan. 2002. “The Many Faces of Europeanization”, em *Journal of Common Market Studies*. Vol. 40/5
- Paschalidis, Gregory. 2009. “Exporting national culture: histories of Cultural Institutes abroad”, *International Journal of Cultural Policy*, 15:3, 275-289
- Patapievic, Horia-Roman. 2011a. “Uma voz própria em sintonia com as outras” Em *As relações culturais da Europa com o exterior. Relatório cultural*. Stuttgart: EUNIC
- Patapievic, Horia Roman. 2011b. “Um balanço da reforma institucional”, *Relatório de atividade do ICR 2011*. Bucareste: ICR
- Patapievic, Horia Roman. 2008. “A Construção e Deconstrução de uma Instituição”, *Relatório de atividade do ICR 2005-2008*. Bucareste: ICR
- Pehn, Gudrun. 1999. *Networking Culture: The Role of European Cultural Networks*. Strasbourg: The Council of Europe Publishing
- Pesavento, Sandra Jatahi. 2002. “Além das Fronteiras”, em Martins, Maria Helena (ed.) *Fronteiras culturais: Brasil – Uruguai – Argentina*. Cotia: Ateliê Editorial
- Pesavento, Sandra Jatahi. 2006. “Fronteiras culturais em um mundo planetário – paradoxos da(s) identidade(s) sul-latino-americana(s)”, em *Revista del CESLA*, nº 8, Varsóvia
- Radaelli, Claudio. 2003. “The Europeanization of Public Policy” em Featherstone K., Radaelli C. (ed.) *The Politics of Europeanization*. Oxford: Oxford University Press
- Radu, Oana; Ștefania Ferchedău ed..2005. *A Short Guide to the Romanian Cultural Sector Today*. Bucareste:ECUMEST
- Ribeiro, Maria Manuela Tavares. 2010. “Europe of Unity and Diversity”, em Stoica, Alina; Francfort, Didier e Csoba, Judith Simonne(ed.) *The Cultural Frontiers of Europe*. Journal of the Institute for Euroregional Studies “Jean Monnet” European Centre of Excellence
- Rubim, Antonio Albino Canelas. 2010. “Políticas culturais e novos desafios”, em Santos, Maria de Lourdes Lima e Pais, José Machado (ed.) *Novos Trilhos Culturais: Práticas e Políticas*. Lisboa: ICS. Imprensa de Ciências Sociais.

- Santos, Maria de Lourdes Lima. 2010. “Uma panorâmica com três vertentes e duas dimensões”, em Santos, Maria de Lourdes Lima e Pais, José Machado (ed.) *Novos Trilhos Culturais: Práticas e Políticas*. Lisboa: ICS. Imprensa de Ciências Sociais.
- Schifirnet, Constantin. 2011. “Europeanization of the Romanian society and Tendentia Modernity” em *Journal of Comparative Research in Anthropology and Sociology*, Volume 2, Number 1, disponível em:  
<http://doctorat.sas.unibuc.ro/wpcontent/uploads/2011/07/Compaso2011-21-Schifirnet.pdf> ,  
 acedido em Fevereiro de 2014
- Schmieder, Allen A. et al. (ed.). 1970. *A Dictionary of Basic Geography*. Boston: Allyn and Bacon
- Schmieder, Allen A. et al. (ed.). 1970. *A Dictionary of Basic Geography*. Boston: Allyn and Bacon
- Shore, Chris. 2000. *Building Europe: The Cultural Politics of European Integration*. New York: Routledge
- Silva, Augusto Santos. 2003- Como Classificar as políticas culturais? Uma nota de pesquisa. OBS nº 12, Julho de 2003.
- Spivak, Gayatri Chakravorty. 1999. “Scattered Speculations on the Question of Cultural Studies” em Derrida, Jacques (ed.) *The Cultural Studies Reader*. Nova Iorque: Routledge
- Staines, Judith. 2011. 1996. *Network solutions for cultural cooperation in Europe*. EFAH/FEAP, The European Forum for the Arts and Heritage
- Șuteu, Corina. 2005. *Cultural Policy in South East Europe*. European Cultural Foundation. Amsterdam: Ecumest Association.
- Thorsby, David. 2001. *Economics and Culture*. Cambridge: Cambridge University Press
- Trondal, Jarle. 2005. “Two Worlds of Europeanisation – Unpacking Models of Government Innovation and Transgovernmental Imitation”, em *European Integration online Papers* (EIoP), Vol. 9, <http://eiop.or.at/eiop/pdf/2005-001.pdf>, acedido em Abril de 2014
- Vink, Maarten Peter, Graziano, Paolo (2007). “Challenges of a New Research Agenda”, em Graziano, P. e Vink, M. (Ed.), *Europeanization: New Research Agendas* (pp. 3-20). Basingstoke: Palgrave Macmillan
- Wallace, Hellen et al. 2005. *Policy-Making in the European Union*. Oxford and New York: Oxford University Press

Williams, Raymond. 1985. *Culture and Society: 1780-1950*. Harmondsworth: Penguin Books

## Outras Referências

*Council Conclusions on the Contribution of Culture to the Implementation of the Europe 2020 Strategy*. 2011. Official Journal of the European Union. Disponível em: <http://eur-lex.europa.eu/LexUriServ/LexUriServ.do?uri=OJ:C:2011:175:0001:0004:EN:PDF>, acessado em Março de 2014

*Cultural Policies and Trends in Europe. A Compendium of Basic Facts and Trends. Country profile-Romania*. ERICarts e o Conselho da Europa. Disponível em: <http://www.culturalpolicies.net/web/profiles-news.php?cid=1380>, acessado em Março de 2014

Decreto Governamental 492/2004. Disponível em: [http://www.clr.ro/rep\\_dil\\_2002/..%5Crep\\_hm%5CHG492\\_2004.htm](http://www.clr.ro/rep_dil_2002/..%5Crep_hm%5CHG492_2004.htm), acessado em Maio de 2014

Entrevista com a ex diretora do ICR Nova Iorque, Corina Șuteu. Disponível em: <http://www.romaniaculturala.ro/articol.php?cod=14722>, acessado em Junho de 2014

Entrevista com o diretor da FCR, Augustin Buzura. Disponível em: <http://www.formulas.ro/2000/411/spectator-38/spectator-1397>, acessado em Maio de 2014

Entrevista com o diretor do ICRL, Daniel Nicolescu. Disponível em: <http://www.zf.ro/ziarul-de-duminica/daniel-nicolescu-publicul-portughez-e-difcil-hachitos-stie-prea-vrea-stie-sta-treaba-cultura-altor-spatii-ispitit-proiecte-rezoneaza-sufletul-bucuros-fado-stelian-turlea-galerie-foto-12557708>, (tradução própria), acessado em Junho de 2014

Entrevista com o ex-diretor do ICR, Horia Roman Patapievici. Disponível em: [http://www.observatorcultural.ro/Institutul-Cultural-Roman-este-fie-debil-fie-neputincios.-Interviu-cu-Horia-Roman-PATAPIEVICI\\*articleID\\_12920-articles\\_details.html](http://www.observatorcultural.ro/Institutul-Cultural-Roman-este-fie-debil-fie-neputincios.-Interviu-cu-Horia-Roman-PATAPIEVICI*articleID_12920-articles_details.html), acessado em Maio de 2014

*Estratégia das prioridades para o ano 2011 e perspectivas para 2012-2014*. 2011. Ministério da Cultura e do Património Nacional. Disponível em:

[http://coalitiasectoruluiculturalindependent.files.wordpress.com/2011/08/ministerul\\_culturii\\_patrimoniului\\_national.pdf](http://coalitiasectoruluiculturalindependent.files.wordpress.com/2011/08/ministerul_culturii_patrimoniului_national.pdf), acessado em Fevereiro de 2014

*Estratégia setorial no domínio da cultura e do património nacional para o período 2014-2020*. 2013. Centro de Investigação e Consultadoria para a Cultura. Disponível em: [http://www.cultura.ro/uploads/files/STRATEGIA\\_%20SECTORIALA\\_IN\\_DOMENIUL\\_CULTURII\\_2014-2020.pdf](http://www.cultura.ro/uploads/files/STRATEGIA_%20SECTORIALA_IN_DOMENIUL_CULTURII_2014-2020.pdf), acessado em Março de 2014

Instituto Cultural Romeno. 2011. *The Romanian Cultural Institute Network in the European Union National Institutes for Culture Network (ICR in EUNIC)*. Bucureste: ICR

Instituto Cultural Romeno. 2012. *Raport de Aactivitate 2012 (Relatório de Atividade 2012)*. Bucureste: ICR

Instituto Cultural Romeno. 2013. *Raport de Activitate 2013 (Relatorio de Atividade 2013)*. Bucureste: ICR

*Manifesto of the European Cultural Networks*. Adotado pelo Forum of European Cultural Networks Bruxelas, 21 de Setembro de 1997. Disponível em: <http://www.culturelink.org/review/26/cl26ce.html#manifest>, acessado em Maio de 2014

Notícia sobre “o movimento das gravatas-borboletas”. Disponível em: <http://www.arcen.info/miscarea-papioanelor/>, acessado em Maio de 2014

Notícia sobre o evento “Freedom for lazy people”. Disponível em: <http://www.9am.ro/stiri-revista-presei/Social/100024/Scandalul-ponieiului-cu-zvastica-pe-crupa-sau-cum-sa-ii-explicii-unui-iepure-mort-pictura.html>, acessado em Maio de 2014

*Proposta de Regulamento do Parlamento Europeu e do Conselho para o Programa Europa Criativa*. 2011. Bruxelles. Disponível em: [http://www.stiriong.ro/library/files/propunerea\\_de\\_regulament\\_ce\\_europa\\_creativa.pdf](http://www.stiriong.ro/library/files/propunerea_de_regulament_ce_europa_creativa.pdf), acessado em Março de 2014

Regulamento de organização e funcionamento do ICR 2014. Disponível em: [http://www.icr.ro/files/items/15149\\_1\\_Regulament%20de%20organizare%20si%20functionare%202014.pdf](http://www.icr.ro/files/items/15149_1_Regulament%20de%20organizare%20si%20functionare%202014.pdf), acessado em Junho de 2014



Reportagem sobre o ICR. Disponível em: <http://www.revista22.ro/icr-de-la-augustin-buzura-la-lilian-zamfiroiu-28398.html>, acedido em Junho de 2014

Site oficial da EUNIC. Disponível em: <http://www.eunic-online.eu/?q=content/who-we-are>, acedido em Maio de 2014

Site oficial ICR. Disponível em: <http://www.icr.ro/bucharest/objectives-mission/>, acedido em Junho de 2014

Site oficial ICR. Disponível em: <http://www.icr.ro/bucharest/objectives-mission/programs-of-the-romanian-cultural-institute-2012-2013.html>, acedido em Junho de 2014

Site oficial ICRL – eventos. Disponível em: <http://www.icr.ro/lisboa/eventos/horia-roman-patapievici-presidente-do-instituto-cultural-romeno-em-bucareste.html>, acedido em Junho de 2014

Site oficial ICRL. Disponível em: <http://www.icr.ro/lisboa/sobre-n-s/>, acedido em Junho de 2014

Site oficial Teatro Nacional Dona Maria II. Disponível em: <http://www.teatro-dmaria.pt/pt/calendario/ta-ra-ta-tam/>, acedido em Junho de 2013

*The Contribution of Copyright-based Industries to the Romanian Economy*. 2011. Estudo do Centro de Investigação e Consultadoria para a Cultura. Disponível em: [http://www.culturadata.ro/en/?option=com\\_content&view=article&id=215%3Acontribu%C7%A2i%C5%A2iileindustriilorbasatepecopyrightlaeconomia%20rom%C3%A2n%C4%82%20-%202011&catid=59%3Acompendiumeng&Itemid=165](http://www.culturadata.ro/en/?option=com_content&view=article&id=215%3Acontribu%C7%A2i%C5%A2iileindustriilorbasatepecopyrightlaeconomia%20rom%C3%A2n%C4%82%20-%202011&catid=59%3Acompendiumeng&Itemid=165), acedido em Março de 2014

The Council of Europe. 1997. *In from the Margins*. Strasbourg: The Council of Europe Publishing. Disponível em: [http://www.coe.int/t/dg4/cultureheritage/culture/resources/Publications/InFromTheMargins\\_EN.pdf](http://www.coe.int/t/dg4/cultureheritage/culture/resources/Publications/InFromTheMargins_EN.pdf), acedido em Abril de 2014

The State of Cultural Report in Europe. 2003. Realizado pela Fundação Interarts e EFAH. Bruxelas: Comissão Europeia. Disponível em: <http://www.labforculture.org/en/resources-for-research/contents/research-in-focus/european-cultural-cooperation/report-on-the-state-of-cultural-co-operation-in-europe>, acedido em Maio de 2014

Tratado da União Europeia, Art. 2, Jornal Oficial no C191 de 29 de Julho 1992. Disponível em: <http://eur-lex.europa.eu/pt/treaties/dat/11992M/htm/11992M.html>, acedido em Março de 2014

UNESCO. 2005. *Convenção Sobre a Protecção e a Promoção da Diversidade das Expressões Culturais*. Disponível em: <http://unesdoc.unesco.org/images/0015/001502/150224por.pdf>, acedido em Março de 2014

**Anexo 1**  
**Entrevista com as assessoras do ICRL, Roxana Rîpeanu e Marinela Banioti**

## **1. Como descreve a relação entre a filial ICRL e o centro ICR Bucureste?**

**Roxana Rîpeanu:** Trata-se de uma relação de interdependência: o ICRL não pode funcionar sem o apoio financeiro do ICR Bucureste e, ao seu turno, para a divulgação no estrangeiro da cultura romena, o ICR Bucureste está fortemente ligado a cada uma das suas 18 filiais, inclusive, claro, o ICRL. Todos os projetos têm de ser aprovados pelo ICR Bucureste e, às vezes, em função de cada projeto e da sua dificuldade, este processo pode ser demorado. Para colmatar esse problema, o prazo de candidatura dos projetos a financiamento (por parte do ICR Bucureste) tem vindo a ser alongado

Compete aqui referir que este processo de candidatura ganhou visivelmente com a introdução, há já alguns anos, do sistema informático que está a ser usado. Trata-se de um sistema complexo que centraliza todos os projetos de todas as filiais, criando-se, desta forma, mais transparência entre as mesmas.

## **2. Quais são as razões pelas quais alguns projetos não são aprovados pelo conselho de Bucureste?**

**Marinela Banioti:** Um projeto pode ser recusado por várias razões:

1. Por não preencher os critérios de elegibilidade: projeto de impacto, com grande visibilidade, realizado em parceria com importantes instituições do mercado cultural local (projetos de grande envergadura, cujo financiamento é solicitado do orçamento comum)
2. Porque os custos não se justificam em comparação com o impacto preconizado. Por exemplo, a participação no festival Festim, com a Fanfara “Ciocarlia” foi recusado porque os custos de transporte de todos os membros da fanfara e dos seus instrumentos eram demasiado grandes.
3. Por não ser um projeto artístico de qualidade (os artistas não são reconhecidos a nível internacional ou pelo menos nacional – mesmo sem financiamento, alguns projetos são recusados pelo carácter duvidoso da obra artística), situação que não foi o caso do nosso Instituto.
4. Por uma filial ter o orçamento esgotado. Aconteceu o ano passado, quando tivemos a ideia de participar no Experimenta Design, que era um projeto com muito potencial, mas que não conseguimos concretizar porque o orçamento para o ano respetivo já era esgotado.
5. Por ser um projeto pertencente a um domínio artístico que foi muito bem representado no país em que a filial funciona. O ICR pede constantemente a diversificação dos projetos e a exploração de novas áreas, o que o ICRL tentou fazer também nos últimos anos.
6. Por ter como protagonistas artistas que já atuaram no ano anterior.

### **3. Considera que o orçamento anual é suficiente para cumprir os projetos propostos?**

**Marinela Banioti:** Sim, neste último ano tivemos a prova de que, com um orçamento anual que tem um plafond bastante reduzido, conseguimos obter fundos extra-orçamentais (fundos especiais dedicados a projetos de grande envergadura) que nos permitiram triplicar a quota máxima do nosso orçamento para 2014. Este ano obtivemos financiamento para 4 projetos de grande orçamento que sumam o duplo da quota máxima atribuída ao nosso instituto. Mais, com bons contatos, bons projetos e parceiros importantes consegue-se organizar projetos de impacto e sem financiamento. Para concluir, sim, uma equipa bem organizada consegue fazer sempre um ótimo trabalho, independentemente do orçamento disponível.

### **4. Quais são as principais dificuldades que se encontram na realização dos projetos?**

**Roxana Rîpeanu:** Às vezes encontramos dificuldades na colaboração com os parceiros portugueses. Esses podem não aceitar os nossos projetos por razões várias: por não terem disponibilidade no período desejado por nós; o projeto proposto não se enquadrar nos seus objetivos ou a dimensão daquele não se integrar no seu espaço. Por exemplo, o ano passado, foi recusada a exposição “Estudos sobre a cegueira” pela Fundação José Saramago por falta de espaço de exposição dos quadros. No fim de contas, o evento dedicado a José Saramago foi dividido em dois momentos: uma exposição na Galeria Millennium da Rua Augusta, uma conferência e uma exposição de book-design na Fundação José Saramago. Desta forma, a fraqueza da incompatibilidade *espaço FJS – dimensão exposição* tornou-se numa vantagem pois, na Rua Augusta a mostra teve maior visibilidade e beneficiou de um público numeroso bem como de compradores de alguns quadros.

Confrontamo-nos igualmente com dificuldades financeiras, nomeadamente quando o orçamento está muito diminuído.

### **5. Como caracteriza a relação com os parceiros portugueses?**

**Marinela Banioti:** A relação com os parceiros portugueses (fundações culturais, festivais de cinema, de música, museus, câmaras municipais, teatros, etc) tem sido ótima desde o início da criação do ICRL (em 2007). Mais, nos últimos anos, em que a crise atingiu a área cultural, as instituições portuguesas apostaram muito mais nas co-produções e desta forma tiveram interesse em abrir a programação para as participações internacionais. É importante dizer também que contamos com o extraordinário apoio da Embaixada da Roménia, que, através do seu representante máximo, o embaixador, abriu-nos portas que até o ano passado estavam fechadas: CCB, Gulbenkian.

### **6. O que significa para o ICRL fazer parte da EUNIC? De que forma esta colaboração influencia a atividade e a visibilidade do ICRL?**

**Roxana Rîpeanu:** A integração do ICRL na rede de todos os institutos culturais europeus é de máxima importância. Ao integrar os eventos EUNIC, em parceria com institutos prestigiosos (British Council, Goethe Institut, Instituto Camões, Instituto Cervantes, Institut Français, etc.), o ICRL ganha maior visibilidade, por um lado, no contexto europeu e, por outro, no âmbito internacional.

Um dos melhores eventos organizado até agora pelo *cluster* Portugal foi “A Noite de Literatura Europeia”, que, na sua segunda edição de 2014, alcançou um público de aproximadamente 2800 participantes, número esse que, em relação ao ano anterior, duplicou.

## **7. O que acha que se pode melhorar com respeito ao funcionamento do ICRL?**

**Roxana Rîpeanu:** Cada instituição está em permanente processo de melhoria. Não há instituto perfeito. O ICRL está a ficar melhor com o passar dos anos, tendo com a nova direção, duplicado ou até triplicado o número de eventos e inclusive a qualidade dos mesmos. Obviamente há sempre lugar para melhor.

Gostaríamos de ter um espaço mais central, com mais trânsito pedonal e com maior visibilidade.

**Anexo 2**  
**Projetos ICRL 2013**

Nome do projeto	Período	Local	Domínio
1) O dia da cultura romena online	15-31 de Janeiro	Facebook	Poesia e prosa romena
2) Cursos de Língua Romena	2013	A sede ICRL	Língua romena
3) Cerimónia de entrega dos títulos honorários <i>Amicus Romaniae</i>	28 de Fevereiro	O Auditório do Instituto Francês	Diplomacia pública
4) Saberes e Sabores de outras Gentes - <i>A Roménia através da tua câmara</i>	3 de Março	O Centro Cultural de Redondo/ A Câmara Municipal de Redondo	Exposição de fotografia / diplomacia pública
5) Participação na Festa da Francofonia – Concerto <i>Ponte das Almas</i>	23 de Março	O Auditório do Instituto Francês	Música
6) Proeminências – espetáculo de <i>spoken word</i>	10 de Abril	Casa Fernando Pessoa	Música e poesia
7) Nichita Stănescu – 80 anos do nascimento	2 de Abril	A sala de exposições ICRL	Poesia/ exposição/ conferência
8) Participação no Panazorean Film Festival	12-20 de Abril	AIPA – Açores	cinema
9) Conferência “Connections between Number Theory and Operator Algebras”	17-24 de Abril	IST Lisboa/ Universidade de Aveiro	matemática
10) Participação no Festival de Cinema “Indielisboa”	18-28 de Abril	5 cinemas de Lisboa	cinema
11) Conferência Continuidade na Descontinuidade - 70 anos de língua romena na Universidade de Lisboa	7 de Maio	Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa	Conferência/ exposição de fotografia



12) O dia Internacional dos Museus	18 de Maio	Casa Museu Guerra Junqueiro / CM Porto	Conferência/ música
13) A Noite da Literatura Europeia– projeto EUNIC	24 de Maio	Orpheu Café	literatura
14) O Dia dos Romenos em Portugal	26 de Maio	Museu da Cidade, Lisboa	musica/ folclore
15) Ciclo de cinema romeno em Cartaxo	7-28 de Junho	Cartaxo	cinema
16) Participação dos portugueses João Mota e Rodrigo Francisco no Festival Internacional de teatro de Sibiu	7/16 de Junho	Sibiu	mobilidade
17) Evocação de Mihai Eminescu, poeta nacional romeno no coração de Lisboa	20 de Junho	Palácio da Independência	Poesia/ exposição
18) Noite romena na Convenção Internacional Rotary em Lisboa	25 de Junho	A sala de conferências ICRL	Simpósio/ música
19) Participação no festival de Curtas de Vila do Conde	6-14 de Junho	5 espaços culturais da cidade de Vila do Conde	cinema
20) Exposição de pintura „Doubles“ de Gili Mocanu	13 de Julho – 14 de Setembro	Galeria Salgadeiras	artes plásticas
21) Comemoração dos 60 anos da morte do rei Carol II	11 de Julho	Hotel Palácio de Estoril	Exposição/ conferência/ filme documentário
22) Recital de violino e piano  Exposição “Sonoro em instantâneos”	5 de Setembro	Pequeno auditório CCB	Música/ exposição
23) “Diário de uma viagem espiritual: José Saramago na	6 de Setembro	Fundação José Saramago	Conferência/ exposição de pintura e <i>book</i>

Roménia” Exposição “Estudos sobre a Cegueira“	18 de Setembro	Galeria Millenium	<i>design</i>
24) Jornalistas portugueses no festival Internacional “George Enescu” (Bernardo Mariano – Diário de Notícias e Cláudia Carvalho – Público)	1-28 de Setembro	O festival “George Enescu” - Bucareste	mobilidade
25) Participação romena no festival de cinema “Queer Lisboa Film Festival”	20-29 de Setembro	Cinema São Jorge	cinema
26) O dia Europeu das Línguas – Projeto EUNIC	21 de setembro	EUNIC	multidisciplinar
27) Exposição „Escapes“, jovens romenos no Porto	3 de Outubro – 3 de Novembro	Casa Museu Guerra Junqueiro de Porto	Gráfica/ pintura/ fotografia
28) Cineastas Portugueses no “Astra Film Festival” (André Santos e Manuel Halpern)	14-21 de Outubro	Sibiu	mobilidade
29) Participação do pianista romeno, Mihai Ritivoiu no festival "O elogio das mãos" de Evora	11-16 de Novembro	Évora	musică
30) Roménia – Paisagens de água	7-13 de Novembro	Sala de exposições ICRL	Exposição de fotografia
31) “Ta Ra Ta Tam“ de Gigi Căciuleanu	23-24 de Novembro	Teatro Nacional Dona Maria II de Lisboa	teatro/dança
32) Dia Nacional da Roménia – Concerto Quarteto Cellissimo	2 de Dezembro, 5 de Dezembro,	Pequeno Auditório – CCB / Casa da Música do Porto	música
33) A organização da Biblioteca do ICRL	2013		Língua e literatura
34) Concertos de Natal com o coro “Theoforos”	7-11 de dezembro	Lisboa, Santarém, Setúbal e Lagos	música

